

ADRIANA SILVINA PAGANO
(Organizadora)

**METODOLOGIAS DE
PESQUISA EM
TRADUÇÃO**

FALE-UFMG
Belo Horizonte
2001

Série Estudos Lingüísticos: volume 3

Realização: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos
Lingüísticos (FALE-UFMG)

Apoio: Departamento de Letras Anglo-Germânicas (FALE-
UFMG)

Conselho Editorial

Adriana S. Pagano
Célia Maria Magalhães
Edson Nascimento Campos
Fábio Alves da Silva Júnior
Hugo Mari
Ida Lúcia Machado
José Olímpio Magalhães
Maria Antonieta Cohen
Maria Cristina Magro
Vera Lúcia Menezes
Yara Goulart Liberato

Ficha Catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

M593 Metodologias de pesquisa em tradução /
Adriana Silvina Pagano (organizadora). –
Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
172p. : il. – (Estudos lingüísticos; 3)

ISBN : 85-87470-22-5

1.Tradução e interpretação. I. Pagano,
Adriana Silvina. II.Série.

CDD : 418.02

Sumário

Agradecimentos	5
Apresentação	7
Capítulo 1	
Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais <i>José Luiz Vila Real Gonçalves</i>	13
Capítulo 2	
Medidas em tempo real para estudos experimentais em tradução: explorando o programa <i>Translog</i> <i>Rui Rothe-Neves</i>	41
Capítulo 3	
A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução <i>Fábio Alves</i>	69
Capítulo 4	
Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de <i>corpora</i> <i>Célia M. Magalhães</i>	93
Capítulo 5	
As pesquisas historiográficas em tradução <i>Adriana Silvina Pagano</i>	117
Capítulo 6	
Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados <i>Carlos Gohn</i>	147
Sobre os autores	171

Agradecimentos

Este livro surgiu a partir de conversas entre professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG, a respeito da necessidade de se contar com uma publicação que organizasse as diferentes perspectivas de estudo e metodologia de pesquisa em tradução disponíveis para os interessados em desenvolver dissertações de mestrado ou teses de doutorado nessa área. A demanda por esse tipo de publicação refletia, na realidade, o aumento no número de candidatos ao mestrado e doutorado na linha de pesquisa em tradução do Programa, bem como o crescente interesse pela área que vêm mostrando os alunos do curso de especialização em tradução da nossa Faculdade. As conversas deram lugar ao oferecimento de uma disciplina de pós-graduação, Metodologia de Pesquisa em Tradução, ministrada por mim no segundo semestre de 2000 e da qual participaram, através de palestras e workshops, os autores dos diferentes capítulos deste livro. Essencial para a construção deste volume foi, assim, o diálogo com nossos alunos e entre os pares, através do qual foram tomando forma e vida os capítulos que compõem o volume ora apresentado.

Agradecemos, pois, a todos os que de alguma forma ou outra participaram deste projeto coletivo, no qual a soma de esforços promoveu a concretização de uma publicação e o fortalecimento dos laços que nos unem como um grupo de pesquisa.

Somos profundamente gratos a Cristina Mauri, Deisa Chamahum Chaves, Marilene Martins Chaves, Márcio Dionísio

de Souza, Miriam Nazareth, Osilene Cruz e Tânia S. Lima. Nosso agradecimento é extensivo ao Departamento de Letras Anglo-Germânicas e ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG, que tornaram possível a concretização deste projeto editorial.

Os autores

Apresentação

No mundo editorial anglo-americano, existe uma espécie de ritual de passagem através do qual novas perspectivas de estudo se consolidam como campos disciplinares reconhecidos. Trata-se da publicação do *reader* ou compilação de textos considerados “fundacionais” para a área de estudo em questão. O surgimento do *reader* sinaliza para a comunidade receptora a existência de um corpo orgânico de leituras que se constituem, a partir de então, em um arcabouço teórico primário que dá suporte e história à disciplina em vias de consolidação. Foi este o caso de campos relativamente recentes tais como os Estudos Pós-Coloniais, os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, que ganharam seus *readers* nas décadas de 1980 e 1990.

No caso do nosso objeto de estudo – a tradução –, o campo dos Estudos da Tradução teve seu *reader* publicado no ano 2000, uma data significativa em termos da caminhada percorrida por essa disciplina nas últimas três décadas e também do ponto de vista das manifestações culturais em geral, tendo-se em vista o caráter de marco divisor de séculos e milênios de que se reveste esse ano específico.

A publicação do *The translation studies reader* é, todavia, mais significativa ainda, se a analisarmos como exemplo paradigmático do conceito de reescrita desenvolvido por um dos teóricos que mais marcaram o desenvolvimento dos Estudos da Tradução nestas últimas décadas, André Lefevere. Para Lefevere, a tradução devia ser estudada como um dos tantos processos de reescrita de textos, dentre os quais inclui as resenhas, a crítica, as antologias, a historiografia, os manuais e, certamente, os compêndios ou *readers*. “Toda reescrita, qualquer que seja seu propósito,” Lefevere assinala, “reflete uma certa ideologia e uma

poética (...) ela pode introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos”, gerando sempre uma nova leitura do passado. Seu poder pode ser inovador bem como conservador ou repressor e é nesse sentido que o conceito de manipulação entra em jogo, não como figura a ser condenada ou denunciada, mas antes como processo a ser analisado para uma melhor compreensão da articulação dos diversos subsistemas culturais que dão lugar às reelaborações textuais.

O *reader* lançado pela editora Routledge e organizado por Lawrence Venuti e Mona Baker ilustra, assim, um processo típico de reescrita ou, em outras palavras, de tradução, e sua análise permite observar as diretrizes, escolhas e exclusões que dão configuração ao novo mapa do campo disciplinar. Como processo de reescrita, esse volume tem a dupla função de reescrever, no contexto de um novo século, autores e textos publicados anteriormente, e de inscrever a disciplina Estudos da Tradução num mapa interdisciplinar mais amplo, apontando para as múltiplas interlocuções com outros campos do saber.

Nada mais oportuno, neste contexto de celebração dos Estudos da Tradução, que realizar um mapeamento das metodologias de pesquisa que foram se consolidando, nestes últimos anos, juntamente com o campo disciplinar da tradução. É nesse sentido que este livro se propõe a discutir algumas das metodologias de pesquisa em pauta nos Estudos da Tradução no milênio que se inicia.

O substantivo plural presente no título deste volume – *Metodologias de pesquisa em tradução* – reflete o caráter também plural de abordagens teóricas e metodológicas que os autores aqui reunidos apresentam. Seus objetos, perspectivas e estilos diversos apontam também para a multiplicidade de formas de se falar sobre a tradução, tendo-se em vista que todo objeto de estudo propõe métodos para sua análise, assim como toda metodologia revela novos aspectos sobre o objeto focado.

Nos Estudos da Tradução hoje, é clara essa permanente interação entre objetos e métodos, ao passo que se observa, também, um contínuo movimento de abordagens teóricas que levam

a novos desafios metodológicos. É este o caso no panorama das pesquisas empírico-experimentais atuais, que, como mostram José Luiz Vila Real Gonçalves, Rui Rothe-Neves e Fábio Alves, demandam formas novas e mais aprimoradas de se coletar e analisar dados.

Temos aqui um exemplo interessante de questionamento desse tipo de pesquisa nos Estudos da Tradução, baseado na peculiaridade de seu objeto de estudo. Tradicionalmente, nas Ciências Naturais, o conceito de pesquisa experimental evoluiu do seu sentido inicial, qual seja, o de pesquisa cujo resultado não se conhece de antemão, para um sentido mais estritamente técnico, ou seja, o de uma pesquisa em que os participantes são divididos aleatoriamente em grupos pelo pesquisador. Assim, o experimento seria o tipo de pesquisa que nos diz se há uma relação de causa e efeito entre dois fenômenos naturais. Nos Estudos da Tradução, a busca de um princípio único de causa não é considerada interessante ou viável. De modo que, nesse contexto, “experimento” refere-se a uma situação controlada, em que as coisas não acontecem como na vida real do tradutor. A observação do fenômeno tradutório sob essa percepção do experimental aponta para uma crescente maturidade nas reflexões metodológicas nos Estudos da Tradução.

Nesse sentido, os três primeiros capítulos deste livro convidam o leitor a conhecer algumas das opções metodológicas que têm aberto novos horizontes para o estudo do processo tradutório, um objeto de estudo reiteradamente reivindicado mas pouco desenvolvido até anos recentes. Papel significativo desempenham aqui as novas tecnologias e seu potencial para registro das decisões e reflexões que acompanham a tarefa do tradutor.

Protocolos verbais são o foco da pesquisa de José Luiz Vila Real Gonçalves, no capítulo que abre este volume, uma antiga técnica de introspecção tomada em empréstimo às ciências sociais, mas aprimorada a partir de sua aplicação no registro do processo tradutório e em interação com outros recursos tecnológicos como o vídeo e o monitor de TV. Já o segundo capítulo, de autoria de Rui Rothe-Neves, enfoca uma técnica nova, possibili-

tada pelos avanços na ciência da computação nestas últimas décadas. Trata-se do software *Translog*, verdadeiro “carbono” de nossa produção textual à medida que vamos processando o texto de partida e dando gestação à nossa tradução. Ambas essas técnicas, nos diz Fábio Alves no capítulo 3 deste livro, precisam ser articuladas no escopo de uma estrutura metodológica mais abrangente, que permita “explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva”. Dentre os instrumentos de coleta e análise de dados, Alves avalia, além de protocolos verbais e softwares, as técnicas de retrospectão tais como relatos livres ou dirigidos, as entrevistas dirigidas e questionários, a filmagem com câmaras de vídeo e o julgamento de traduções por especialistas. A partir dessas combinações, Alves propõe uma perspectiva de triangulação metodológica, ou seja, que esses diferentes instrumentos sejam utilizados conjuntamente como forma de configurarem alternativas confiáveis para a elicitación de dados processuais em contextos de tradução.

Como afirmamos acima, novas perspectivas teóricas postulam novos focos de atenção e, portanto, novos desafios metodológicos para se lidar com eles. É este também o caso das pesquisas textuais baseadas em *corpora*, como muito bem assinala Célia Magalhães no capítulo 4 deste volume. Vemos aqui também uma repercussão direta dos avanços na ciência da computação nos estudos lingüísticos e da tradução, ao possibilitarem tanto a criação e armazenagem de gigantescos bancos de dados de textos em formato eletrônico, como também o desenvolvimento de softwares de análise desses textos. Os estudos de *corpora* vêm, assim, abrir novos caminhos de reflexão sobre a tradução, dado seu caráter bivalente de metodologia de pesquisa e abordagem teórica.

Analogamente às novas tecnologias, novos olhares teóricos têm promovido, nestas últimas três décadas, mudanças significativas no estudo da contextualização da tradução. O capítulo 5, de minha autoria, apresenta algumas das principais reconfigurações nos Estudos da Tradução, sobretudo a partir do

diálogo interdisciplinar com outros campos como os Estudos Pós-Coloniais, os Estudos Culturais, e a Análise do Discurso. Especial ênfase é dada à historicidade do fenômeno tradutório e aos múltiplos enfoques passíveis de serem utilizados quando se visa examinar a inserção da tradução como prática cultural de reescrita e recontextualização de textos. Nesse sentido, paradoxalmente, a consolidação dos Estudos da Tradução no momento presente demanda a indagação do passado, isto é, a construção de uma historiografia dessa tarefa sensível à complexidade da mesma.

A sensibilidade a que nos referimos acima é abordada, num sentido mais específico, no último capítulo deste volume, capítulo síntese em termos das metodologias e abordagens teóricas apresentadas. Concentrando-se apenas num determinado tipo de texto sensível, o texto sagrado, Carlos Gohn nos guia num percurso que examina a aplicação das metodologias discutidas nos capítulos anteriores a esse seu objeto de estudo. Protocolos verbais, entrevistas, análises a partir de dados obtidos com recursos de *corpora* e estudos discursivos e históricos revelam aspectos dos textos sagrados que apenas nossa nova era de novas tecnologias e novos olhares se permite observar e problematizar, no contexto de um mundo em que a negociação de identidades e diferenças tem se tornado tão premente. Se todo objeto demanda e, ao mesmo tempo, propõe métodos de pesquisa, os métodos aplicados ao texto sagrado também desvelam novos objetos de estudo, mostrando, uma vez mais, a indissociabilidade entre objeto e metodologia.

“Toda teoria,” afirma o filósofo Rom Harré, “determina o lugar onde, em meio à multiplicidade de fenômenos naturais, devemos procurar pelas suas evidências”. No caso deste livro em particular, esperamos que as teorias aqui apresentadas e as metodologias discutidas apontem para novos lugares que nós, pesquisadores em tradução, possamos explorar em busca das evidências tão necessárias para nutrir este campo de investigação.

Adriana Silvina Pagano
Organizadora

Capítulo 1

PESQUISAS EMPÍRICO-EXPERIMENTAIS EM TRADUÇÃO: OS PROTOCOLOS VERBAIS

José Luiz Vila Real Gonçalves

Dentre os métodos de introspecção disponíveis para a coleta de dados em pesquisas empírico-experimentais, a técnica de protocolos verbais (também denominados protocolos de pensamento em voz alta) revela-se hoje como de grande potencial para o exame do processo de tradução. Incorporada recentemente pelos Estudos da Tradução, essa técnica é utilizada há algum tempo por alguns ramos das ciências humanas, principalmente pela Psicologia e, há menos tempo, também pela Lingüística, apresentando resultados bastante elucidativos no estudo de processos cognitivos.

Para começar nossa abordagem dessa técnica, vejamos a definição de protocolo verbal elaborada por Pamela Gerloff (GERLOFF, 1987:137):

Um protocolo de pensamento em voz alta é uma descrição passo a passo dos próprios pensamentos e comportamentos que um indivíduo apresenta durante a execução de uma tarefa específica.¹

¹ Minha tradução de: "A think-aloud protocol is a moment-by-moment description which an individual gives of his or her own thoughts and behaviours during the performance of a particular task".

Complementando essa definição, FÆRCH e KASPER (1987:9) explicam a natureza dos métodos de introspecção (dentre os quais se incluem os protocolos verbais), além de apresentarem um importante argumento a seu favor:

Um denominador comum para os métodos em questão [os métodos de introspecção] é que os dados por eles utilizados são as assertivas dos próprios informantes sobre o modo pelo qual organizam e processam as informações, como uma alternativa ou suplemento, a fim de inferirem-se seus pensamentos a partir de eventos comportamentais.²

Em linhas gerais, esta técnica consiste basicamente em o sujeito verbalizar todas as suas impressões, enquanto executa alguma tarefa, explicitando, assim, tomadas de decisão e estratégias de solução de problemas. O objetivo dessa metodologia é tentar inferir alguns mecanismos ou processos cognitivos através das respectivas verbalizações. Como destacam FÆRCH e KASPER, acima, o fato de o sujeito comentar e refletir sobre o modo como processa e organiza as informações mostra-se um valioso subsídio para o estudo de processos cognitivos. Assim, os protocolos verbais utilizam-se de manifestações metacognitivas para abordarem processos cognitivos. Essas manifestações metacognitivas possibilitam a apreensão de algumas importantes características dos processos investigados, as quais, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais daqueles processos. Assim, os protocolos verbais permitem maior aproximação e confiabilidade em relação ao entendimento dos processos do que as abordagens que se valem somente da análise de produtos (textos, traduções, etc).

Este capítulo pretende descrever e discutir a aplicação e a eficácia dos protocolos verbais como ferramenta de coleta de dados através de uma pesquisa realizada por mim, a qual inves-

² Minha tradução de: "One common denominator for the methods in question is that they use as data, informants' own statements about the ways they organize and process information, as an alternative or supplement to inferring their thoughts from behavioural events".

tigou processos inferenciais implementados por tradutores profissionais e em formação durante um experimento envolvendo a tradução de legendas de filmes (GONÇALVES, 1998).

Para melhor entendimento desta metodologia, serão abordados alguns artigos da obra *Introspection in second language research*, editada por FÆRCH & KASPER (1987), uma vez que aqueles trabalhos apresentam argumentos relevantes a favor do uso da técnica de protocolos verbais como método de coleta de dados para pesquisas que pretendem investigar processos relativos ao uso de segunda língua. É importante mencionar que existem, igualmente, críticas e ressalvas em relação a estes métodos. Estas serão abordadas e comentadas também neste capítulo, adiante, na seção *Protocolos verbais: críticas versus validade*.

Do produto ao processo: o uso de métodos de introspecção por FÆRCH & KASPER

No artigo “From product to process: introspective methods in second language research”, FÆRCH e KASPER comentam que a pesquisa em segunda língua evoluiu nos últimos anos em direção à maior compreensão dos microprocessos de uso e de aprendizagem/aquisição de língua, objetivando um melhor entendimento dos diferentes estágios de competência lingüística subjacente aos respectivos estágios de desempenho. Aos diferentes estágios de competência, aqueles autores denominam competência interlingüística, ou *interlanguage*. Para eles, “uma das grandes tarefas da pesquisa em segunda língua é reconstruir o desenvolvimento da *interlanguage* (IL) dos aprendizes, isto é, determinar os seus diferentes estados de competência”³ (FÆRCH & KASPER, 1987:5).

FÆRCH & KASPER também argumentam que a utilização dos métodos de introspecção possibilitou maior aproximação dos microprocessos de uso e aprendizagem de língua e, conse-

³ Minha tradução de: “One major task for SL research is to reconstruct learners’ interlanguage (IL) development, i.e. to determine their changing states of competence [...]”.

qüentemente, da competência lingüística e interlingüística. O foco mudou da análise do desempenho do sujeito por uma fonte externa àquele indivíduo (o lingüista, por exemplo) para a análise metacognitiva feita pelo próprio sujeito. Assim, com a utilização da técnica de protocolos de introspecção, o sujeito passou a fornecer uma série de dados que jamais seriam obtidos através da mera análise de produtos, uma vez que “reconstruir fenômenos não observáveis a partir de dados de desempenho sempre implicará situações em que a ambigüidade entre o produto e o processo não pode ser resolvida.”⁴ (FÆRCH & KASPER, 1987:9).

FÆRCH e KASPER apresentam, naquele mesmo trabalho, uma detalhada tipologia para classificar os protocolos verbais. Eles propõem critérios de classificação para os diferentes métodos de introspecção a partir de estudos anteriores: ERICSSON & SIMON (1980 e 1984), HUBER & MANDL (1982), COHEN & HOSENFELD (1981) e COHEN (1984). Assim, são propostas seis macro-categorias para a classificação dos métodos de introspecção: (1) Objeto de introspecção: este pode ser um aspecto cognitivo, afetivo ou social; (2) +/- relação com a ação concreta: o que é verbalizado/descrito pode ter uma relação mais ou menos direta com a tarefa executada; (3) relação temporal com a ação: a introspecção pode ser simultânea (fala-se/descreve-se a ação ao mesmo tempo em que esta é executada), consecutiva (alterna-se entre a execução e a verbalização/descrição da ação) e retrospectiva (a verbalização/descrição da ação ocorre após o término de toda a tarefa, algumas vezes havendo um lapso de tempo relativamente longo entre elas); (4) +/- treino do sujeito: pode-se preparar (em maior ou menor grau) o sujeito a fim de sensibilizá-lo para a relevância da verbalização/descrição da ação a ser executada e também a fim de reduzir a sua censura interna, direcionando-o para um determinado padrão de verbalização/descrição; (5) procedimento de incentivo à verbalização: o pesquisador pode incentivar a verbalização/descrição da

⁴ Minha tradução de: “... reconstructing unobservable phenomena from performance data will always entail situations where the ambiguity between product and process cannot be solved”.

ação de forma mais ostensiva ou deixar que o sujeito proceda de forma mais subjetiva, a fim de que haja uma menor interferência da verbalização/descrição sobre a ação; e (6) combinação dos métodos: utilização de protocolos não só simultâneos e consecutivos, como também retrospectivos (entrevistas e questionários).

Para que esta classificação seja mais bem compreendida, ela será avaliada em relação ao método de introspecção utilizado na coleta de dados da pesquisa por mim desenvolvida, o qual será descrito pormenorizadamente em uma seção posterior deste capítulo.

A seguir, são apresentadas discussões desenvolvidas em dois outros artigos contidos na obra editada por FÆRCH & KASPER (1987), que destacam a validade e a contribuição dos protocolos verbais para pesquisas na área dos estudos da linguagem.

O planejamento cognitivo na tradução por HÖLSCHER e MÖHLE

No artigo “Cognitive plans in translation”, Anke HÖLSCHER e Dorothea MÖHLE destacam que a mudança do foco, na pesquisa lingüística, da descrição dos sistemas lingüísticos para a busca do entendimento dos processos subjacentes à produção e à recepção proporcionou a valorização das investigações voltadas para o processamento de informações e para a resolução de problemas determinados por processos de planejamento consecutivo (cf. WILENSKY, 1981, *apud* HÖLSCHER & MÖHLE, 1987). Deste modo, as autoras destacam que os protocolos verbais são um instrumento eficiente no estudo desses processos, que, apesar de não possibilitarem o acesso direto a eles, permitem que sejam inferidos.

Observam, também, que a complexidade da produção na tradução, em termos de planejamento, é bastante restrita em relação à produção normal na fala, uma vez que se deve buscar na língua de chegada uma versão mais próxima possível do texto de partida. As restrições, em relação à produção, aumentam a cons-

ciência do sujeito para os processos de planejamento, o que facilita o relato verbal. Além disso, para o pesquisador, a existência de um texto de partida proporciona uma certa transparência dos processos de planejamento.

A identificação da unidade de tradução: um estudo piloto por GERLOFF

Pamela Gerloff, no artigo “Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data”, comenta que ainda se sabe muito pouco a respeito dos processos cognitivos subjacentes à tradução. Ela observa que a literatura em tradução aborda importantes questões relacionadas à sua definição, prescrição, avaliação e ao treinamento de tradutores, além de algumas tentativas de descrição em busca da explicação do processo tradutório. Entretanto, apesar da vasta literatura na área, GERLOFF afirma que pouco se sabe a respeito do processo propriamente dito. Para ela, esta limitação deve-se às metodologias usadas nas pesquisas em tradução, que, geralmente, “se apóiam [...] em medidas externas de fenômenos internos ou em observações de terceiros sobre produtos lingüísticos.”⁵ (GERLOFF, 1987:136). Assim, aquela autora explica a dificuldade para o desenvolvimento de uma teoria de tradução viável, reiterando que existem poucas informações sobre os processos tradutórios propriamente ditos. A partir de tal constatação, ela propõe que os protocolos verbais sejam uma alternativa para o desenvolvimento teórico e epistemológico dos estudos tradutórios:

Qualquer pessoa que traduza um texto é obrigada a entender o que nele está escrito (componente da compreensão do processo) e, em seguida, deve reproduzi-lo com suas próprias palavras (componente da produção). Uma vez que são esses dois fenômenos complementares que sustentam qualquer atividade de língua, nativa ou estrangeira, falada ou escrita, o que aprendemos através da pesquisa com

⁵ Minha tradução de: “... relied [...] upon external measures of internal phenomena or upon second person observation of language outcomes”.

protocolos na tradução deve ajudar-nos a desvendar questões elucidativas sobre a natureza de operações cognitivas que estão por trás da compreensão e da produção e as relações que existem entre esses dois processos.⁶ (GERLOFF, 1987:137)

Após descrever o desenvolvimento de um experimento piloto, através do qual procurava estabelecer parâmetros em relação às unidades de tradução, GERLOFF conclui que os protocolos verbais foram bastante eficientes para o estudo dos processos cognitivos relativos à tradução e afirma que as descobertas iniciais daquele estudo parecem estar em consonância com pesquisas em psicolinguística, por identificarem unidades de compreensão e produção em outros tipos de discursos falados e escritos.

Protocolos verbais: críticas versus validade

Serão apresentadas, nesta seção, algumas discussões a respeito da validade dos protocolos verbais, a fim de se demonstrar a confiabilidade e pertinência desse método de coleta de dados para pesquisas empírico-experimentais em tradução.

Sabine BÖRSCH (1986), em seu artigo “Introspective methods in research on interlingual and intercultural communication”, apresenta um breve histórico sobre os métodos de introspecção e também menciona alguns autores que fazem críticas ou apresentam restrições relacionadas à sua validade. Por outro lado, destaca diversos aspectos que corroboram a validade desses métodos. BÖRSCH comenta que, atualmente, a lingüística começa a utilizar os métodos de introspecção como subsídio empírico; entretanto, devido à pouca experiência dos lingüistas com a pes-

⁶ Minha tradução de: “Anyone translating a text is obliged both to understand what is written (the comprehension component to the process) and to subsequently reproduce it into their own words (the production component). Since it is these two complementary phenomena which underlie all language activity, native or foreign, written or spoken, what we learn from translation protocol research should help us to unravel elusive questions about the nature of the cognitive operations that lie behind comprehension and production, and the relationships that exist between these two processes”.

quisa empírica, faz-se necessário o conhecimento sobre o desenvolvimento histórico e os problemas resultantes da utilização desses métodos. Assim, aquela autora pretende oferecer uma contribuição metodológica para as pesquisas em lingüística que utilizem os métodos de introspecção.

Como psicóloga, não diretamente preocupada com a tradução, mas com uma certa experiência em pesquisa empírica (e.g. BÖRSCH, 1982, BÖRSCH & KRUMM, 1984), gostaria de limitar minha contribuição, principalmente, ao método de introspecção como tal – um método que desempenhou um importante papel no estabelecimento da psicologia experimental e também gerou tanto a extrema aceitação como a rejeição por parte de diferentes escolas de psicologia. Diferentemente de outros métodos empíricos, como o “Fremdbeobachtung” (a observação de um objeto pelo pesquisador), que é usado nas ciências naturais e também nas ciências sociais, a introspecção é um método genuinamente psicológico.⁷ (BÖRSCH, 1986:195)

Em função do caráter psicológico dos métodos de introspecção, abre-se o precedente para uma severa crítica em relação à sua validade e confiabilidade, já que se apóiam demasiadamente na subjetividade dos sujeitos. Isto porque o objeto de estudo deixa de ser analisado exclusivamente por uma entidade externa a esse objeto, o pesquisador, e passa por uma pré-análise dos sujeitos. Para alguns críticos dos métodos de introspecção, a interferência da subjetividade dos sujeitos “contaminaria” a validade dos dados, já que não é possível conhecer grande parte dos parâmetros que direcionaram os processos de pré-análise. Em resumo, segundo essa perspectiva (por exemplo, TIRKKONEN-CONDIT, 1989 e 1991), faltaria rigor científico aos métodos de

⁷ Minha tradução de: “As a psychologist not mainly concerned with translation but with some experience in empirical research (e.g. Börsch 1982; Börsch and Krumm 1984) I would like to confine my contribution mainly to the method of introspection as such – a method that played an important role in the establishment of experimental psychology and caused either extreme consent or rejection by different schools of psychology. In contrast to other empirical methods like ‘Fremdbeobachtung’ (the observation of an object by the researcher), which is used in the natural science as well as in the social sciences, introspection is a genuine psychological method”.

introspecção e estes, efetivamente, não proporcionariam acesso ao objeto de estudo.

BÖRSCH, mencionando a perspectiva da psicologia da Gestalt, apresenta as seguintes ressalvas propostas por DUNCKER em relação a esses métodos:

- as fases intermediárias dos processos de solução de problemas devem levar, muito rapidamente, a uma solução final (Endgestalt) e não são, portanto, identificáveis como distintas desta última;
- alguns pensamentos não são verbalizados, uma vez que o sujeito, por várias razões, não os considera bem-sucedidos;* (cf. DUNCKER, 1935:12, *apud* BÖRSCH, 1986:199)

BÖRSCH também apresenta alguns dos questionamentos feitos por ERICSSON & SIMON (1980) em relação às lacunas observadas nos dados obtidos através dos métodos de introspecção:

- Processos não registrados na memória de curto prazo não são relatados; estes são, por exemplo, passos detalhados de processos motores e perceptuais, freqüentemente repetidos e, portanto, automatizados.
- Quando os sujeitos “estão trabalhando sob uma pesada carga cognitiva, eles tendem a parar a verbalização ou a fornecer verbalizações menos completas.”⁹ (cf. ERICSSON & SIMON, 1980:242-244, *apud* BÖRSCH, 1986:203)

Além destas questões, BÖRSCH, através de diversos autores, levanta outras ressalvas em relação à confiabilidade dos métodos de introspecção, quais sejam: Que processos cognitivos

* Minha tradução de: “ - intermediary phases of the problem-solving process may lead very quickly to a final solution (Endgestalt) and are therefore not identified as different from it; – some thoughts are not verbalized, as the subject for various reasons does not consider them successful”.

⁹ Minha tradução de: “ - Processes not recorded in short-term memory are not reported; these are for instance detailed steps of perceptual-motor processes, often repeated and therefore automated processes.
– When subjects “are working under a heavy cognitive load, they tend to stop verbalizing or they provide less complete verbalizations.”

são passíveis de introspecção? Qual a influência da verbalização sobre o andamento dos processos? O direcionamento, em relação ao tópico da verbalização, interfere nos processos? O treinamento, em relação à técnica de verbalização, altera a natureza desta?

Procurando responder algumas dessas questões, a própria BÖRSCH apresenta o seguinte comentário:

Embora esta[s] pergunta[s] não tenha[m] sido investigada[s] empiricamente por pesquisadores inclinados a perseguir abordagens qualitativas, estes argumentam que todo tipo de observação modifica a realidade (ver, e.g., Berger, 1974). Questionam, portanto, a utilidade de definições clássicas de “objetividade” e “confiabilidade”. Tendo em vista o critério de “validade”, preferem o que chamam de “validação comunicativa”, i.e., dar aos sujeitos um novo *status*, considerando-os especialistas no que estão fazendo. Esta abordagem não faz uso de medidas objetivas. Em vez disto, focaliza a interação entre o sujeito e o pesquisador, não apenas como um fator que influencia o curso da coleta de dados, mas também na interpretação destes.

Independentemente das diferentes posições teóricas, os pesquisadores, cada vez mais, tendem a acreditar que os procedimentos de pensamento em voz alta e de auto-observação são o único modo de se acessar o que ocorre na mente dos seres humanos quando estão pensando ou agindo.¹⁰ (BÖRSCH, 1986:203)

Portanto, BÖRSCH, apesar das questões e ressalvas apresentadas, mostra-se favorável à utilização dos métodos de introspecção em pesquisas voltadas para a investigação de processos

¹⁰ Minha tradução de: “Although this question has not been investigated empirically by researchers inclined to pursue qualitative approaches, they argue that every kind of observation changes reality (see e.g. Berger 1974) and they therefore question the usefulness of classical definitions of ‘objectivity’ and ‘reliability’. With regard to the criterion of ‘validity’, they prefer what they call ‘communicative validation’, i.e. giving the “subjects” a new status by regarding them as experts in what they are doing. This approach does not make use of objective measurement but rather focuses on the interaction between subject and researcher, not only as an influencing factor in the course of gathering data, but in the interpretation of data as well.

Independent of different theoretical positions, researchers increasingly tend towards believing that think-aloud and self-observational procedures are the only way to get access to what happens inside human beings when thinking or acting”.

cognitivos relacionados ao uso de segunda língua e defende a sua validade e confiabilidade. O que aquela autora destaca é a necessidade de um melhor entendimento de tais métodos, a fim de que se faça um planejamento metodológico que proporcione a obtenção de dados pertinentes e relevantes para a compreensão mais aprofundada dos processos investigados.

Contudo, não se pretende afirmar que os protocolos verbais sejam um recurso metodológico que possibilite o acesso direto aos microprocessos lingüísticos ou inferenciais, ou mesmo à competência lingüística ou interlingüística. Por outro lado, observa-se que eles fornecem maior quantidade de dados relativos àqueles processos do que aquela obtida através da mera análise de produtos lingüísticos, permitindo, pois, uma percepção qualitativamente mais aproximada dos processos. Assim, observa-se que, com o auxílio dos protocolos verbais ou outros métodos de introspecção, o escopo e a qualidade dos produtos analisados em várias pesquisas puderam ser ampliados e, com isto, foi possível uma maior aproximação em direção aos processos.

Apesar de todas as limitações constatadas e das críticas a este método de coleta de dados, percebe-se que os protocolos verbais podem trazer grande contribuição para o estudo de determinados processos cognitivos, principalmente daqueles que não são localizados/modulares, isto é, daqueles que são globais/centrais. Uma vez que os processos centrais ocorrem, geralmente, a uma velocidade menor que a dos modulares, os primeiros estão mais sujeitos a serem apreendidos pela consciência, isto é, são passíveis de serem analisados metacognitivamente, como é o caso dos processos relacionados à competência tradutória.

Considerando a possibilidade de investigação/mensuração desses processos, a posição defendida neste trabalho é diferente da de FODOR (1983). Este último postula que um processo não localizado/modular não pode ser investigado científica ou sistematicamente. Acreditamos, por outro lado, que os métodos de introspecção possam ser uma alternativa metodológica para o estudo de processos cognitivos não-modulares, os quais são assertivamente considerados inacessíveis para FODOR (1983). Certa-

mente, esta afirmação é feita em um contexto em que o arsenal de recursos metodológicos está voltado somente para o estudo de processos automáticos e modulares. Apesar de não proporcionarem o acesso direto aos processos inferenciais, os protocolos verbais possibilitam, apoiados por um modelo teórico adequado e por provas de validade intersubjetiva, a elaboração de inferências sobre a natureza dos processos inferenciais investigados.

A seguir, será detalhado o método de coleta de dados implementado na pesquisa por mim desenvolvida.

Sobre a pesquisa realizada com voluntários da UFOP e da UFMG

Sujeitos

A pesquisa contou com a colaboração de dez voluntários, alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais) e UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais). Destes, três eram alunos do curso de graduação em Letras – Licenciatura em Língua Inglesa da FALE/UFMG que, à época, estavam cursando a disciplina **Tópicos de Língua Inglesa – Tradução**; tinham, supostamente, um nível de proficiência equivalente em língua inglesa (todos já haviam cursado, pelo menos, a disciplina Língua Inglesa IV) e nenhum deles havia tido qualquer experiência anterior com legendação¹¹ de filmes ou com a técnica de protocolos verbais. Quatro eram alunos do curso de Letras do ICHS/UFOP e estavam cursando, ou já haviam cursado, alguma disciplina de tradução (teórica ou prática); o nível de proficiência em língua inglesa era supostamente equivalente para os quatro (todos já haviam cursado a disciplina Língua Inglesa II – totalizando 240 horas/aulas), não tendo experiência anterior com legendação de filmes nem com a técnica

¹¹ O termo usualmente utilizado é **legendagem**, entretanto, preferiu-se aqui **legendação** por ser o que se encontrava dicionarizado.

de protocolos verbais. Os três últimos sujeitos eram alunos do Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG, com níveis de proficiência em língua inglesa semelhantes (já haviam terminado a graduação em língua inglesa), mas com diferentes níveis de experiência tradutória (dois traduziam profissionalmente e já haviam tido contato acadêmico e teórico com a tradução, enquanto que o terceiro só havia tido contatos informais com a tradução).

Materiais Utilizados

Foram utilizados os seguintes materiais para a realização do experimento: 1 aparelho de videocassete com controle remoto, 1 aparelho de TV, 1 fita de videocassete contendo a versão original, em inglês, do filme *The Fisher King* (escrito por Richard LaGravanese, dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst), duas folhas com instruções (na primeira etapa só foi usada a primeira delas; GONÇALVES, 1998: Anexo I), reprodução escrita na língua de partida (inglês) dos dois segmentos traduzidos (um para cada uma das etapas; Idem, ibidem: Anexo II), um gravador micro-cassete m-425 da marca Sony, fitas micro-cassete de áudio, um lápis, uma borracha, um dicionário bilíngüe inglês-português, um dicionário monolíngüe inglês-inglês, um dicionário monolíngüe inglês-inglês de *phrasal verbs* (ver referências bibliográficas) e dois tipos de formulários impressos para a apresentação final da tradução escrita das legendas (um para cada uma das etapas; Idem, ibidem: Anexos III e VI).

Tarefas Propostas

O experimento constou de duas etapas. Entre estas etapas, alguns dos sujeitos participaram de uma exposição verbal, em que o pesquisador apresentou algumas informações teóricas e empíricas sobre os limites impostos à tradução de legendas; quatro dos sujeitos não participaram da exposição, ficando como grupo de controle. As informações veiculadas nessa exposição

estão esquematizadas no Anexo IV de GONÇALVES (1998), que reproduz o material entregue aos sujeitos antes da respectiva exposição verbal.

Na primeira etapa do experimento, os sujeitos traduziram (do inglês para o português), em formulários próprios (GONÇALVES, 1998: Anexos III e VI), o segmento inicial (00'00" - 01'50" – transcrição no Anexo II, idem, ibidem) do filme mencionado acima, levando em consideração as instruções apresentadas pelo pesquisador (Idem, ibidem: Anexo I). Eles assistiram ao segmento destacado para ser traduzido, tendo liberdade de avançar, retroceder ou parar a exibição do mesmo quando e o quanto desejassem. Tiveram como suporte a reprodução escrita das falas dos personagens contidas no texto de partida e também puderam utilizar os dicionários disponíveis, caso sentissem necessidade. Ao traduzir, os sujeitos implementaram a técnica de protocolos verbais, isto é, emitiram impressões em relação aos processos decisórios de tradução (as instruções dadas pelo pesquisador, no início da primeira etapa do experimento, tiveram o objetivo de esclarecer as eventuais dúvidas dos sujeitos em relação a essa técnica); as verbalizações foram gravadas em fita micro-cassete. Foi estabelecido um tempo limite de duas horas para cada sujeito fazer a tradução.

Em relação às características do tipo de verbalização implementada pelos informantes nesta pesquisa, será apresentada aqui a respectiva classificação, segundo a categorização proposta por FÆRCH e KASPER (1987), descrita no início deste capítulo.

Considerando-se o objeto de introspecção (1), pode-se dizer que este: (a) é cognitivo, em oposição a afetivo ou a aspectos sociais; (b) usa o conhecimento procedimental e também o declarativo — o conhecimento procedimental é o intermediário entre o conhecimento declarativo (suposições alocadas na memória de longo prazo) e o desempenho macro-processual do sujeito; (c) combina diferentes modalidades de uso de língua (recepção *versus* produção, fala *versus* escrita); e (d) trabalha com aspectos contínuos do processo, em oposição a aspectos específi-

cos, uma vez que se pede aos sujeitos que verbalizem, o máximo possível, tudo o que pensarem e decidirem fazer ao traduzir, não delimitando o espectro da verbalização. Observa-se, nas verbalizações feitas, uma maior (+) relação com alguma ação concreta (2), em oposição à relação com ações mais abstratas, podendo estas últimas ser, eventualmente, observadas. Em se tratando da relação temporal com a ação (3), a modalidade mais observada é a verbalização consecutiva (ou retrospectiva imediata) — o sujeito verbaliza imediatamente ao realizar a ação — mas observa-se, também, a verbalização consecutiva retardada (ou retrospectiva retardada) — alguns sujeitos apresentam seus comentários após a realização de etapas maiores da ação. FÆRCH e KASPER também apresentam a verbalização simultânea — a verbalização ocorre ao mesmo tempo em que o processo enfocado. Entretanto, esta última modalidade de verbalização não é considerada válida para os propósitos da pesquisa, já que os processos relacionados à verbalização simultânea não se encontram disponíveis para a consciência metacognitiva, isto é, para as memórias de médio e longo prazos, mas só para a memória de trabalho. Com relação ao treino do sujeito (4), este é mínimo (-), uma vez que as instruções descrevendo e preparando o sujeito para a implementação desta técnica são dadas na hora do experimento. Os procedimentos de incentivo à verbalização (5) trazem os seguintes aspectos: (a) o grau de estruturação é pequeno, tendo em vista que o direcionamento para respostas específicas quase inexistente, sendo um pouco maior na segunda fase do experimento; (b) o auxílio externo à memória é grande (+), uma vez que os sujeitos têm à sua disposição dicionários e uma fita de vídeo com o material a ser traduzido, com liberdade irrestrita de uso; (c) a ação dá-se basicamente em função da iniciativa própria — apenas em raros casos, alguns sujeitos recorrem ao pesquisador para solucionar problemas; (d) a interação com o pesquisador, como foi comentado no item (c), é rara (-) e, entre os diferentes sujeitos, inexistente; (e) a integração entre verbalização e ação é elevada (+), o que se observa na maioria dos estudos que utilizam esta técnica; daí a necessidade da análise dos dados ocorrer dentro do contexto da

ação; e (f) a interferência da verbalização sobre a ação é maior (+) no início do experimento, reduzindo-se (-) à medida que o sujeito familiariza-se com a idéia de pensar em voz alta. Finalmente, em relação à combinação de métodos (6), pode-se dizer que é grande (+) nesta pesquisa, já que, como se comentou anteriormente, não foi feito um planejamento a fim de se produzirem modalidades específicas de verbalização em detrimento de outras. Procurou-se deixar uma grande margem de liberdade quanto ao modo de verbalização de cada sujeito, além de se utilizarem questionários de caráter retrospectivo, nos quais os sujeitos tiveram oportunidade de acrescentar comentários sobre as tarefas realizadas.

Na segunda etapa, os sujeitos traduziram (do inglês para o português), em formulários próprios (GONÇALVES, 1998: Anexos III e VI), o conteúdo verbal de outro segmento selecionado do mesmo filme utilizado na primeira etapa (03'50" - 04'32" - transcrição no Anexo II, idem, ibidem), levando em consideração as instruções apresentadas pelo pesquisador (Idem, ibidem: Anexo I). Novamente, assistiram ao segmento destacado para ser traduzido, tendo liberdade de avançar, retroceder ou parar a exibição do mesmo quando e o quanto desejassem. Tiveram como suporte a reprodução escrita das falas dos personagens contidas no texto de partida e também puderam utilizar os dicionários disponíveis, caso sentissem necessidade. Novamente, foi utilizada a técnica de protocolos verbais, como na primeira etapa do experimento. Mais uma vez, as verbalizações foram gravadas em fita micro-cassete e o tempo limite estabelecido foi também de duas horas para cada sujeito.

Após o término da segunda etapa, o pesquisador entregou a cada sujeito um questionário (Idem, ibidem: Anexo V) com questões relativas à sua formação em língua inglesa e em tradução, e às eventuais dificuldades encontradas durante o experimento.

Roteiro do Experimento

a) Nas duas etapas, o pesquisador apresentou as instruções oralmente e também deixou uma folha impressa com as res-

pectivas instruções para cada sujeito (os sujeitos realizaram o experimento em momentos diferentes).

b) Dadas as instruções, marcou-se o início da contagem de tempo. O pesquisador saiu da sala, deixando que o sujeito executasse as tarefas sem nenhum acompanhamento.

c) O pesquisador voltava à sala quando o sujeito solicitava a ele que esclarecesse alguma dúvida, quando o sujeito avisasse que havia terminado de fazer a tradução, ou quando o período de duas horas houvesse se esgotado.

Contextos Físicos

Para os sujeitos da UFMG, o experimento foi realizado na sala nº 4105, situada no quarto andar da FALE/UFMG. Naquela sala, havia uma mesa com cadeira, onde cada sujeito executou a tradução e as respectivas verbalizações diante de um *rack* com televisão e vídeo, que foi colocado do lado oposto às janelas, de modo que o movimento no corredor oposto não chamasse a atenção dos sujeitos durante a execução do experimento. A etapa intermediária (exposição de informações sobre legendação) foi ministrada aos sujeitos, na sala de aula 4069, no quarto andar da FALE/UFMG, juntamente com os outros alunos da disciplina **Tópicos de Língua Inglesa – Tradução**, no próprio horário da aula, às 8 horas do dia 18 de novembro de 1996.

Para os sujeitos da UFOP, o experimento foi realizado na então sala de vídeo do Laboratório de Pesquisa em Letras (LPL) do ICHS/UFOP, em Mariana. Naquela sala, havia uma mesa com cadeira, onde cada sujeito executou a tradução e as respectivas verbalizações, diante de um armário com televisão e vídeo. Neste caso, as janelas encontravam-se à direita do sujeito e não havia nenhum movimento que pudesse, eventualmente, chamar a atenção dos sujeitos. A etapa intermediária (exposição de informações sobre legendação) foi ministrada naquela mesma sala, às 14 horas do dia 20 de novembro de 1996.

A Justificativa do Método

Em Relação aos Sujeitos

Na escolha do número de sujeitos (dez, neste caso), levou-se em conta um número que pudesse apresentar resultados significativos e que fosse operacionalmente viável para o dimensionamento da pesquisa. Quanto ao perfil dos sujeitos, procurou-se, inicialmente, trabalhar somente com alunos de graduação da UFMG que estivessem cursando a disciplina de tradução mencionada acima. Entretanto, isto não foi possível, já que, naquele grupo, somente três alunos tiveram disponibilidade para participar. Desta forma, procuraram-se outros voluntários no Curso de Letras da UFOP. No Instituto de Ciências Humanas e Sociais daquela Universidade, existe um curso de Bacharelado em Tradução. Nesse caso, quatro voluntários participaram como sujeitos. Como não se conseguiram mais sujeitos que estivessem cursando disciplinas de tradução, optou-se por chamar voluntários que já tivessem tido algum contato com tradução. Assim, os últimos sujeitos foram três alunos do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG, dois dos quais com experiência prática e teórica em tradução, e o terceiro, por outro lado, sem experiência formal como tradutor.

Como se vê, não foi alcançado um perfil homogêneo em relação ao que se pode chamar de competência tradutória para os sujeitos. Mesmo em relação à competência lingüística na língua de partida, que se pretendeu supostamente semelhante, observou-se uma significativa variabilidade no desempenho dos sujeitos. Esta heterogeneidade, indesejada inicialmente, não representou um problema, uma vez que a avaliação de parâmetros como competência lingüística e tradutória é difícil de ser feita de forma rigorosa. Assim, pressupõe-se a heterogeneidade dos sujeitos dentro de um espectro um pouco mais amplo do que o da homogeneidade idealizada inicialmente, uma vez que todos os dez sujeitos, supostamente, tinham

um nível mínimo de proficiência na língua de partida (inglês), pelas próprias exigências curriculares dos respectivos cursos. Nove deles já haviam tido contato teórico e/ou prático com a tradução em diferentes níveis, mas nenhum dos dez havia tido contato com a tradução de legendas de filmes, nem com a técnica de protocolos verbais.

O grupo de controle foi idealizado para que se avaliasse o grau de influência, sobre os processos inferenciais, das informações teóricas e empíricas expostas na etapa intermediária do experimento, isto é, para que se verificasse até que ponto aquelas informações realmente interfeririam nos processos inferenciais e, em consequência disto, nas características da priorização/omissão de informações na legendação empreendida pelos diferentes sujeitos.

Em Relação aos Materiais Utilizados

Os materiais foram escolhidos procurando simular, tanto quanto possível, as condições reais de legendação de filmes: os formulários utilizados reproduzem o padrão ideal de legenda para a TV (regra dos seis segundos proposta por d' YDEWALLE et al, 1987), com 64 caracteres em legendas de 2 linhas, correspondendo a 32 caracteres por linha; na segunda etapa do experimento, a introdução da variável 'sincronia' teve o objetivo de acrescentar um elemento crucial para a legendação de filmes, a fim de que se observassem seus efeitos em relação à natureza das inferências e das tomadas de decisão por parte dos sujeitos; a utilização de lápis, ao invés de caneta, teve o objetivo de facilitar as eventuais correções que os sujeitos quisessem fazer no texto de chegada; o gravador micro-cassete apresentou a vantagem de gravar uma hora de cada lado da fita, isto é, duas horas de gravação por fita, o que não seria possível com os gravadores de tamanho convencional; as folhas de instruções, para eventuais consultas, foram deixadas, uma vez que as instruções dadas pelo pesquisador poderiam ser esquecidas, ou mesmo não terem ficado muito claras (os sujeitos não tinham familiaridade com os procedimentos pro-

postos); os três dicionários foram selecionados a fim de cobrirem um amplo espectro de eventuais problemas lexicais e pragmáticos com a língua de partida.

Na escolha do filme e dos trechos deste, foram levados em consideração os seguintes aspectos: a) optou-se por um filme que apresentasse situações com densidade verbal relativamente alta, que levassem os sujeitos a empreender processos de priorização/omissão de informações durante a tradução; b) os trechos selecionados foram bastante curtos, para que os sujeitos tivessem tempo suficiente para empreender a tradução refletindo, com maior profundidade, sobre os processos de tomada de decisão e solução de problemas, o que aumentaria a possibilidade de se perceberem evidências sobre os processos inferenciais enfocados; e c) escolheram-se dois trechos no início do filme, tendo em vista que a eventual utilização de trechos posteriores poderia ocasionar perda de informação contextual para os sujeitos que não tivessem visto o filme antes.

Em Relação às Tarefas Propostas

As tarefas foram idealizadas a fim de que os sujeitos tivessem um breve contato com o contexto da tradução de legendas de filmes. Através da técnica de protocolos verbais, isto é, através das verbalizações implementadas durante o experimento, pretendeu-se obter indícios sobre processos inferenciais e sua influência sobre a priorização/omissão de informações na produção do texto de chegada. A exposição apresentada entre as duas etapas do experimento teve o objetivo de interferir no ambiente cognitivo do sujeito, isto é, no contexto a partir do qual se traduzia, para que se avaliassem as alterações quantitativas e qualitativas, principalmente, em relação a priorização/omissão de informações.

Em relação às instruções dadas em cada uma das duas etapas (conforme pode-se observar no Anexo I de GONÇALVES, 1998), é importante destacar o seguinte: 1) “a tradução deve ser

feita nos formulários próprios” – procurou-se, com esta instrução, apresentar uma situação semelhante a da tradução de legendas; 2) “não separar as palavras em sílabas” – através da observação de grande número de filmes legendados, constatou-se que esta prática não é usual, certamente, por dificultar a leitura; 3) “marcar a mudança de interlocutor com travessão, quando na mesma legenda” – esta instrução foi feita em função de observações empíricas de filmes legendados em geral; 4) “ser conciso, o máximo possível” – com esta instrução, procurou-se apresentar uma das orientações básicas da tradução de legendas, chamando a atenção para as conseqüências da não observância desta orientação; 5) “não traduzir a ficha técnica apresentada no início do filme” – geralmente o conteúdo da ficha técnica não é traduzido e, dada a limitação de tempo, preferiu-se, de antemão, desincumbir os sujeitos de traduzi-la, já que não se vislumbrou nenhum elemento significativo para esta pesquisa a partir da sua eventual tradução; 6) “verbalize o máximo que puder, com o mínimo de censura interna” – com relação a esta instrução, pretendeu-se mostrar aos sujeitos os reais objetivos desta pesquisa, inclusive explicando-lhes como os dados seriam trabalhados, a fim de que os mecanismos de censura interna não interferissem demasiadamente sobre o processo investigado (neste item, também foram apresentadas instruções em relação à operação do gravador); 7) “utilizar os dicionários caso sinta necessidade” – esta instrução parece redundante, já que os dicionários encontravam-se sobre a mesa em que os sujeitos estavam trabalhando, mas foi incluída porque as instruções impressas serviram de roteiro para a orientação apresentada verbalmente pelo pesquisador; 8) “fazer a tradução a lápis” – o objetivo desta instrução foi facilitar as eventuais correções que o sujeito fizesse ao longo do experimento e evitar a perda de tempo com a tarefa de passar o texto de chegada a limpo à caneta; e 9) “tempo limite de duas horas” – esta instrução teve o objetivo de determinar um limite para a execução do experimento e, conseqüentemente, induzir o sujeito a estabelecer estratégias de planejamento e execução para a tradução.

Em relação às instruções exclusivas para a segunda eta-

pa, podemos observar o seguinte: 1) “observar as mesmas instruções dadas na primeira etapa” – esta instrução foi apresentada a fim de remeter os sujeitos à folha de instruções da primeira etapa, que estava à disposição também na segunda etapa e que foi, novamente, apresentada verbalmente pelo pesquisador; 2) “marcar a entrada e saída das legendas no espaço próprio do formulário” – introduziu-se, assim, o fator “sincronia”, que não fora considerado de forma sistemática na primeira etapa (informações a respeito desta variável foram previamente veiculadas através da exposição feita pelo pesquisador aos sujeitos, excluindo-se os que fizeram parte do grupo de controle); e 3) “lembrar que, ao verbalizar, você estará explicitando processos decisórios de tradução” – com esta instrução, pretendeu-se sensibilizar os sujeitos para a importância da verbalização para a percepção dos processos investigados, procurando reduzir ainda mais o nível de censura interna.

O questionário, entregue após o término da segunda etapa do experimento, teve o objetivo de levantar alguns aspectos relativos à competência lingüística dos sujeitos na língua de partida e outros relativos à competência tradutória. Serviu também como parâmetro de aferição para algumas informações obtidas através das verbalizações.

Em relação aos Contextos Físicos

Na escolha dos ambientes (contextos físicos) utilizados para o experimento, foram levados em consideração os seguintes aspectos: operacionalização (era necessário um local onde houvesse disponíveis os equipamentos necessários ao experimento, ou para onde pudessem ser levados, e que estivesse disponível nos momentos em que os sujeitos fariam as traduções); e privacidade (era necessário um local onde houvesse um determinado nível de isolamento acústico a fim de que o sujeito ficasse suficientemente à vontade para implementar as verbalizações). As duas salas escolhidas, uma na FALE e outra no ICHS, atenderam a estas especificações.

A seguir, serão apresentadas algumas amostras dos dados obtidos na pesquisa, além de alguns aspectos da análise e dos resultados.

Alguns Resultados e Análises

Como dados primários, a pesquisa obteve o seguinte: a transcrição de 20 sessões de verbalização, 2 para cada um dos sujeitos (uma em cada etapa), os formulários com as traduções, que foram posteriormente digitados para quantificação dos dados, o registro da data e do tempo despendido em cada sessão, os dez questionários (um de cada sujeito), além dos textos de partida. A partir das transcrições, foi possível estabelecerem-se categorias relacionadas aos diversos processos envolvidos nas tarefas executadas, que já seriam consideradas dados secundários: total de palavras verbalizadas (PV), palavras verbalizadas em relação ao texto de partida (PTP), palavras verbalizadas em relação ao texto de chegada (PTC), palavras verbalizadas em comentários (PC), o número de vezes que se recorreu ao filme (F) e o número de vezes que se recorreu aos dicionários (D). A seguir, reproduz-se a tabulação desses dados.

TABELA III - DADOS SOBRE AS VERBALIZAÇÕES

Sujeito	ETAPA 1							ETAPA 2						
	T	PV	PTP	PTC	PC	F	D	T	PV	PTP	PTC	PC	F	D
1	02:05	2.518	428 (17%)	1.301 (52%)	963 (38%)	48	17	01:57	5.347	547 (10%)	2.370 (44%)	2.541 (48%)	46	9
2	01:19	3.908	364 (9%)	730 (19%)	2.942 (75%)	15	3	00:54	3.019	183 (6%)	292 (10%)	2.587 (86%)	8	3
3	01:55	2.278	118 (5%)	1.637 (72%)	576 (25%)	14	8	00:55	1.340	274 (20%)	512 (38%)	570 (43%)	22	4
4	02:00	2.053	411 (20%)	1.514 (74%)	221 (11%)	13	15	01:10	1.903	479 (25%)	833 (44%)	705 (37%)	20	9
5	00:37	776	114 (15%)	346 (45%)	397 (51%)	28	1	00:26	561	111 (20%)	115 (21%)	337 (60%)	21	0
6	01:53	1.324	119 (9%)	101 (8%)	1.136 (86%)	9	4	01:20	1.162	46 (4%)	296 (25%)	824 (71%)	(?) 2	(?) 0
7	01:45	3.743	317 (8%)	2.247 (60%)	1.287 (34%)	22	16	01:00	1.995	126 (6%)	782 (39%)	1.113 (56%)	30	12
8	01:23	2.715	101 (4%)	1.265 (47%)	1.391 (51%)	13	4	01:25	2.193	102 (5%)	372 (17%)	1.743 (79%)	33	4
9	00:55	3.188	387 (12%)	1.031 (32%)	1.889 (59%)	9	1	00:45	3.637	441 (12%)	601 (17%)	2.757 (76%)	27	3
10	01:05	0	0	0	0	(?) 2	(?)	00:39	0	0	0	0	19	(?)

(GONÇALVES, 1998:68)

TABELA IV - DADOS SOBRE O TEXTO DE CHEGADA

Sujeito	ETAPA 1					ETAPA 2				
	folhas	legendas	linhas	palavras	caracteres	folhas	legendas	linhas	palavras	caracteres
1	2	14	28	1941	1037 ²	2	10	17	83	477
2	3	21	41	160	910	1	6	12	52	297
3	4	25	48	185	1.064	2	8	14	63	314
4	3	21	41	182	1.027	1	7	13	60	354
5	3	19	37	155	865	1	5	10	48	286
6	2	15	30	124	695	1	5	10	43	266
7	4	27	44	213	1.214	2	10	20	99	581
8	5	27	46	168	902	2	10	13	53	283
9	4	23	46	191	1.069	2	9	14	60	347
10	4	25	41	172	946	2	12	15	58	341

(GONÇALVES, 1998:68)

A partir da tabulação dos dados, foi desenvolvida uma análise estatística utilizando a metodologia do **Teste-T de Student** (WOODS et al, 1986), que verifica se duas médias são significativamente distintas. O valor que foi submetido à análise estatística foi a relação entre o número de caracteres do texto de chegada e o número de caracteres do texto de partida (este último tendo um valor fixo). Devido às restrições impostas à tradução de legendas de filmes, o texto de chegada mais conciso é considerado o mais adequado, obviamente não se levando em consideração os outros aspectos semânticos e pragmáticos. A partir da análise estatística, constatou-se que não houve uma variação significativa entre o desempenho dos dois grupos na primeira ou na segunda etapa; entretanto observou-se uma variação estatisticamente significativa **apenas** para o comportamento do grupo principal (o que foi exposto às informações sobre legendação antes da segunda etapa).

O fato de não se verificar uma diferença significativa entre os dois grupos na segunda etapa não invalida a hipótese de que o “treinamento” gerou uma interferência no comportamento do grupo principal em função da variação da competência tradutória geral e específica em legendação daqueles sujeitos. Como se comentou acima, houve uma variação no comportamento do grupo principal da primeira para a segunda etapa e, ainda que tal variação não tenha sido suficientemente significativa para distinguir os dois grupos na segunda etapa, os resultados sinalizam uma tendência a favor da hipótese.

Na discussão dos resultados, observou-se que os fatores utilizados como diferenciadores dos dois grupos foram **fracos**. Ainda que se tenha tentado controlar as outras variáveis de forma sistemática, isto não foi suficiente para tornar a variável enfocada fortemente diferenciadora para o comportamento dos dois grupos, já que o “treinamento” aplicado teve o efeito de fazer com que os sujeitos do grupo principal implementassem muito mais *conhecimentos declarativos* do que *conhecimentos procedimentais* (cf. FÆRCH & KASPER, 1987) em relação à competência tradutória em legendação. Os *conhecimentos procedimentais* são aqueles que efetivamente contribuiriam para a solução de problemas específicos. Os *conhecimentos declarativos* representam a base para o desenvolvimento dos *procedimentais*, mas as tarefas desenvolvidas no experimento da pesquisa de Gonçalves geraram uma diferenciação pequena nestes últimos, o que significa um aumento relativamente pequeno nas competências em questão.

Conclusões

Como se pôde observar pelas discussões desenvolvidas sobre a pesquisa apresentada, a técnica de protocolos verbais mostra-se uma valiosa ferramenta metodológica para a coleta de dados em pesquisas que pretendem obter uma maior quantidade e qualidade de dados relativos a processos cognitivos, em especial àqueles envolvidos na tradução. Ainda que os protocolos não sejam uma radiografia dos processos estudados, verificou-se que a sua utilização permite a percepção de aspectos cognitivos que, com a análise exclusivamente fundamentada em produtos (textos), seria inviável. Além disto, os protocolos permitem aos pesquisadores maior profundidade e confiabilidade nas observações e análises desenvolvidas. Assim, a conjugação dos protocolos verbais com outras metodologias, para a obtenção de dados nas pesquisas em tradução, parece ser um caminho promissor para o aprofundamento da compreensão dos processos tradutórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, H. *Untersuchungsmethode and soziale Wirklichkeit*. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.
- BÖRSCH, S. Introspective methods in research on interlingual and intercultural communication. In: HOUSE, J. & BLUMKULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Narr, 1986.
- BÖRSCH, S. *Fremdsprachenstudium – Frauenstudium?* Tübingen: Stauffenberg, 1982.
- BÖRSCH, S. & KRUMM, H.-J. *Fremdsprachenunterricht an der Hochschule*. Alsbach: Leuchtturm Verlag, 1984.
- COHEN, A. Studying second-language learning strategies: how do we get the information? *Applied Linguistics*, s.l. n. 5, p. 101-112, 1984.
- COHEN, A. & HOSENFELD, C. Some uses of metalinguistic data in second language research. *Language Learning*, s.l. n. 26, p. 45-66, 1981.
- COHEN, A. Studying second-language learning strategies: how do we get the information? *Applied Linguistics*, s.l. n. 5, p. 101-112, 1984.
- COHEN, A. & HOSENFELD, C. Some uses of metalinguistic data in second language research. *Language Learning*, s.l. n. 26, p. 45-66, 1981.
- COURTNEY, R. *Longman dictionary of phrasal verbs*. Essex: Longman, 1983.
- DUNCKER, K. *Zur Psychologie des produktiven Denkens*. Berlim: Springer, 1935.
- D'YDEWALLE, G. et al. Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling. In: O'REGAN, J. K. & LÉVY-SCHOEN, A. (Ed.). *Eye movements: from physiology to cognition*. North-Holland: Elsevier Science Publishers B. V. 1987. p. 313-321.
- ERICSSON, K. A. & SIMON, H. A. Verbal reports as data. *Psychological Review*, s.l. n. 87, p. 215-251, 1980.

- FÆRCH, C. & KASPER, G. From product to process: introspective methods in second language research. In: _____ (Ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 3-23.
- FODOR, J. A. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT, 1983.
- GERLOFF, Pamela. Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think aloud protocol data. In: FÆRCH, C. & KASPER, G. (Ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 135-158.
- GONÇALVES, J. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. Belo Horizonte: 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- HÖLSCHER, A. & MÖHLE, D. Cognitive plans in translation. In: FÆRCH, C. & KASPER, G. (Ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 113-134.
- HOUAISS, Antônio. *Webster's – dicionário inglês-português*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- HUBER, G. L. & MANDL, H. (Ed.). *Verbale Daten*. Beltz: Weinheim and Basel, 1982.
- LaGRAVANESE, R. *The Fisher King*. (filme dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst) s.l. Tri-Star Pictures, s.d.
- LONGMAN DICTIONARY OF ENGLISH LANGUAGE AND CULTURE*. Essex: Longman, 1992.
- TIRKKONEN-CONDIT, S. & S. CONDIT (Ed.). *Empirical studies in translation and linguistics*. Joensuu, 1989.
- TIRKKONEN-CONDIT, S. (Ed.). *Empirical research in translation and intercultural studies*. Tübingen, 1991.
- WILENSKY, R. Meta-planning: representing and using knowledge about planning in problem solving and natural understanding. *Cognitive Science*, s.l. n 5, p. 197-233, 1981.
- WOODS, A. et al. *Statistics in language studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Capítulo 2

MEDIDAS EM TEMPO REAL PARA ESTUDOS EXPERIMENTAIS EM TRADUÇÃO: EXPLORANDO O PROGRAMA *TRANSLOG*

Rui Rothe-Neves

Este capítulo traz um exemplo de pesquisa empírica em tradução, em que se buscam conhecer alguns detalhes do trabalho de tradutores com informações colhidas durante o processo de traduzir. Enfoca-se principalmente o *Translog*, um programa de computador que permite registrar, tecla a tecla, todo o processo mecânico de escrita de um texto. Desenvolvido pela equipe de Arnt L. Jakobsen, da Escola de Administração de Copenhague (Dinamarca), o *Translog* permite utilizar o registro do processo de várias maneiras. Com ele, podemos recolher dados para investigação do surgimento de uma tradução em tempo real, tendo acesso, por exemplo, ao tempo de realização da tarefa, às hesitações do tradutor, suas soluções e correções.

Para melhor explicitar a importância do *Translog* como instrumento de coleta de dados, vamos rever primeiramente alguns aspectos metodológicos da pesquisa em tradução, com exemplos da abordagem que se convencionou chamar “processual” ou “cognitiva”. Esta abordagem enfoca os processos mentais envolvidos na tarefa de traduzir e as características cognitivas necessárias a ela. Ao final do capítulo, apresento alguns resultados da pesquisa que venho desenvolvendo sobre algumas habilidades utilizadas na tarefa de traduzir um texto.

Aspectos metodológicos

Natureza da disciplina

De modo amplo, fala-se em Estudos da Tradução para mencionar estudos sobre tradução, dos mais variados tipos. Num sentido estrito, segundo uma proposta de HOLMES (1972, recentemente republicado como HOLMES, 2000), o termo “Estudos da Tradução” se refere a uma disciplina que tem a tradução por objeto. TOURY propõe que se estude a tradução considerada como “qualquer enunciado da língua-alvo que seja apresentado ou considerado como tal na cultura-alvo, quaisquer que sejam os motivos” (TOURY, 1985 *apud* KOLLER, 1992:206). Esta definição é útil, pois com ela escapamos da tautologia tradicional de que “tradução é passar um texto de uma língua para outra” (ou noutra formulação semelhante). Note-se que é esta a origem etimológica do termo “tradução” e, portanto, seu sinônimo e não uma definição (problema discutido por PYM, 1993). Portanto, quando estudamos textos publicados como tradução, não nos interessa, *a priori*, julgar se são ou não boas traduções; isto será possível quando conhecermos as características pelas quais se incluiu determinado texto específico dentre o tipo de texto que chamamos tradução. Pelo mesmo motivo, os critérios de avaliação da qualidade de uma tradução devem ser, eles mesmos, objeto de estudo.

Natureza do problema

Uma maneira de estudar as características desse tipo de texto considerado como “tradução” é investigar se traduções são produzidas de maneira diferente do que outros textos. Foi o que fez, por exemplo, ALVES (1996) ao investigar as seguintes questões: Quais os passos mentais realizados por alguém que traduz um texto? São distintos de quem escreve sem traduzir? Podemos dizer que esse tipo de problema de pesquisa é específico dos Estudos da Tradução, pois representa um enfoque próprio que não se confunde com a lingüística aplicada ou a crítica literária.

Por razões que serão esclarecidas adiante, a definição do problema a ser investigado é a primeira e a mais importante etapa de um projeto de pesquisa, especialmente quando se trata de estudos sobre a cognição. Em função do problema, podemos escolher a teoria que (no momento) melhor explica o fenômeno ou processo em que estamos interessados e o método que nos permitirá recolher informações para contribuir (positiva ou negativamente) com essa explicação. É a delimitação apropriada do problema a ser tratado que nos guia pelas próximas etapas de operacionalização, planejamento, coleta de dados e análise.

Operacionalização

A definição do problema de pesquisa, no entanto, ainda não é suficiente para começar uma pesquisa baseada em dados da vida real. Dados para a pesquisa empírica advêm de observações e experimentações. Na observação, registramos o que nos parece ser importante numa manifestação do fenômeno que estamos estudando. Na experimentação, manipulamos estritamente alguns poucos fatores, cancelando ou controlando os outros. Nesta área, não se compreende “experimento” tal como nas Ciências Naturais. Na experimentação procuramos criar uma situação controlada, em vez de observar a vida cotidiana dos tradutores. Embora ainda não conheçamos todos os fatores importantes na tradução, os que vamos estudar tem de ser isolados de alguma maneira.

No nosso caso, estamos interessados em conhecer como os textos são traduzidos. Para chegar às informações que nos interessam, podemos, por exemplo, pedir a profissionais do ramo que nos deixem filmar seu dia de trabalho, registrando assim aspectos presentes na ocasião em que alguém traduz um texto — a bem conhecida “observação naturalística” (SÉGUINOT, 1988, 1997 e GIBB, 1985, *apud* TIRKKONEN-CONDIT, 1986:26). A fita de vídeo nos mostrará coisas úteis ao nosso problema — em quanto tempo a pessoa realizou a tarefa, quantas vezes recorreu ao dicionário, etc. No entanto, nem tudo o que registrarmos será

importante — por exemplo, se esta pessoa calçava sapatos ou chinelos. Ou seja, se não fizermos a escolha correta do que registrar, poderemos coletar dados inúteis ou perder informações preciosas para a questão que estamos estudando.

Numa pesquisa, precisamos decidir o que é importante verificar, isto é, quais as variáveis da pesquisa. Depois de defini-las, é preciso ainda decidir o que observar, uma vez que processos ou características mentais não são diretamente observáveis. Tecnicamente, à transformação de conceitos em entidades mensuráveis chamamos “operacionalização”.

Para exemplificar a operacionalização, consideremos uma formulação geral do seguinte problema que constitui objeto de minha pesquisa: que características cognitivas são importantes para o desempenho da tarefa de traduzir um texto? Suponhamos que aquele colega, em cujo escritório instalamos a câmara de vídeo, se disponha a colaborar numa pesquisa para responder a essa questão acima e pedimos a ele para traduzir um texto. Precisamos especificar quais “características” vamos estudar e o que esperamos medir. Note-se que ele ou ela não terá nenhuma maneira de interferir em suas próprias características, que já essas são o resultado de sua história pessoal, de seu desenvolvimento, etc. Por isso, dizemos que elas constituem variáveis independentes. Além disso, precisamos definir como medir seu desempenho na tarefa de tradução. Trocando em miúdos, a variável que manipulamos é independente da ação do participante da pesquisa. São as condições da pesquisa que afetarão o desempenho do participante. Neste ponto, devemos decidir que medidas utilizar para as características e para o desempenho.

Medidas

É importante comentar, neste momento, os tipos de medidas que podemos obter de um processo cognitivo (Tabela 1), o que faço adaptando para a tradução informações que TOMMOLA & LINDHOLM (1995:122-123) reuniram para a interpretação simultânea.

processos cognitivos envolvidos na tradução. Para estudar o esforço cognitivo durante a interpretação simultânea, HYÖNÄ, TOMMOLA & ALAYA (1995) utilizaram uma técnica que consiste em medir o diâmetro relativo da pupila de quem interpreta um texto. Quando alguém começa a fazer um esforço mental, o diâmetro de sua pupila aumenta involuntariamente. Comparando o diâmetro relativo da pupila, TOMMOLA e seus colegas conseguiram mostrar o nível de esforço mental que é exigido pela interpretação simultânea, em comparação a situações de escuta simples e repetição do texto na língua original.

Medidas em tempo real indiretas são aquelas feitas durante o processo, mas que podem sofrer alteração por interferência do participante. Uma medida indireta está relacionada a algo que não é o processo investigado, mas serve de indício a este. Pesquisadores interessados em processos cognitivos, não apenas em estudos sobre tradução, normalmente medem o tempo de execução da tarefa como um indicador de sua dificuldade de processamento ou complexidade. Em várias ocasiões foi possível demonstrar que quanto mais difícil uma tarefa cognitiva, mais tempo será gasto para realizá-la (GERNSBACHER, 1994). Obviamente, o tempo diz respeito à complexidade do processo mental apenas se o participante da pesquisa colaborar, seguindo as instruções de se concentrar na tarefa, em vez de se ocupar de assuntos que nada tem a ver com a pesquisa. Por isso, esse tipo de medida é chamado de “indireta”.

Um grande desafio atual é produzir medidas objetivas para a pesquisa em tradução. No entanto, deve-se dizer que, ao contrário das medidas subjetivas, as medidas objetivas produzem dados que precisam ser interpretados pelo pesquisador, com base em sólidos motivos teóricos. Dentre os exemplos que vimos, a interpretação da duração de uma tarefa mental envolve certamente mais pressupostos (que podem ser falhos) do que uma pergunta como “você achou o texto difícil de traduzir?”.

Voltando ao nosso problema, provavelmente o tempo de realização da tarefa será a medida mais indicada para o desempenho. Poderíamos cronometrar, a partir do vídeo, o tempo que

nosso amigo passou traduzindo o texto. Com alguma sofisticação, poderíamos registrar a tela do processador de texto em que nosso amigo traduz, de modo a recolher informações sobre a duração da tradução de cada frase ou parágrafo. Quanto às características do tradutor, medidas interessantes podem ser a idade, o tempo de profissão, a proficiência em línguas estrangeiras, se traduz ou não para sua língua materna e assim por diante. Quanto ao registro, teríamos de decidir se devemos medir ou não o tempo utilizado em conversas telefônicas e outras tarefas, importantes ao desempenho profissional e talvez úteis à caracterização psicológica.

Mesmo que tenhamos uma idéia segura de *o que* medir como índice de certas características e de que o tempo de duração da tarefa indica características do desempenho, não podemos esquecer que qualquer estudo será sempre muito limitado em virtude do tempo e das condições de que dispomos para realizá-lo. Além do mais, para algumas pessoas ou em determinadas situações, o texto a ser traduzido pode exigir mais ou menos tempo. De modo que o problema acima deve ser reformulado, especificando-se exatamente o que vamos ter como medidas para as variáveis, levando em consideração em que situação pretendemos estudá-las. A definição da situação faz parte do planejamento ou delineamento do estudo.

Planejamento

O planejamento de uma pesquisa se refere à distribuição dos fatores que achamos estar envolvidos nos resultados. Se estamos interessados na dificuldade oferecida por um tipo de texto, podemos pedir ao nosso amigo para traduzir não um, mas dois textos de diferentes níveis de dificuldade. Como a mesma pessoa traduziu os dois textos, os fatores individuais (memória, experiência profissional etc.) terão o mesmo efeito sobre a variável dependente nos dois casos, o que anulará o efeito — ou seja, os fatores estarão controlados. Se estamos interessados naquilo que torna a tradução uma tarefa distinta de outras, podemos pe-

dir ao nosso amigo que realize uma tradução e uma outra tarefa semelhante. E se estamos, como eu, interessados em fatores individuais, podemos pedir que não um, mas dois amigos traduzam o mesmo texto. As informações que vamos recolher em cada um desses planejamentos nos permitirão dizer que as diferenças encontradas na variável dependente são devidas às variáveis independentes.

Em resumo, na abordagem cognitiva somos forçados a considerar produtos ou atributos dos processos cognitivos, uma vez que eles não são diretamente observáveis. Esta especificidade exige cuidados metodológicos importantes, que não podem ser abandonados sob pena de nos custar a pesquisa (de GROOT, 1997, SÉGUINOT, 1996 e GILE, 1991). Os pressupostos da pesquisa devem ser claros o suficiente para sofrer um rigoroso escrutínio. E os problemas a ser abordados devem ser bastante bem delimitados. Questões muito gerais, tais como a maneira como uma comunidade estabelece convenções lingüísticas — no âmbito do que TOURY (1995) chama de “normas de tradução” — podem ser de difícil operacionalização. Além disso, o planejamento do estudo deve potencializar o efeito da nossa variável independente e minimizar o de outras, que não nos interessem.

Investigando a tradução em tempo real

Métodos de coleta de dados

Podemos fazer agora algumas considerações sobre a coleta dos dados, principalmente no que se refere à coleta de medidas em tempo real. A fita de vídeo que registra o dia de trabalho do nosso amigo tradutor nos permite investigar a tradução em tempo real, observar o surgimento de uma tradução. O próximo passo é transformar a fita em um conjunto de dados (as nossas medidas). Para isso, precisamos de um método de transcrição que cumpra algumas exigências: deve ser válido, factível e aceito.

Um método válido é um método que permite fazer o que você quer — medir o que você diz que mede. No nosso hipotéti-

co caso, parece não haver problemas em demonstrar que o relógio do vídeo realmente está calibrado de modo a nos permitir cronometrar os mínimos detalhes em termos de tempo. Um cronômetro digital de pulso não seria válido se estamos interessados no tempo de tradução de cada frase, porque poderíamos não ser capazes de acioná-lo com a precisão necessária.

Um método factível é um método possível e disponível. Para estudarmos as áreas cerebrais ativas durante uma tarefa mental, nada melhor do que a ressonância magnética. Mas com ela não podemos estudar a tarefa mental “tradução” porque esta certamente envolve processos fisiológicos que duram mais de um segundo e a ressonância magnética só permite “ver” até um segundo. Estudar tradução com ressonância magnética, então, não é factível.

Se formos utilizar, além do tempo, outras medidas que exijam transcrever movimentos — se em vez de tradução de texto estivermos interessados na interpretação simultânea do português para a língua brasileira de sinais — não encontraremos um método que seja aceito por muitos outros pesquisadores como um método válido (mas ver GRAVES, 1996). Para ser aceito, outros pesquisadores na área também devem ter utilizado com êxito o mesmo método.

No caso do estudo hipotético que nos serve de exemplo, vimos que o uso do vídeo é válido, se usarmos o cronômetro do equipamento, e é factível e geralmente aceito. Porém apenas será válido porque nosso estudo se resume ao desempenho de um único participante. Se quisermos estudar um grupo de alunos traduzindo textos diferentes durante o período de um ano — um estudo longitudinal — teremos dificuldades para coletar dados de todo esse material em vídeo. Por causa do método que estamos utilizando, à medida que aumenta o material coletado, aumenta também (e muito) a probabilidade de registrar erros na nossa coleta devido à manipulação do material pelo pesquisador. Superar isso é importante na construção de métodos válidos de coleta de medidas objetivas. E é justamente aqui que entra o *Translog*.

O programa *Translog*

O *Translog* é um programa de computador que registra tecla a tecla todo o percurso de escrita de um texto (JAKOBSEN, 1999a, b). Especialmente criado para o estudo da tradução, o *Translog* oferece ao pesquisador a possibilidade de recuperar informações sobre cada momento da produção de um texto. O histórico da produção é armazenado sob a forma de um arquivo [.log] que pode ser recuperado de diversas maneiras. Para o participante da pesquisa, porém, o que se vê é um simples editor de texto - o *Writelog*, face gêmea do *Translog*.

O *Writelog* possui duas janelas dispostas na horizontal, sendo o texto original apresentado na janela superior e a tradução digitada na inferior (Fig.1). O *Writelog* permite também o acesso a um dicionário específico para o texto a ser traduzido, armazenado pelo próprio pesquisador juntamente com o texto original. Assim, cada acesso ao dicionário é registrado pelo programa. Por meio do *Translog*, o pesquisador pode controlar ainda o modo e o tempo de apresentação do texto original ao participante.

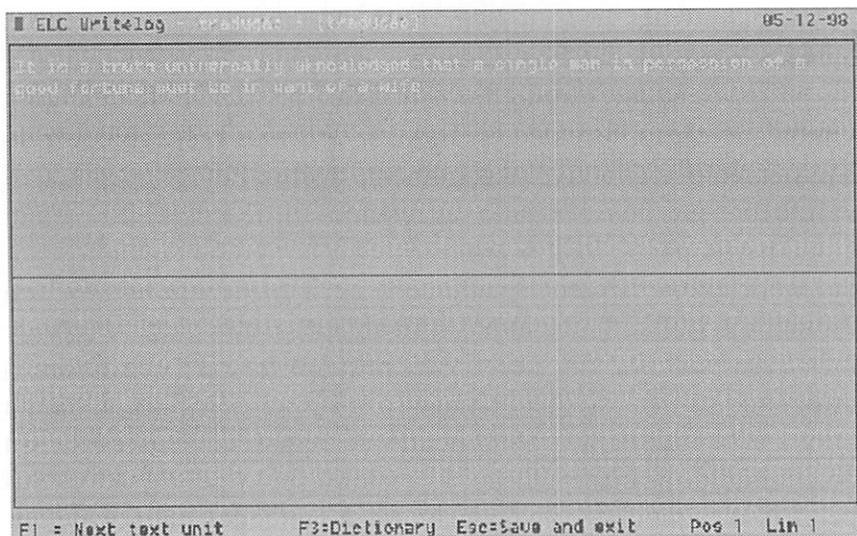


FIGURA 1 – Tela do *Writelog* com texto original (1ª frase de *Pride & Prejudice*, de J. Austen) e janela para tradução.

Uma vez registrado o processo, o pesquisador pode repassar toda a produção em tempo real ou armazenar o registro da produção e o texto final em formato texto. Por meio do registro da produção, o pesquisador tem acesso imediato a informações sobre todas as teclas utilizadas pelo participante, a frequência de acesso ao dicionário, o tempo total de produção, de pausas e o momento de apresentação de unidades do texto original, no caso de se haver selecionado a opção de apresentação do original pelo participante.

Considere-se um exemplo de registro feito na minha pesquisa (FIG.2). Aqui, o participante provavelmente utilizou a estratégia de ler primeiro o texto, representada pela longa pausa antes de começar a escrever. Outras pausas longas foram registradas imediatamente antes da tradução da oração relativa e ao final da frase. O participante realizou ainda poucas correções no que escreveu, representada pelos caracteres [<<<] que simbolizam “backspace”.

```

--- TRANSLOG  Log file - code ---

Participant   : UFOP1
Log file      : T1.LOG
Source text   : Austen, Pride
Keystrokes total : 1583
Dictionary lookups: 0
Time lapse   : 00.31.26,97

Time unit     : 0.50 sek.

[*:80.30]É**.*uma.*verdade.uni**ver**sa*lm*e*nte.conh*eci*da[*:19.83].[*:35.65]que.***os**.***<<<*um.ho*m*em****. [*:9.72]mil**<<<***m*uito.ri*c*o****.***p*re**ci*s*a.ser****. [*:7.25]qu*a*ndo.*quer.***arra*n**jar.*uma.*e*s*p*osa[*:13.52]

```

FIGURA 2 — Exemplo de registro do processo de tradução
(1ª frase de *Pride & Prejudice*, de J. Austen)

O *Translog* opera em sistema DOS, o que torna razoavelmente confiável o registro do transcurso de tempo durante o processo, em centésimos de segundos. O DOS exige também muito pouco em termos de equipamento. Mas nem tudo são flores. O *Translog* apresenta ainda algumas inadequações técnicas, que certamente serão superadas na medida em que diversos pesquisadores o utilizarem. HANSEN (1999) apresenta uma espécie de manual do programa, além de reunir alguns estudos realizados com o *Translog*.

É importante registrar que o *Translog* não é o primeiro programa idealizado para registrar o surgimento de uma tradução. JAKOBSEN (1999b) cita ainda outros dois programas muito parecidos. Antes dele, TOMMOLA (1986) já descrevera um programa com o mesmo objetivo, porém tecnicamente bastante inferior, com o qual não chegou a produzir pesquisas. É desse artigo a idéia original, do meu ponto de vista bastante importante, de abordar a tradução como um processo de produção de texto — e não apenas como transmissão de uma língua a outra — para cuja investigação o *Translog* traz muitos recursos.

Não apenas sobre os acontecimentos vinculados ao processo de tradução (tais como pausas, correções etc.) se pode fazer inferências utilizando as informações do *Translog*. Como o programa produz dados quantitativos confiáveis, é possível investigar sistematicamente relações que não se mostram de imediato. Por exemplo, a influência relativa de algumas capacidades cognitivas no desempenho do tradutor, questão a que estou me dedicando. Apresento a seguir alguns resultados de um estudo que fiz como parte de uma pesquisa mais ampla e ainda em andamento, de modo a ilustrar o uso do *Translog*.

Um estudo sobre características cognitivas do tradutor

O objetivo desse estudo foi saber como o desempenho na tradução sofre influência de três características sabidamente envolvidas na tradução: conhecimento de língua estrangeira (doravante L2), experiência prévia com microcomputadores (PC)

e memória de trabalho (MT). Memória de trabalho é definida como a capacidade de manter uma informação cognitivamente ativa e processar ao mesmo tempo essa ou outra informação (GOLDMAN-RAKIC, 1996).

No modelo dual de habilidades de CATTELL (1963), distinguem-se dois tipos de fatores gerais de habilidades. A “inteligência cristalizada” se manifesta naquele conjunto de habilidades adquiridas por experiência, enquanto a “inteligência fluida” pode ser vista no desempenho que não é afetado pela história da pessoa. Assim, podemos dizer que L2 e PC fazem parte da inteligência cristalizada e nossa MT participa da inteligência fluida. Por sua vez, a MT pode ser compreendida pela ação conjunta de três fatores mais básicos: velocidade de processamento, capacidade de armazenamento de informações e capacidade de coordenação de atividades.

Planejamento do estudo

Para saber como essas características cognitivas influenciam especificamente a tradução, é preciso avaliar sua influência também sobre outras tarefas. Na pesquisa ora relatada, o desempenho dos participantes foi verificado em quatro tarefas distintas: leitura em inglês, cópia e redação em português e tradução do inglês para o português. O problema de pesquisa foi formulado especificamente como: *Em que medida L2, PC e MT são importantes para o desempenho da tarefa de traduzir um texto? Se o desempenho for distinto entre as tarefas, poderemos saber em que medida traduzir é diferente de copiar, redigir e ler (tarefas envolvidas na tradução).*

Este foi um estudo descritivo, planejado para avaliar o grau de relação entre diversas medidas tomadas em um mesmo grupo de pessoas. As relações que nos interessam estão explicitadas abaixo (FIG.3). Um objetivo secundário foi verificar a adequação dos materiais e do procedimento de coleta de dados planejados. O estudo foi realizado em Outubro e Novembro de 1999, nas dependências e com a valiosa colaboração de professores e

alunos do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Mariana/MG.

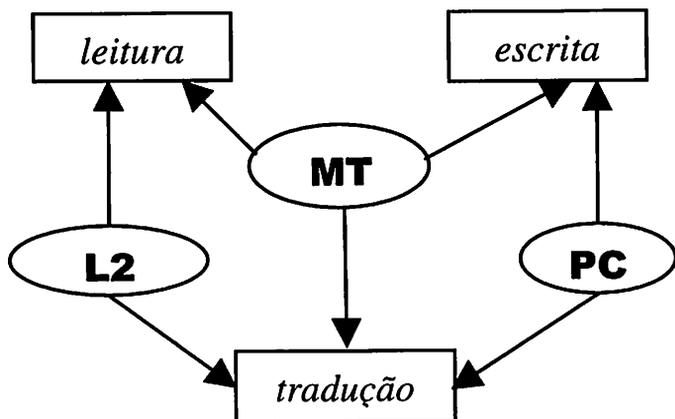


FIGURA 3 — Modelo geral de investigação

Métodos

Participantes: 36 alunos de duas turmas do curso de Letras (bacharelado em Tradução e licenciatura em Língua Inglesa) da UFOP. Todos os participantes, à exceção de uma aluna, eram falantes nativos do português (L1) e aprenderam como L2 o inglês. Para análise, consideraram-se apenas os testes e questionários completamente preenchidos, de um total de 22 alunos (61%), todos falantes nativos do português. Os participantes informaram ter em média 26,14 anos de idade (DP 7,13); tempo de uso de PC de 2,73 anos (DP 2,72) a 6,15 horas/semana (DP 7,44); 5,57 anos de envolvimento com L2 (DP 3,34). A Tabela 2 apresenta outras características interessantes da amostra (“moda” é o valor mais freqüente e “DP” refere-se ao desvio-padrão, uma medida de homogeneidade da amostra).

TABELA 2

Estatísticas descritivas: dados demográficos (medidas discretas)

CARACTERÍSTICA	CATEGORIA	N	%
sexo	feminino	15	68,2
profissão do sujeito	não-relacionado	11	50
	estudante	10	45,5
	produção de texto	1	4,5
usuário de PC		16	72,8
desconforto com PC		10	45,5
experiência no exterior		7	31,8
outras línguas	nenhuma	18	82
	latina	2	9
	anglo-germânica	2	9
trabalha(ou) com tradução		3	13,6

Tarefas e Materiais: Os participantes preencheram um questionário de informações demográficas (Q1; Tabelas 2 e 3) e outro, referente à tarefa de leitura em L2 (Q2, não apresentado aqui), além das tarefas que utilizam estímulos verbais da Bateria de Avaliação da Memória de Trabalho (BAMT-UFMG; ROTHE-NEVES, 2000) e a tarefa de código (WISC). Para avaliação do desempenho, os participantes realizaram as seguintes tarefas, adaptadas da literatura específica:

- 1) Cópia: consiste em copiar 16 frases em português (L1), utilizando o *Writelog*. Cada frase contém apenas três palavras de três a quatro letras cada. Os participantes foram instruídos a se certificarem de que cada frase foi copiada corretamente antes de passar para outra frase.
- 2) Redação: os participantes foram solicitados a descrever em L1 uma figura complexa representando três cenas na praia, no prazo fixo de (5) minutos. Seus textos foram registrados no *Writelog*.
- 3) Leitura: Os participantes foram solicitados a ler a 1ª página do 1º capítulo do livro *Pride & Prejudice*, de Jane Austen, utilizando a técnica de “leitura auto-con-

trolada”. A técnica consiste em apresentar um segmento do texto numa tela de computador, por meio de um programa específico (no caso, o *Leonline*, desenvolvido na FALE/UFMG). O próprio participante, acionando uma tecla previamente definida, promove a apresentação de cada segmento seguinte; o toque da tecla aciona também um marcador de tempo, que registra o tempo transcorrido entre dois acionamentos de tecla — um índice do tempo que o participante levou para ler o segmento. O texto em questão tem 303 palavras. Os participantes não foram informados de que o mesmo texto deveria ser traduzido na tarefa seguinte. Após a leitura, os participantes responderam a Q2.

- 4) Tradução: Em seguida, os participantes traduziram o texto acima de L2 para L1 utilizando o *Writelog*. Esse texto foi escolhido por já ter sido utilizado anteriormente em estudo sobre o processo de tradução (ALVES, 1997) e os resultados poderiam ser comparados. Durante a tradução, os participantes puderam utilizar apenas o dicionário do programa, alimentado com quase a metade das palavras do texto.

Definições de medidas: para variáveis independentes, utilizaram-se como medidas as respostas aos questionários e tarefas. Para medir o desempenho a partir do registro no *Translog* e *Leonline*, foi preciso estabelecer medidas relativas, definidas a seguir, a fim de comparar tarefas diferentes.

- 1) Tempo médio de toque (TMT): o período de trabalho efetivo necessário, em média, para realizar um toque;
- 2) Tempo médio por caracteres (TMC): o período necessário, em média, para processar (ler ou redigir) um dos caracteres constantes no texto final;
- 3) Tempo médio por orações (TMO): o período necessário, em média, para processar uma oração;

- 4) Taxa de fluência (TF): a proporção de tempo realmente utilizado para produção;
- 5) Taxa de correção (TC): a proporção de correções realizadas durante a tarefa.

Para chegar a TMT, excluiu-se o tempo de pausa e incluíram-se as correções, enquanto para TMC incluiu-se o tempo de pausa e as correções foram excluídas. Assim, TMT pode nos indicar o esforço mecânico do processo de escrita, enquanto TMC já nos dá uma idéia do esforço cognitivo envolvido na tarefa. TMO permite comparar redação, leitura e tradução; TMC permite comparar todas as tarefas e as demais medidas não permitem incluir a leitura nas comparações. O tempo total de realização das tarefas, a quantidade de caracteres, bem como cada pausa realizada, foram fornecidos automaticamente; o cômputo das variáveis dependentes foi realizado manualmente.

Procedimento: Todas as tarefas foram realizadas no decorrer de duas aulas, no horário de praxe de cada disciplina, em salas que permitiam a utilização de computadores. No primeiro encontro, realizaram-se as tarefas computadorizadas, nesta ordem: cópia, redação, leitura, tradução (Q2 foi preenchido logo após a leitura). No segundo encontro, realizaram-se as tarefas de lápis-e-papel (BAMT e código) e preencheu-se Q1.

Resultados

Para facilitar a análise, a questão formulada acima foi subespecificada, levando em consideração qual método de análise mais adequado para determinado aspecto. Não se verificaram diferenças significativas devidas a sexo e turma nem nas variáveis independentes nem nas dependentes, de modo que os participantes foram tomados como sendo apenas um grupo.

1) O desempenho diferiu entre as tarefas, em termos das variáveis dependentes?

Essa questão pode ser respondida comparando-se os resultados de cada medida entre todas as tarefas, conforme a Tabela 3.

TABELA 3
Comparação das médias das variáveis dependentes
(*k* amostras relacionadas)

MEDIDAS (n=22)	TAREFA				COMPARAÇÃO	
	Cópia	Redação	Leitura	Tradução	W	χ^2
TMT (em segundos)	0,215 (0,033)	0,190 (0,055)	-	0,165 (0,047)	,324	14,273
TMC (em segundos)	0,859 (0,226)	1,108 (0,444)	0,24 (0,073)	1,984 (1,164)	,920	60,709
TMO (em segundos)	-	39,624 (22,078)	6,868 (2,089)	69,911 (34,993)	,917	40,364
Taxa de correção	0,179 (0,101)	0,3926 (0,2483)	-	0,494 (0,153)	,510	22,455
Taxa de fluência	0,326 (0,09)	0,329 (0,082)	-	0,205 (0,08)	,638	28,091

NOTA - O número entre parêntese indica o desvio-padrão.

As comparações são altamente significativas ($p < 0,001$), o que nos permite concluir que as tarefas exigem desempenhos diferentes, tal como se os mediu. Comparações de cada medida em cada par de tarefas (teste de Wilcoxon), mostraram ainda que essas diferenças são específicas. No par cópia-redação, a diferença em TF não é significativa ($Z = -0,276$; $p = 0,783$) — o que quer dizer que, para produzir sua escrita nessas tarefas, os participantes utilizaram proporções semelhantes do tempo total. O par cópia-redação mostrou ainda pequena diferença quanto a TMT ($Z = -1,997$; $p = 0,046$) e TMC ($Z = -2,549$; $p = 0,011$) — ou seja, o esforço mecânico e o esforço mental no mesmo âmbito foram comparáveis. O par redação-tradução diferiu pouco em TMT ($Z = -2,029$; $p = 0,042$) e TC ($Z = -2,256$; $p = 0,024$). Todas essas diferenças foram significativas ao nível de 95% ($p = 0,05$). Todas as demais comparações foram extremamente significativas ($p < 0,001$), sendo TMO a única medida em que todas as tarefas diferiram significativamente.

2) Qual a influência relativa das variáveis independentes sobre o esforço mecânico (TMT) e o esforço cognitivo medido no mesmo nível (TMC)?

Já vimos que o desempenho tal como medido por TMT e TMC foi bastante semelhante para algumas tarefas. Vemos abaixo a relação entre as variáveis independentes e essas medidas em tarefas distintas, expressa pelo coeficiente de correlação parcial (FIG. 4).

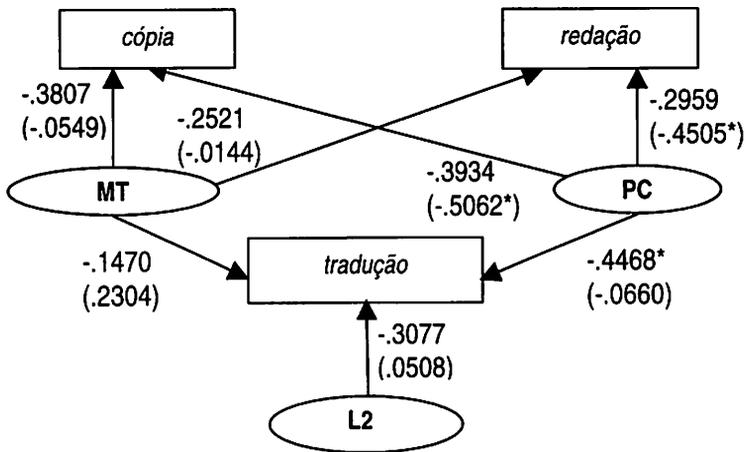


FIGURA 4 – Correlações entre fatores cognitivos e tarefas, nas medidas:

L2 - tempo informado de L2

MT - índice MT

PC - tempo informado de experiência com PC vs. TMC (TMT)

O coeficiente de correlação parcial expressa, por meio de um número entre -1 e 1, o grau de relação entre apenas duas variáveis, controlando a influência de outras. Quanto mais próximo de 1, maior é o grau de relação, que pode ser direta (1) ou inversa (-1); 0 indica que não há nenhuma relação entre duas

variáveis. A correlação não permite fazer inferências sobre causa e efeito entre as variáveis, mas, no nosso caso, é razoável supor que MT, L2 e PC causem diferenças no desempenho e não o contrário.

Houve poucas correlações significativas ($p > 0,05$). O tempo informado de PC relacionou-se significativamente ao esforço mecânico, medido por TMT (entre parênteses), mais na cópia (-0,5) do que na redação (-0,45), e essa relação é inversa: quanto mais tempo de PC, menor o esforço. Se tomarmos TMC como medida, que inclui esforço cognitivo (fora dos parênteses), a relação de PC com cópia e redação foi em níveis insignificantes, mas aumentou com a tradução (-0,44).

O tempo informado de L2 teve relação praticamente nula com o esforço mecânico, sendo muito mais importante em relação ao esforço cognitivo. Ainda assim, a relação entre PC e TMC foi maior do que entre L2 e TMC. Para dizer em termos conceituais, para esses participantes sua experiência com computadores foi muito mais decisiva do que seu tempo de L2 para o desempenho que incluiu esforço cognitivo.

A memória de trabalho, representada pelo índice BAMT, relacionou-se muito mais com o esforço cognitivo do que com o mecânico na cópia e na redação — o que seria de se esperar. No entanto, na tarefa de tradução o padrão é inverso, com uma relação positiva com TMT. Isto é, quanto maior MT, mais tempo o participante levou para produzir os caracteres do texto traduzido. Essa relação é contrária ao que teoricamente se espera e nos leva às próximas perguntas.

- 3) Há diferenças entre os fatores de MT em relação ao desempenho?
- 4) Qual a relação entre as variáveis independentes e o esforço no nível sintático (TMO)?

O mesmo procedimento de análise utilizado acima pode servir para responder às questões 3 e 4. Essas questões especificam, de certa maneira, as informações já apresentadas.

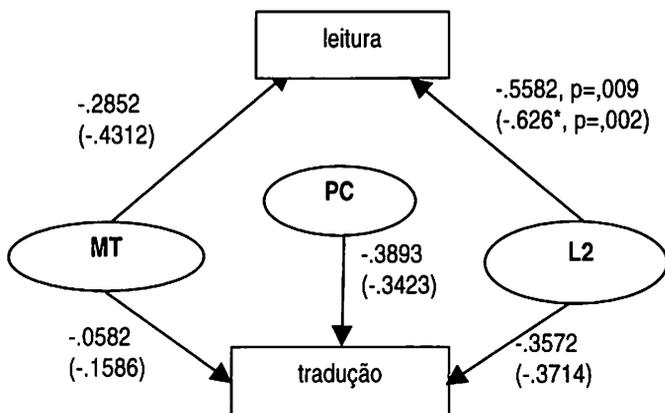


FIGURA 5 — Correlações entre fatores cognitivos e tarefas, nas medidas:

L2 - tempo informado de L2

MT - índice MT (comparação de 3 símbolos)

PC - tempo informado de experiência com PC vs. tempo médio por oração

Na figura acima (FIG. 5) mostram-se os coeficientes de correlação parcial para cada par. Como medida do desempenho em cada tarefa tomou-se TMO e, para as variáveis independentes, as mesmas medidas já utilizadas, incluindo o resultado da tarefa “comparação de 3 símbolos” da BAMT. Essa é uma tarefa simples de velocidade de processamento. A FIG. 5 mostra que a diferenciação em elementos mais simples é proveitosa, como se vê na relação entre MT e TMO na leitura e na tradução, em que o poder explicativo de ambos foi aumentado.

A única correlação significativa aqui foi entre L2 e leitura ($-0,626$ quando controlado o efeito da comparação de 3 símbolos). É importante notar que L2 é quase duas vezes mais importante para o desempenho na leitura do que para o na tradução. A relação MT-tradução também é bem menor do que MT-leitura. Isto nos mostra, cumprindo um dos objetivos da pesquisa, exatamente em quanto se pode estimar a diferença entre lei-

tura e tradução, aqui comparativamente à importância da MT e L2.

5) Qual a variável mais influente para medida de desempenho em cada tarefa?

A pergunta agora se refere ao fato de que, para verificar a influência de uma variável, uma medida pode ser mais adequada em determinada tarefa do que em outra. Para conhecer como as medidas podem ser compreendidas no contexto de cada tarefa, procedemos a uma análise de regressão linear pelo método passo-a-passo (*stepwise*), tendo como variável dependente cada uma das medidas de desempenho e como variáveis independentes, ao mesmo tempo, todas as medidas de Q1, Q2 e BAMT, além da idade dos participantes. Essa análise exclui automaticamente todas as variáveis independentes que não são importantes para explicar a variação no desempenho, mantendo apenas aquelas que se revelam significativas ao nível de 95%. A tabela 4 apresenta os resultados.

TABELA 4
Medidas mais influentes para cada medida de desempenho com respectivos coeficientes?

MEDIDA	TAREFA			
	Cópia	Redação	Leitura	Tradução
TMT	<i>lista de palavras</i> .651 (0,003)	<i>intensidade de PC</i> -,548 (0,006) <i>alcance na escrita</i> -,394 (0,039)	-	<i>comp. 9 símbolos</i> ,463 (0,046)
TMC	<i>código</i> -,452 (0,033) <i>comp. 6 letras</i> -,415 (0,048)	<i>comp. 6 símbolos</i> -,508 (0,026)	<i>intensidade de L2</i> -,524 (0,003) <i>L2</i> -,506 (0,004) <i>comp. 6 letras</i> -,317 (0,049)	(*)
TMO	-	<i>comp. 6 símbolos</i> -,547 (0,015)	<i>código</i> -,503 (0,028)	(*)
TF	<i>código</i> -,462 (0,047)	(*)	-	(*)
TC	(*)	<i>intensidade de PC</i> -,617 (0,005)	-	<i>intensidade de PC</i> -,480 (0,038)

NOTA - Modelos de regressão linear pelo método passo-a-passo (*stepwise*), com significância do coeficiente indicada entre parênteses; * Análise recusada.

O coeficiente β (beta) pode ser visto como o peso relativo de cada variável. Enquanto nas análises de correlação (FIG. 3 e 4), cada variável foi escolhida por mim, por motivos teóricos, aqui eu simplesmente pedi ao programa SPSS que avaliasse, do ponto de vista matemático, qual a variável de maior peso. As duas principais implicações vêm da qualidade das variáveis escolhidas e das análises recusadas. Essas podem ser remetidas ao fato de que nenhuma variável atingiu peso significativo. No caso específico da tradução, o esforço mecânico (TMT) pôde ser significativamente explicado por uma medida de velocidade de processamento e a percentagem de correções, pela intensidade com que os participantes se ocuparam com computadores (em horas por semana). No entanto, nenhuma variável isolada ou combinada foi importante para explicar medidas de tempo em níveis que esperamos refletir o esforço cognitivo exigido pela tarefa. Ou seja, essas tarefas são mais complexas do que é possível explicar a partir dos fatores que escolhi.

Quanto à qualidade das variáveis escolhidas, a maioria são fatores de MT, o que aponta para a importância dessa capacidade cognitiva na resolução de tarefas complexas de linguagem. No nível do esforço cognitivo (TMC, TMO e TF), a leitura exigiu a participação de intensidade e tempo de L2, enquanto todos os outros fatores escolhidos — em todas as tarefas — são de MT. “Código” é uma medida de coordenação de atividades e “comparação” de símbolos ou letras, de velocidade de processamento.

Comentários finais

Apesar de sustentado por esses dados, antes de afirmar que fatores ausentes da análise — como a criatividade ou o estresse, por exemplo — são os decisivos para explicar a variação no tempo de tradução em níveis que refletem esforço cognitivo, é importante pensar sobre as medidas escolhidas. No nosso caso, foram informadas pelo participante por meio de questionário (medidas subjetivas), ao contrário daquelas extraídas do registro pelo *Translog* (medidas objetivas). Pelo que comentamos sobre os dois

tipos de medida, pode ser que essa diferença de natureza tenha influenciado nos resultados apresentados. A primeira conclusão é a de que, no próximo estágio da pesquisa (em desenvolvimento), será preciso identificar as medidas objetivas que refletem quase que exclusivamente aquelas variáveis que aqui medimos por questionário. Por exemplo, foi possível explicar TC (taxa de correção) exclusivamente por meio da “intensidade de PC”, uma medida de PC. Podemos, num próximo passo e depois de algumas precauções, tomá-la como medida objetiva de PC.

A segunda tarefa metodológica é restringir a variação na tarefa de tradução. A tarefa de leitura foi realizada mais ou menos da mesma maneira por todos, por força da situação de teste. Já a tradução, cada participante realizou-a como quis. Outro grupo realizou a mesma bateria de testes, desta vez com a tradução restrita por meio de algumas opções do próprio *Translog*. Assim, esperamos conseguir resultados mais homogêneos, de forma a compará-los mais diretamente com a leitura. Uma terceira necessidade, para complementar esses resultados, será entrar com dados relativos à qualidade de cada tradução, com relação a diversos parâmetros.

Resumindo tudo o que dissemos, nossa pesquisa mostrou que é possível responder a algumas questões básicas e muito específicas sobre o desempenho do tradutor. Em especial, o conjunto de fatores que compõem o que se chama “memória de trabalho” surge como um componente especial, porém, ao que parece, indistinto — importante para qualquer tarefa de linguagem. Isto é condizente com a “teoria da capacidade” (JUST & CARPENTER, 1992), conforme já indicado para a interpretação simultânea (STROLZ, 1992 e DARÒ & FABBRO, 1994).

O *Translog* nos abre a possibilidade de responder a essas e outras questões. Seja considerando as decisões que tomou, seja considerando a influência relativa – e às vezes insuspeita – entre vários fatores, o *Translog* nos abre uma janela para observar a tradução surgindo passo a passo, de dentro para fora. Por meio dele, desde que nossas questões sejam bastante específicas, poderemos aprender muito sobre o processo de produção do texto traduzido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Fábio. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.2, n.4, p.71-90, jul./dez. 1996.
- ALVES, Fábio. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *TradTerm*, São Paulo, v.4, n.2, p.19-40, jul./dez. 1997.
- CATTELL, Raymond B. Theory of fluid and crystallized intelligence: a critical experiment. *Journal of Educational Psychology*, v.54, p.1-22, 1963.
- DARÒ, Valeria & FABBRO, F. Verbal memory during simultaneous interpretation: effects of phonological interference. *Applied Linguistics*, v.15, p.365-381, 1994.
- de GROOT, Annette M.B. The cognitive study of translation and interpretation: three approaches. In: DANKS, Joseph H., SHREVE, Gregory M., FOUNTAIN, Stephen B. & McBEATH, Michael K. (Org.) *Cognitive processes in translation and interpreting*. Thousand Oaks: Sage, 1997. p.25-56 (Applied Psychology 3).
- GERNSBACHER, Morton A. (Org.) *Handbook of psycholinguistics*. San Diego: Academic Press, 1994.
- GIBB, D. K. Computer linguistics and translation, 1985 (manuscrito), apud: TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. *Empirical studies in translation: textlinguistic and psycholinguistic perspectives*. Joensuu: Univ. Joensuu, Faculty of Arts, 1986, p.26.
- GILE, Daniel. Methodological aspects of interpretation (and translation). *Target*, n.3, p.153-174, 1991.
- GOLDMAN-RAKIC, Patricia. Regional and cellular fractionation of working memory. *Proceedings of the National Academy of Sciences USA*, n.93, p.13473-13480, 1996.
- GRAVES, Barbara. The study of literary expertise as a research strategy. *Poetics*, n.23, p.385-403, 1996.
- HANSEN, Gyde. (Org.) *Probing the process of translation: methods and results*. Frederiksberg: Samfundslitteratur, 1999. - (Copenhagen Studies in Language 24)

- HOLMES, James S. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, Lawrence & BAKER, Mona (Orgs.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p.172-185.
- HYÖNÄ, J.; TOMMOLA, J. & ALAYA, A.-M. Pupil dilation as a measure of processing load in simultaneous interpreting and other language tasks. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, n.48-A, p.598-612, 1995.
- JAKOBSEN, Arnt L. *Translog* as a tool in the learning of translation. Comunicação apresentada à Conferência CIUTI sobre Interdisciplinaridade, Antuérpia, 26-27/05/1999. (manuscrito)
- JAKOBSEN, Arnt L. Logging target text production with *Translog*. In: HANSEN, Gyde. (Org.) *Probing the process of translation: methods and results*. Frederiksberg: Samfundslitteratur, 1999b, p.9-20.
- JUST, Marcel A. & CARPENTER, Patricia. A. A capacity theory of comprehension: individual differences in working memory. *Psychological Review*, n.91, p.122-149, 1992.
- KOLLER, Werner. Einführung in die Übersetzungswissenschaft. 4. ed. revista e corrigida. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1992.
- MILITÃO, Josiane A. *A significação metafórica e o processo de tradução; novas perspectivas de uma abordagem integrada*. Dissertação de mestrado, inédito. FALE/UFGM, 1996.
- PYM, Anthony. *Epistemological Problems in Translation and its Teaching: a seminar for thinking students*. Calaceite: Caminade, 1993.
- ROTHE-NEVES, R. Memória de trabalho e processamento sintático. In: HAASE, V. G.; ROTHE-NEVES, R.; KAEPLER, K. C.; WOOD, G. O. M. & TEODORO, M. L. *Psicologia do Desenvolvimento: contribuições interdisciplinares*. Belo Horizonte: Health, 2000.
- SÉGUINOT, Candance. Pragmatics and the Explicitation Hypothesis, *TTR*, Montreal, v.1, n.2, p.106-110, 1988.
- SÉGUINOT, Candance. Some thoughts about think-aloud protocols, *Target*, Amsterdam, v.8, n.1, p.75-95, 1996.
- SÉGUINOT, Candance. Accounting for variability in translation. In: DANKS, Joseph H.; SHREVE, Gregory M.; FOUNTAIN,

Stephen B. & McBEATH, Michael K. (Orgs.) *Cognitive processes in translation and interpreting*. Thousand Oaks: Sage, 1997, p.104-119.

STROLZ, Birgit. Simultankapazität und Übungseffekt. In: SNELL-HORNBY, M., PÖCHHACKER, F. & KAINDL, K. (Orgs.) *Translation Studies: an interdisciplinary; selected papers from the Translation Studies Congress, Vienna 1992*. Amsterdam: J. Benjamins, 1994. p.209-218.

TOMMOLA, Jorma. Translation as a psycholinguistic process. In: WOLLIN, Lars & LINDQUIST, Hans (Orgs.), *Translation Studies in Scandinavia*; proceedings from the Scandinavian symposium on translation theory (SSOTT) II, Lund 14-15 Jun./1985. Lund: CWK Gleerup, 1986.

TOMMOLA, Jorma & LINDHOLM, Johan. Experimental research in interpreting: which dependent variable?. In: _____. (Org.) *Topics in interpreting research*. Turku: University of Turku/ Centre for translation and interpreting, 1995. p.121-133.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

Capítulo 3

A TRIANGULAÇÃO COMO OPÇÃO METODOLÓGICA EM PESQUISAS EMPÍRICO- EXPERIMENTAIS EM TRADUÇÃO

Fábio Alves

Introdução

Ao longo das últimas quatro décadas, as pesquisas em tradução vêm sendo norteadas metodologicamente por um movimento pendular envolvendo dois grandes paradigmas, quais sejam, o paradigma positivista e o paradigma subjetivista¹. Por um lado, as pesquisas respaldadas pelo paradigma positivista pautam-se metodologicamente por critérios de objetividade, confiabilidade e validade e tem por objetivo alcançar resultados passíveis de generalizações². Por outro lado, as pesquisas respaldadas pelo paradigma subjetivista conduzem suas reflexões à luz da subjetividade inerente à figura do tradutor e preferem desenvolver uma abordagem interacionista sem se preocupar demasiadamente com resultados generalizáveis³. Com o intuito de analisar em detalhes esse movimento pendular, KÖNIGS (1990) apresenta uma classificação das diversas teorias presentes nos Estudos da Tradução, dividindo-as em Teorias de 1^a, 2^a e 3^a Ordem.

1 Para uma listagem dos principais autores trabalhando com cada um desses paradigmas, remeto o leitor a KÖNIGS (1990) e ALVES (1996).

2 Neste contexto, conferir CATFORD, 1965; ALBRECHT, 1973; DILLIER & KORNELIUS, 1978; REIß & VERMEER, 1984; LÖRSCHER, 1991; BELL, 1991, entre outros.

3 Neste contexto, conferir KUßMAUL, 1997; KIRALY, 1995; STOLZE, 1999, entre outros.

Para KÖNIGS (1990), apud ALVES (1996:73):

Teorias de 1ª Ordem são aquelas teorias que se ocupam concretamente do objeto de tradução observado, ou de parte dele, abrangendo o maior número possível de variáveis pertinentes a esse objeto. Elas se formam de maneira indutiva e são, sobretudo, descritivas, e em casos excepcionais também prescritivas. São fundamentadas empiricamente e contribuem decididamente para o esclarecimento sobre a formação de um produto específico. As Teorias de 2ª Ordem ocupam-se do objeto de estudo autoconcebido – e não de um objeto de estudo produzido por um outro sujeito. Encontram-se focalizadas sobre o formulador da teoria e sua experiência pessoal, sendo basicamente dedutivas, sobretudo prescritivas e somente em parte capazes de explicar a formação de um produto específico. Não são comprovadas empiricamente e não apresentam provas de validade intersubjetiva. Por sua vez, as Teorias de 3ª Ordem surgem através da comparação de produtos sob aspectos não pertinentes à tradução, sendo essencialmente descritivas, incapazes de explicações, isolando apenas um dos muitos aspectos de uma tradução.”

Com base nessas discussões, KÖNIGS conclui que a cientificidade dos Estudos da Tradução depende do estabelecimento de critérios mais precisos a respeito das metodologias condizentes com a prática de pesquisas nesta área do conhecimento. É este, precisamente, o objeto de discussão deste capítulo.

No confronto entre as Teorias de 1ª, 2ª e 3ª Ordem, observa-se que as diversas correntes criticam-se reciprocamente a respeito das metodologias utilizadas em suas pesquisas. Percebe-se também que, independentemente do paradigma priorizado, os Estudos da Tradução configuram um território híbrido e de delimitação complexa. Propondo uma solução consensual para este impasse metodológico, ALVES (1996) defende a posição que a aplicação conjunta de análises quantitativas e qualitativas faz-se imprescindível para a investigação de fenômenos tradutórios.

De forma distinta do que ocorre nos Estudos da Tradução, observa-se que nas Ciências Sociais existe uma tradição consolidada que defende o uso conjunto de métodos quantitativos e qualitativos dentro de uma perspectiva de complementaridade (cf. JICK. 1979). Chama-se esta opção metodológica de

triangulação. JAKOBSEN (1999:18) explica que a metáfora da triangulação tem sua origem nas técnicas de navegação e na estratégia militar. Ambas utilizam-se de pontos de referência múltiplos para localizar a posição exata de um determinado objeto no espaço. Por analogia, investigar um mesmo objeto por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno.

O caso da tradução não é diferente. JAKOBSEN (1999:19) comenta que nos Estudos da Tradução, sobretudo dentro das universidades européias, existe muito pouco espaço para pesquisas experimentais de laboratório que priorizem uma abordagem quantitativa. Muitos pesquisadores têm receio de serem rotulados de behavioristas e, por isso, evitam a inclusão de metodologias quantitativas em seus trabalhos de pesquisa. Contudo, observa-se continuamente nas investigações sobre a natureza do processo de tradução uma necessidade concreta de se tabular e sistematizar dados através de análises estatísticas.

Retornando a KÖNIGS (1990) e à discussão sobre Teorias de 1^a, 2^a e 3^a. Ordem, constata-se que o estudo da tradução enquanto processo torna-se possível através de abordagens empírico-experimentais que procuram, através do cruzamento de análises quantitativas e qualitativas, estabelecer parâmetros de intersubjetividade⁴ em busca de resultados confiáveis e passíveis de generalização.

KÖNIGS (1990:108) define intersubjetividade como sendo o produto das semelhanças e diferenças observadas nos dados processuais contendo informações de natureza subjetiva fornecidas por um grupo específico de informantes que participam de um determinado experimento; sendo que a subjetividade

4 Ampliando a discussão sobre o conceito de intersubjetividade, remeto o leitor ao conceito de interobjetividade postulado por MATURANA (2001) como alternativo à noção de intersubjetividade. A discussão sobre a dicotomia intersubjetividade e interobjetividade desenvolve-se no âmbito da Biologia do Conhecer (cf. MATURANA & VARELA, 1988) e merece ser tratada à parte.

do pesquisador que trata e analisa esses dados deve ser também levada em consideração na síntese desse produto.

Neste contexto, pesquisas empírico-experimentais no campo dos Estudos da Tradução podem ser definidas como tendo uma natureza indutiva, estando preocupadas em fornecer explicações consistentes e empiricamente fundamentadas sobre o processo constitutivo do ato de traduzir, valendo-se para tal do cruzamento de análises quantitativas e qualitativas de um determinado corpo de dados, e sendo respaldadas por parâmetros de intersubjetividade.

A técnica de triangulação apresenta-se, pois, como uma alternativa metodológica para pesquisas empírico-experimentais em tradução que almejam explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva. Procura-se, desta forma, identificar convergências e divergências nas análises de natureza quantitativa e qualitativa e, através do cruzamento dos dados obtidos por intermédio de abordagens metodológicas múltiplas, chegar a resultados mais confiáveis, mais generalizáveis e, por conseguinte, com maiores condições de contribuir para elucidar questões cruciais para os Estudos da Tradução.

Este capítulo tem, portanto, o objetivo de apresentar a técnica de triangulação como uma alternativa metodologicamente consistente para pesquisas empírico-experimentais em tradução, tecer uma análise crítica dos pontos fortes e fracos de cada uma das técnicas passíveis de utilização, apresentar resultados de pesquisas em curso em diversos centros de estudos da tradução e, concluindo, defender sua utilização nas investigações que abordam a questão da tradução como correlata ao estudo de processos cognitivos.

Explorando o processo de tradução: uma análise crítica das metodologias existentes

Conforme mencionado na introdução deste capítulo, os Estudos da Tradução constituem uma área do conhecimento de

delimitação complexa. Devido às sutilezas de seu objeto de estudo, é impossível ser exaustivo no que tange às diversas possibilidades metodológicas disponíveis para os pesquisadores da área. Não se tem aqui o objetivo de descrever todas as técnicas passíveis de utilização. Propõe-se nesta seção uma análise crítica das metodologias que possam subsidiar pesquisas voltadas para a vertente empírico-experimental com um enfoque específico no estudo de características cognitivas inerentes ao desenrolar do processo de tradução e à aquisição de competência(s) em tradução.

Priorizam-se, ao longo deste capítulo, seis tópicos principais enquanto instrumentos de coleta e análise de dados, quais sejam, os protocolos verbais, a retrospectiva, os questionários e entrevistas dirigidas, o uso de câmaras de vídeo, o julgamento e avaliação feitos por especialistas e, como técnica mais recente, a utilização de *softwares* que colocam à disposição do pesquisador dados *on-line* sobre o trabalho de tradutores que utilizam computadores para realizar suas traduções. Esses seis tópicos configuram as principais técnicas de coleta de dados utilizadas por pesquisadores nas últimas três décadas. Todas elas dispõem de uma vasta literatura com publicação de resultados em veículos especializados. Todas vêm sendo utilizadas pelo meio acadêmico em vários países e têm uma tradição consolidada quanto aos seus procedimentos de aplicação. Apresentar-se-á, em separado, ao longo desta seção, cada uma dessas seis técnicas, ressaltando-se seus pontos fortes e fracos.

Protocolos verbais

A técnica de TAPs⁵, como a grande maioria das técnicas empírico-experimentais utilizadas pelos Estudos da Tradução, tem sua origem metodológica nas Ciências Sociais. É conhecida em português pelo nome de protocolos verbais ou introspecção. A partir de resultados bem sucedidos nas Ciências Sociais, os pro-

5 Abreviatura em inglês para *think-aloud protocols*, ou seja, literalmente em português: "protocolos pensando alto".

toscolos verbais começaram a ser utilizados em pesquisas sobre tradução no início da década de 1980 pela pesquisadora Sonja Tirkkonen-Condit da Universidade de Joensuu na Finlândia. O livro *Empirical studies in translation and linguistics* (cf. TIRKKONEN-CONDIT & CONDIT, 1989) relata as possibilidades de aplicação desta técnica e divulga seus resultados como promissores. Como decorrência do trabalho pioneiro de TIRKKONEN-CONDIT, o uso de protocolos verbais ganhou importância com estudos empírico-experimentais feitos em pares lingüísticos diferenciados (cf., entre outros, KRINGS, 1986; KÖNIGS, 1987; FAERCH & KASPER, 1987).

Conforme explicitado por GONÇALVES no capítulo 1 deste livro, a técnica de protocolos verbais é bastante simples. Consiste em solicitar aos tradutores informantes que explicitem verbalmente tudo o que lhes vem à mente enquanto traduzem. Vem daí o nome *think-aloud* em inglês, ou seja, pensando em voz alta.

Utiliza-se como ferramenta de investigação um gravador, ou micro-gravador, que registra as verbalizações dos informantes enquanto traduzem. Não existe um procedimento padronizado no que diz respeito à monitoração das gravações. Alguns pesquisadores permanecem no recinto onde é executada a gravação e observam *in loco* o comportamento de seus informantes. Outros pesquisadores preferem deixar seus sujeitos a sós com o intuito de evitar constrangimentos e eventuais censuras internas às verbalizações por parte dos informantes. É importante ressaltar que a opção pelo procedimento metodológico, presencial ou ausente, deve ser definida antes do início do experimento e este deve ser aplicado, sem exceção, a todos os informantes que compõem um mesmo grupo de sujeitos. A não observância deste quesito aumenta as possibilidades de falsificação⁶ *a posteriori* do mesmo experimento.

6 O conceito de falsificação desempenha um papel crucial no contexto de pesquisas empírico-experimentais em tradução. A validação desse tipo de pesquisa ocorre a partir do momento em que, usando a mesma metodologia, outros experimentos possam ser reproduzidos com resultados semelhantes. A obtenção de resultados díspares, a partir da reprodução de um mesmo desenho experimental, levanta, conseqüentemente, dúvidas sobre a validação do experimento.

Um outro ponto importante diz respeito à forma como são efetuadas as gravações. Existem equipamentos que gravam as verbalizações de forma ininterrupta registrando espaços de silêncio na fita magnética nas ocasiões em que o informante permanece sem verbalizar. Este tipo de gravação possibilita o registro das pausas e hesitações. Contudo, não garante a identificação das características processuais em curso uma vez que o silêncio na fita não indica o que de fato ocorre com o informante. Uma outra alternativa é a utilização de um tipo de gravador que interrompe a gravação quando não se registra a ocorrência de sons após alguns segundos. Neste tipo de equipamento, a fita magnética deixa de girar até que se registre novo ruído no ambiente. Neste caso, ganha-se em economia de tempo e de material uma vez que se gastam menos fitas magnéticas. Por outro lado, a duração dos períodos de silêncio não é disponibilizada para o pesquisador. Aqueles que favorecem o segundo tipo de equipamento partem do princípio de que os trechos verbalizados são os que efetivamente interessam ao pesquisador e que a duração das pausas, sem uma cronometragem seqüencial e exata, é um dado desprezível.

Independentemente do tipo de equipamento e registro utilizados, as gravações devem ser necessariamente transcritas. É de vital importância que sejam estabelecidos *a priori* marcadores de transcrição que identifiquem com clareza as pausas, hesitações, repetições e trechos incompreensíveis registrados nas gravações. Todas as transcrições devem ser conduzidas sob estrita observância desses parâmetros. De forma semelhante às observações sobre o tipo de gravação, ignorar a consistência desses parâmetros de transcrição abre espaço para falsificações *a posteriori* dos resultados obtidos por um experimento.

Uma vez observadas as especificações aqui sugeridas, é relativamente fácil executar os procedimentos da técnica de protocolos verbais. O maior problema a ser enfrentado pelo pesquisador diz respeito à dificuldade de certos sujeitos em verbalizar enquanto traduzem. Esta é, sem dúvida, a maior objeção metodológica levantada contra essa técnica. Argumenta-se (cf.

LÖRSCHER, 1991) que é cognitivamente impossível para os informantes verbalizarem simultaneamente enquanto traduzem. Por menor que seja a diferença de tempo, o que se obtém, na verdade, são relatos retrospectivos. O acesso à “caixa-preta” dos tradutores permanece inacessível.

Outro fator a ser levado em consideração, diz respeito às diferentes personalidades cognitivas presentes em um determinado grupo de informantes (cf. ALVES, 1995:119). É importante destacar e distinguir essas diferentes personalidades cognitivas a fim de garantir confiabilidade estatística aos experimentos, ou seja, ressaltando, ao mesmo tempo, as características de homogeneidade e heterogeneidade das verbalizações.

Tanto a impossibilidade de se obter relatos simultâneos quanto a heterogeneidade dos grupos são objetos de análise em ALVES (1995). Naquele trabalho, o autor constata que, em um grupo de 48 verbalizações, nenhum dos sujeitos disponibilizou dados de forma simultânea. O que se observou foi uma gradação configurada em um *continuum*, indo da verbalização consecutiva, feita quase que concomitantemente ao ato de traduzir, até a verbalização retrospectiva, feita pelo sujeito após o término da tarefa de tradução. Com base nos resultados de ALVES (1995), recomenda-se aos pesquisadores que não misturem em suas análises verbalizações consecutivas com verbalizações retrospectivas. A retrospectiva configura atividade cognitivamente diferenciada relatada na seção a seguir deste capítulo.

Finalmente, são inúmeras as vantagens decorrentes da utilização da técnica de protocolos verbais. Destacam-se, entre elas, a qualidade textual das verbalizações, as possibilidades concretas de se analisar os comportamentos inferenciais dos informantes, as possibilidades de análises contrastivas e cruzamentos quantitativos entre grupos numerosos de informantes e a possibilidade, a partir do seu uso, de levantar-se generalizações sobre atividades diretamente relacionadas ao processo de tradução.

Apesar de suas múltiplas possibilidades, ao final da década de 80 os protocolos verbais caem em desuso como alternativa metodológica para pesquisa em tradução em vista de críti-

cas vigorosas levantadas por pesquisadores de orientação interacionista (cf. KUßMAUL, 1997). Após um curto interstício, observa-se atualmente uma forte tendência a se utilizar novamente esta técnica. Contudo, dadas suas deficiências metodológicas, recomenda-se que os protocolos verbais sejam aplicados apenas em conjunto com outros instrumentos de investigação. É esta a proposta apresentada dentro da perspectiva de triangulação defendida neste capítulo.

Retrospecção

Como alternativa de complementação à técnica de protocolos verbais, trabalha-se, às vezes, com relatos de natureza retrospectiva. A retrospecção é uma técnica utilizada para se obter relatos *a posteriori* de tarefas executadas por um ou mais informantes. Consiste basicamente no relato, sucinto ou pormenorizado, do desenrolar da tarefa executada. A maior vantagem desta técnica reside em sua simplicidade e facilidade de aplicação (cf. LORENZO, 1999; HANSEN, 1999a). Os relatos retrospectivos podem ser livres ou dirigidos, gravados e posteriormente transcritos ou simplesmente anotados pelo pesquisador quando presente à sessão de relato. Observa-se em seu uso as mesmas características enfatizadas na seção anterior. É imprescindível que os parâmetros de coleta retrospectiva sejam determinados *a priori* pelo pesquisador e aplicados à totalidade de seu universo de informantes. O cuidado com esse tipo de procedimento metodológico é fundamental pois previne que, conforme mencionado na seção sobre protocolos verbais, o experimento possa vir a ser falsificado posteriormente.

A retrospecção permite obter dados qualitativos, de natureza subjetiva, através dos quais os informantes colocam em evidência as partes do experimento que mais lhes chamaram a atenção. São dados de natureza reflexiva que dão pouco ou nenhum destaque a procedimentos automatizados. Pesquisadores defensores de uma abordagem interacionista vêem como grande vantagem neste procedimento a natureza espontânea e diferenciada dos

dados coletados (cf. GYDE, 1999a). Por outro lado, a grande objeção feita ao uso desta técnica pauta-se exatamente por essas características. Dado o caráter espontâneo, individualizado e diferenciado das informações coletadas, fica praticamente vedada ao pesquisador a possibilidade de sistematização dos dados, do cruzamento de informações e de se levantar generalizações a partir da amostra.

Muitas vezes, em experimentos com protocolos verbais, os sujeitos terminam por fornecer ao pesquisador relatos retrospectivos, verbalizando suas observações sobre a tarefa de tradução após o término da mesma. Nesses casos, é importante que os pesquisadores agrupem os dados separadamente, de acordo com os parâmetros estabelecidos previamente para os dados introspectivos e retrospectivos.

Relegada ao ostracismo por muitos anos, a retrospectiva volta atualmente a encontrar espaço nas pesquisas empírico-experimentais em tradução desde que acoplada a outros procedimentos de coleta de dados. Isto ocorre dentro da perspectiva de triangulação defendida ao longo deste capítulo.

Questionários estruturados e entrevistas dirigidas

Da mesma forma que os procedimentos descritos acima (protocolos verbais e relatos de retrospectiva), o uso de questionários estruturados e entrevistas dirigidas tem sua origem nas Ciências Sociais. São também muito utilizados por pesquisadores no campo da Linguística Aplicada, sobretudo aqueles que desenvolvem pesquisas de caráter etnográfico e observacional. Na área de tradução, seu uso sempre foi visto como complementar.

Nos anos 70, os primeiros estudos de natureza empírico-experimental valeram-se de questionários estruturados como forma de validar *a posteriori* os dados obtidos através de técnicas de observação (cf. KOLLER, 1979). No decorrer da década de 80, trabalhos com enfoque psicolinguístico, utilizando-se prioritariamente de protocolos verbais, buscaram também a corroboração de seus dados por intermédio de questionários e en-

trevistas (cf. KRINGS, 1986; KÖNIGS, 1987; FAERCH & KASPER, 1987). Mais recentemente, esse mesmo tipo de instrumento foi utilizado por ALVES (1995, 1997) e GONÇALVES (1998) com o mesmo objetivo.

Os procedimentos relativos ao uso de questionários estruturados são simples e de aplicação direta. Submete-se ao informante um questionário previamente elaborado, estipulando, ou não, um tempo determinado para a execução da tarefa. Os questionários são estruturados de tal forma que garantam ao pesquisador um determinado controle sobre as respostas procuradas. É importante decidir *a priori* sobre a importância da ordem correlata das perguntas e dos eventos aos quais elas se referem, sobre o nível de explicitação das questões formuladas e sobre o grau de dificuldade e complexidade das perguntas em relação aos objetivos de investigação delimitados pelo pesquisador. Estas decisões são importantes quando da elaboração dos questionários estruturados pois terão repercussões diretas sobre a qualidade dos dados coletados e, posteriormente, sobre sua análise.

As entrevistas dirigidas seguem os mesmos parâmetros de elaboração que os questionários estruturados. Diferem desses últimos apenas pelo fato de serem aplicadas diretamente pelo pesquisador ao invés do preenchimento pelos informantes que acontece no caso dos questionários. Seu âmbito e potencialidades de aplicação são praticamente idênticos aos dos questionários estruturados.

As duas maiores vantagens desses dois tipos de procedimento são o alto potencial de sistematização de dados e as possibilidades de se obter generalizações confiáveis a partir de uma amostra estatisticamente significativa. Os questionários e entrevistas, uma vez tabulados, podem vir a configurar um banco de dados, receber tratamento estatístico e ser valorados por parâmetros de objetividade e confiabilidade. Apresentam-se, pois, como um instrumento preciso e com alta taxa de confiabilidade.

Por outro lado, as virtudes quantitativas dos questionários estruturados e das entrevistas dirigidas são também seu ponto mais fraco. Estes instrumentos coletam apenas informações de na-

tureza quantitativa e desconsideram questões relativas à interação e à subjetividade inerentes aos sujeitos envolvidos nos experimentos. Exatamente por esta razão, nunca foram utilizados isoladamente em pesquisas em tradução. Diferentemente do que acontece nas Ciências Sociais e na Linguística Aplicada, seu uso sempre foi visto com uma certa restrição nos Estudos da Tradução. No âmbito da proposta metodológica de triangulação de dados feita ao longo deste capítulo, recomenda-se sua utilização, portanto, apenas como um procedimento de natureza complementar.

Vídeo

O uso de câmaras de vídeo vem sendo pouco fomentado como opção metodológica pelos pesquisadores da área de tradução. KÖNIGS (1987) utiliza-se de uma câmara de vídeo em conjunto com protocolos verbais enquanto instrumentos de coleta de dados. Contudo, no desenvolvimento de suas análises, as imagens de vídeo têm um papel inexpressivo. KÖNIGS atribui às imagens um caráter meramente ilustrativo e secundário. Termina por concluir que seu uso não traz informações adicionais que sejam relevantes para fins de análise.

Em geral, atribui-se a pouca receptividade do uso de câmaras de vídeo à sua utilização inadequada enquanto instrumento de coleta de dados. O argumento mais forte a favor da utilização de imagens diz respeito à focalização cognitiva em curso durante a tarefa de tradução. Identifica-se, através delas, as fases de concentração e distração dos informantes, os períodos de consulta a dicionários e outras fontes, o interesse e a motivação com relação ao desenvolvimento da tarefa, e o nível de atividade motora dos sujeitos.

Assim como observado nas seções acima, o uso exclusivo de câmaras de vídeo não é recomendado metodologicamente como instrumento isolado. Sugere-se que seja sempre utilizado em caráter complementar a outros instrumentos de coleta de dados.

Atualmente, com a possibilidade de utilização de câmaras de vídeo acopladas a computadores pessoais, a aplicação deste instrumento ficou facilitada. Anteriormente, os equipamentos eram volumosos e precisavam de tripés para sua colocação. Se muito próximos, inibiam o informante; se distantes, não captavam imagens relevantes para o pesquisador. A colocação e posicionamento das câmaras de vídeo configuravam um problema de difícil solução. Hoje em dia, a câmara de vídeo pode passar quase que despercebida pelos informantes. Não necessita troca de fita ou qualquer tipo de manutenção ao longo das atividades de coleta de dados. Se sincronizada a um dos *softwares* descritos na última seção deste capítulo, pode vir a constituir um valioso elemento complementar entre os instrumentos de coleta de dados. Como existe ainda alguma incompatibilidade entre os sistemas que gerenciam os programas descritos neste capítulo e aqueles que monitoram imagens em computadores pessoais, a sincronização entre esses dois tipos de instrumento experimenta conflitos operacionais. Uma alternativa a esta situação é a manutenção de uma cronometragem à parte dos sistemas que gerenciam os instrumentos de coleta de dados. Trata-se de um procedimento que demanda muito tempo e, por isso, é desconsiderado pelos pesquisadores. Contudo, é de se esperar para muito em breve que esses problemas operacionais sejam solucionados e que, através deles, a perspectiva metodológica de triangulação possa se tornar ainda mais precisa e elucidativa.

Julgamento por especialistas

O julgamento por especialistas constitui um procedimento bastante comum entre os pesquisadores de tradução. Trata-se de um instrumento que procura, através de critérios previamente estabelecidos, avaliar a qualidade de um conjunto de traduções efetuadas por um grupo de informantes. O trabalho com avaliações dentro dos Estudos da Tradução remonta a algumas décadas. Pioneiro, neste sentido, foi o trabalho de Juliane House (1981), *A model for translation quality assessment*. Um outro

modelo alternativo ao de HOUSE foi proposto por Christiane NORD (1988) em *Textanalyse und Übersetzen*.

Atualmente, a técnica mais conhecida chama-se *Delphi* (cf. DUFFIELD, 1993). Esta técnica surgiu para avaliar o impacto do programa nuclear norte-americano na década de 1940 e foi adaptada para diversos objetivos, inclusive no Brasil (cf. FERES, SOBRINHO, 1977; SOLLERO, 1992). Consiste na aplicação de rodadas sucessivas de questionários de avaliação e análise dos resultados por intermédio de um painel de especialistas que buscam identificar os graus de concordância e discordância entre eles em relação aos tópicos apresentados.

Encontra-se atualmente em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da FALE-UFMG um projeto intitulado “O que se considera importante ao avaliar uma tradução?: estudos com a técnica *delphi*” (cf. ROTHE-NEVES, em preparação). Esta investigação tem um cunho eminentemente metodológico e visa a proporcionar subsídios complementares para outras pesquisas em tradução. Ressalta-se, assim, sua importância dentro da perspectiva de triangulação defendida neste capítulo.

Softwares

O procedimento metodológico mais recente no âmbito das pesquisas empírico-experimentais em tradução consiste no uso de *softwares* elaborados com fins específicos para permitir o monitoramento *a posteriori* das etapas processuais executadas pelos informantes no decorrer do desempenho de determinadas tarefas de tradução. Conforme explicitado por ROTHE-NEVES no capítulo 2 deste livro, no presente momento são utilizados, sobretudo, programas de base DOS. Programas que tenham uma interface com sistemas mais amigáveis ao usuário, compatíveis, por exemplo, com a plataforma *Windows*[®], encontram-se, ainda, em estágio inicial de implementação. Como se trata de um instrumento recente, listam-se, no presente momento, poucos programas deste tipo.

O programa mais produtivo é, sem dúvida, o *TRANSLOG*[®] (cf. GYDE, 1999; JAKOBSEN, 1999) desenvolvido por um grupo de pesquisadores da *Copenhagen Business School*. Este grupo lançou recentemente uma versão do programa compatível com a plataforma *Windows*^{®7}.

O grupo PACTE da Universidade Autônoma de Barcelona vem também utilizando, conjuntamente com o programa *TRANSLOG*[®], um outro software denominado *PC Anywhere*[®]. Seu uso, porém, encontra-se ainda restrito às atividades internas do grupo e os resultados de sua aplicação ainda não foram disponibilizados. KOBİ (2000) também relata o uso de programa similar sem, contudo, fornecer especificações técnicas. No presente momento o software *TRANSLOG*[®] do grupo de pesquisadores da *Copenhagen Business School* é aquele que vem sendo mais amplamente difundido.

O programa *TRANSLOG*[®] também vem sendo utilizado por um grupo de pesquisadores brasileiros no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (cf. ROTHE-NEVES, neste livro). A maior vantagem deste tipo de procedimento metodológico consiste nas múltiplas possibilidades de monitoração de etapas do processo de tradução. De acordo com as especificações do *software* e os relatos de sua aplicação (cf. GYDE, 1999; JAKOBSEN, 1999; LORENZO, 1999), é possível controlar variáveis de tempo, pausas, hesitações, etc., estabelecendo-se correlações entre os dados do programa e processos cognitivos, tais como, memória, tempo de leitura e desenrolar de processos inferenciais. Em conjunto com outros métodos de elicitação de dados, este tipo de *software* pode vir a constituir um instrumento preciso de calibração das análises de processos cognitivos diretamente relacionados ao processo de tradução. Sua aplicação fica ainda mais enriquecida quando complementada pelos procedimentos de triangulação sugeridos neste capítulo.

7 Remeto o leitor ao texto *Translog Documentation* de JAKOBSEN, A.L. & SCHOU, L. (1999) para um detalhamento do funcionamento operacional do programa.

Por ser uma opção metodológica muito recente, a área dos Estudos da Tradução carece ainda de resultados que evidenciem os pontos fortes e fracos deste instrumento. Seu caráter inovador parece abrir perspectivas promissoras para a investigação empírico-experimental do processo de tradução. Aguarda-se a conclusão dos trabalhos de pesquisa em andamento para um posicionamento mais abrangente a seu respeito.

Aplicações metodológicas da técnica de triangulação: resultados, potencialidades e limites

A partir dos seis instrumentos de coleta de dados descritos nas seções anteriores, constata-se que nenhum deles consegue fornecer isoladamente evidências conclusivas e exaustivas sobre as características de processamento cognitivo em curso durante o processo de tradução. Por outro lado, viu-se que a aplicação conjunta desses seis instrumentos, ou de parte deles, possibilita a obtenção de recortes diferenciados que, de forma complementar, contribuem para o esclarecimento e a compreensão de processos constitutivos da tarefa de traduzir. Justifica-se, assim o uso da técnica de triangulação como uma opção metodológica consistente, respaldada por parâmetros de intersubjetividade, para fins da investigação quantitativa/qualitativa do processo de tradução e do desenvolvimento da(s) competência(s) em tradução.

Destacam-se, neste contexto, os resultados obtidos por BEEBY, BERENGUER, ENSINGER, FOX, HURTADO, ALBIR, MELIS, NEUNZIG, OROZCO e PRESAS, membros do grupo PACTE da Universidade Autônoma de Barcelona (cf. PACTE 2000; BEEBY, ENSINGER & PRESAS, 2000). O grupo PACTE vem utilizado a técnica de triangulação com opção metodológica para fins de um estudo longitudinal que tem por objetivo descrever as etapas e as sub-competências necessárias para o estabelecimento de competência(s) em tradução.

Os diversos membros do grupo vêm trabalhando desde 1997 em experimentos diversificados utilizando para tal fim questionários, entrevistas, TAPs, vídeo, os *softwares* TRANSLOG[®] e

PC Anywhere®. Trabalhando em três fases, quais sejam, (i) teste exploratório, (ii) teste piloto e (iii) experimento, os pesquisadores esperam obter até 2001 uma definição do que seja(m) competência(s) em tradução e, seqüencialmente, delimitar, durante o biênio 2001-2003, as diversas etapas de aquisição da(s) competência(s) em tradução. Os resultados geraram, até o presente momento, o desenvolvimento de um modelo holístico e dinâmico para a aquisição da(s) competência(s) em tradução, o desenvolvimento de hipóteses teóricas e de trabalho, o desenvolvimento de hipóteses empíricas e o desenho final do experimento a ser conduzido no biênio 2001-2003. A idéia central do experimento é identificar a aquisição da(s) competência(s) em tradução através de um processo de reestruturação e desenvolvimento das diversas sub-competências envolvidas no processo. Neste contexto, o grupo PACTE considera vital a técnica de triangulação como instrumento de calibração de seus experimentos.

Paralelamente ao trabalho desenvolvido na Espanha pelo grupo PACTE, o grupo TRAP da *Copenhagen Business School* da Dinamarca vem desenvolvendo, desde 1996, um projeto de pesquisa sobre as diversas características cognitivas inerentes ao processo de tradução. O projeto, com conclusão prevista para 2001, utiliza a técnica de triangulação como opção metodológica para suas investigações de natureza empírico-experimental. O projeto do grupo TRAP tem por objetivo cobrir todos os estágios do processo de tradução, da compreensão à produção de textos. O instrumento central para a coleta de dados é o *software TRANSLOG*® desenvolvido conjuntamente por Arnt Jakobsen e Lasse Schou.

O grupo TRAP, formado por Hansen, Jakobsen, Lorenzo, M. Andersen, A. Andersen, Jensen, Livberg e Mees, publicou em 1999 um livro intitulado *Probing the process in translation: methods and results*. Em oito capítulos, os autores demonstraram a utilidade da técnica de triangulação para a análise de fenômenos cognitivos em tradução. Destacam-se, entre eles, a tradução de metáforas, o uso de dicionários, a tradução automática vs. a tradução reflexiva, questões de complexidade em processos de com-

preensão e produção de textos, a pressão do tempo sobre a tarefa de tradução, a segurança de tradutores profissionais contraposta à insegurança de tradutores novatos, etc. Os resultados obtidos revelam traços pontuais das diferentes etapas e das múltiplas características do processo de tradução. A partir dos relatos do grupo TRAP, fica evidente que a descrição desses processos torna-se mais precisa através do cruzamento de dados oriundos de instrumentos de coleta diferenciados. Reforça-se, portanto, a importância da técnica de triangulação como opção metodológica para pesquisas empírico-experimentais em tradução.

De forma complementar às investigações dos grupos PACTE e TRAP, ALVES, GONÇALVES e ROTHE-NEVES vêm, desde 1998, desenvolvendo na Universidade Federal de Minas Gerais um projeto de pesquisa intitulado “Em busca de uma definição de competência tradutória” (cf. ALVES, 2000; ALVES, GONÇALVES & ROTHE-NEVES, 2001). A partir de resultados de um projeto anterior intitulado “A análise de processamentos mentais em tradução” (cf. ALVES 1996, 1997), os trabalhos de investigação valeram-se inicialmente de apenas dois instrumentos de coleta de dados, quais sejam, TAPs e questionários (cf. GONÇALVES, 1998). A partir de interações com os grupos PACTE e TRAP, as pesquisas passaram a adotar a técnica de triangulação como opção metodológica. Encontram-se em preparação trabalhos que usam conjuntamente TAPs, questionários, vídeo, entrevistas e julgamento por especialistas e *TRANSLOG*[®] como instrumentos de calibração de análises quantitativas e qualitativas. São investigadas as características do processo de tradução e da aquisição de competência(s) em tradução envolvendo os idiomas português, inglês e alemão (cf. ALVES, 2001; GONÇALVES, 2001; ROTHE-NEVES, 2001). Os pesquisadores investigam, entre outras, questões correlatas entre memória e tradução, diferenciações nos estilos cognitivos de tradutores profissionais e em formação, estratégias cognitivas e tradução, processos inferenciais e contextualização pragmático-cultural de textos de chegada. Destaca-se também como um dos resultados deste empreendimento a publicação em 2000 do livro *Traduzir com autonomia: estraté-*

gias para o tradutor em formação por PAGANO, MAGALHÃES e ALVES. O livro vale-se de aplicações oriundas de investigações sobre o processo de tradução para apresentar uma proposta didática de formação de tradutores com base nos conceitos de fluxo dinâmico, autonomia e conscientização.

Conclusão

Viu-se, ao longo deste capítulo, que a técnica de triangulação, enquanto opção metodológica para os Estudos da Tradução, tem sua origem nas Ciências Sociais. Justificou-se sua aplicação em contextos de investigação envolvendo pesquisas empírico-experimentais, sobretudo aquelas voltadas para a investigação do processo de tradução e da aquisição da(s) competência(s) em tradução. Destacou-se a importância do conceito de intersubjetividade para a análise quantitativa e qualitativa de dados. Foram apresentados seis instrumentos de coletas de dados, quais sejam (i) protocolos verbais, (ii) retrospectão, (iii) questionários estruturados e entrevistas dirigidas, (iv) vídeo, (v) julgamento por especialistas e (vi) *softwares* específicos. Justificou-se seu uso triangulado como instrumento de calibração de pesquisas empírico-experimentais em tradução. Finalmente, listaram-se alguns resultados já obtidos e foram descritos sucintamente os propósitos de grupos de pesquisa na Espanha, Dinamarca, e Brasil que utilizam a técnica de triangulação em seus trabalhos de investigação científica.

Os resultados mencionados parecem indicar que a triangulação contribui de forma efetiva para aumentar a possibilidade de variáveis de análise e garantir resultados mais confiáveis e passíveis de generalizações nas pesquisas sobre o processo de tradução e a aquisição da(s) competência(s) em tradução. Como resultado teórico, destaca-se uma compreensão refinada das diferentes etapas de processamento cognitivo relacionadas ao ato de traduzir e das diferentes estratégias que, juntas, configuram o que se convencionou chamar de competência(s) em tradução. Desta compreensão emergem modelos teóricos detalhando a na-

tureza desses processos. Como resultado prático, ressalta-se a sua aplicabilidade em projetos com uma vertente didática voltada para a formação de tradutores. Dado o caráter dinâmico e emergente da formação de tradutores e da necessidade crescente do mercado em absorver profissionais de tradução, pesquisas desta natureza se fazem cada vez mais necessárias. Neste sentido, a técnica de triangulação presta, seguramente, uma contribuição significativa no que diz respeito ao aperfeiçoamento didático-metodológico da formação de profissionais em tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, J. *Linguistik und Übersetzung*. Tübingen: Narr, 1973.

ALVES, F., GONÇALVES, J., ROTHE-NEVES, R. In search of a definition of translation competence: the structure and development of an on going research project. *Quaderns (número especial)*, Barcelona: PACTE, 2001.

ALVES, F. Cognitive and cross-cultural issues in the translation of verbal aspect in English, German and Portuguese. *Book of Abstracts of the 3rd International Congress of the European Society for Translation Studies*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2001

ALVES, F. Establishing criteria for a definition of translation competence. *Proceedings of the XII World Congress in Applied Linguistics*. Tóquio: AILA Committee, CD-Rom, 2000.

ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *Revista TradTerm* 4/2: 19-40, 1997.

ALVES, F. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem* 4/2: 71/90, 1996.

ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?*. Hamburgo: Dr. Kovac, 1995.

- BEEBY, A., ESINGER, D., PRESAS, M. (Ed.) *Investigating translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- BELL, R.T. *Translation and translating: theory and practice*. London: Longman, 1991
- CATFORD, J.C. *A linguistic theory of translation: an essay in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, 1965.
- DANKS, J.H., SHREVE, G.M., FOUNTAIN, S.B., McBEATH, M.K. (Ed.). *Cognitive processes in translation and interpreting*. London: Sage, 1997.
- DILLER, H.-J. & KORNELIUS, J. *Linguistische Probleme der Übersetzung*. Tübingen: Narr, 1978.
- DUFFIELD, Christine. The Delphi technique: a comparison of results obtained using two expert panels. *International Journal of Nursing Studies*, v.30, n.3, p.227-237, 1993.
- ERICSSON, K. A. & SIMON, H. A. Verbal reports as data. *Psychological Review*, 87/1: 215-251, 1980.
- FÆRCH, C. & KASPER, G. (Ed.) *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987.
- FERES SOBRINHO, Abílio. *O papel do marketing em bancos de desenvolvimento: uma aplicação da Delphie Technique*. Rio de Janeiro: ABDE/CEBRAE/BNDE, 1977.
- GONÇALVES, J.L.V.R. Investigando a competência tradutória. Projeto de Tese de Doutorado (em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos na Universidade Federal de Minas Gerais) Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2000. (manuscrito inédito).
- GONÇALVES, J.L.V.R. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 1998. (manuscrito inédito)
- GYDE, H. (ed.) *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen Studies in Language 24, Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999.
- GYDE, H. Das kritische Bewußtsein beim Übersetzen: Eine

- Analyse des Übersetzungsprozesses mit Hilfe von Translog und Retrospektion. In GYDE, H. (Ed.) *Probing the Process in Translation: Methods and Results*. Copenhagen Studies in Language 24 (pp.43-68), Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999a.
- JAKOBSEN, A.L. Logging target text production with *Translog*. In GYDE, H. (Ed.) *Probing the Process in Translation: Methods and Results*. Copenhagen Studies in Language 24 (pp.9-20), Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999.
- JAKOBSEN, A.L. & SCHOU, L. Translog Documentation. In GYDE, H. (Ed.) *Probing the Process in Translation: Methods and Results*. Copenhagen Studies in Language 24 (pp.151-186), Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999.
- KIRALY, D. *Pathways to translation: pedagogy and process*. Kent: Kent State University Press, 1995.
- KOBY, G.S. Translation research using a computer-aided think-aloud protocol: an update. *ATA Chronicle*. Vol.XXIX/4: 21-27, 2000.
- KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: 1979.
- KÖNIGS, F.G. Wie theoretisch muß die Übersetzungswissenschaft sein? Gedanken zum Theorie-Praxis-Problem., *Taller de Letras* 18:103-120, 1990.
- KÖNIGS, F.G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen, *Die Neueren Sprachen* 2:162-185, 1987.
- KRINGS, H. Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Tübingen: Narr, 1986.
- KRINGS, H. The use of introspective data in translation. In FÆRCH, C. & KASPER, G. (Ed.) *Introspection in second language research*. (pp.159-179) Philadelphia: Multilingual Matters, 1987.
- KRINGS, H. *Repairing texts*. Kent: Kent State University Press, 2000.
- KUBMAUL, P. Empirische Untersuchungen mentaler Prozesse bei der Translation – ein kritischer Forschungsbericht. In DRESCHER, H.W. (Ed.) *Translationsdidaktik* (pp.605-611). Tübingen: Narr, 1997.

- LORENZO, M.P. Apuntes para una discusión sobre métodos de estudio del proceso de traducción. In GYDE, H. (Ed.) *Probing the Process in Translation: Methods and Results*. Copenhagen Studies in Language 24 (pp.21-42), Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999.
- LÖRSCHER, W. *Translation performance, translation process and translation strategies. A psycholinguistic investigation*, Tübingen: Narr, 1991.
- MATURANA, H. As origens da linguagem. *Conferência*. Belo Horizonte: IEAT/UFMG, 2001.
- MATURANA, H. & VARELA, H. *The tree of knowledge*. New York: Shamballa, 1988.
- NEWMARK, P. *Approaches to translation*. London: Oxford: Pergamon Press, 1982.
- PACTE. Acquiring translation competence: hypotheses and methodological problems in a research project. In BEEBY, A., ESINGER, D., PRESAS, M. (Ed.) *Investigating translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- PAGANO, A., MAGALHÃES, C., ALVES, F. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.
- REIß, K. & VERMEER, H.J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984
- ROTHER-NEVES, R. Competências no plural. Exame de Qualificação de Doutorado (em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos na Universidade Federal de Minas Gerais) Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001a. (manuscrito inédito).
- ROTHER-NEVES, R. O que se considera importante ao avaliar uma tradução?: estudos com a técnica *delphi*. Projeto de Pesquisa (em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos na Universidade Federal de Minas Gerais) Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. (em preparação).
- SÉGUINOT, C. *The translation process*. Toronto: School of Translation. York University, 1989.
- SÉGUINOT, C. Some thoughts about think-aloud protocols. *Target* 8: 75-95, 1996.

SHREVE, G. Cognition and the Evolution of Translation competence. In DANKS, J.H., SHREVE, G.M., FOUNTAIN, S.B., McBEATH, M.K. (Ed.). *Cognitive processes in translation and interpreting*. (p.120-136), London: Sage, 1997.

SOLLERO, Victoria T. Condicionamentos ambientais para o planejamento hidrelétrico em Minas Gerais: uma abordagem metodológica regional utilizando o Método Delphi. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

STOLZE, R. *Übersetzungstheorien: eine Einführung*. Tübingen: Narr. 2. Auflage. 1997

TIRKKONEN-CONDIT, S. & S. CONDIT (Ed.). *Empirical studies in translation and linguistics*. Joensuu: University of Joensuu, 1989.

TIRKKONEN-CONDIT, S. (Ed.). *Empirical research in translation and intercultural studies*. Tübingen: Narr, 1991.

Capítulo 4

PESQUISAS TEXTUAIS/DISCURSIVAS EM TRADUÇÃO: O USO DE *CORPORA*

Célia M. Magalhães

Introdução

Para tornar clara a inserção de uma abordagem metodológica de análise textual/discursiva a partir de subsídios de *corpora* em pesquisa na área de tradução, faz-se necessário, primeiramente, traçar o percurso teórico da abordagem de estudos lingüísticos da tradução que conduz à proposta relativamente recente de Mona BAKER (1993, 1995, 1996), de uso de *corpora* como metodologia para a disciplina emergente de Estudos da Tradução. Em segundo lugar, cabe uma reflexão sobre o papel dos *corpora* na consolidação dos Estudos da Tradução enquanto disciplina *per se* e, finalmente, uma descrição detalhada da metodologia de pesquisa textual/discursiva com *corpora* iniciada na Faculdade de Letras da UFMG desde o início do ano de 2000.

Do texto de partida à cultura de chegada: crônica de uma metodologia anunciada

É da teoria lingüística de J. C. CATFORD (1965) que emerge o conceito de *mudança* na tradução, descrito como *desvio da correspondência formal* ao se traduzir de uma língua de partida para uma língua de chegada. Esse conceito, inserido den-

tro de um quadro teórico racionalista dicotômico, é retomado uma década mais tarde por Gideon TOURY (1978) em seu quadro teórico tripartite, admitindo entre as opções oferecidas pela competência e pela performance do tradutor em contato com o texto de partida, um terceiro conjunto de opções determinadas pelas *normas* sócio históricas da cultura de chegada, responsáveis pelas mudanças na tradução.

Na tradição teórica anterior, a *equivalência*, conceito chave originado da crença na possibilidade de existência de correspondência formal entre as línguas e do enfoque dado ao texto e cultura de partida, leva a uma orientação prescritiva da tradução. Por outro lado, na tradição de estudos descritivos iniciada por EVEN-ZOHAR (1978) com a teoria dos *poli-sistemas* e TOURY (1978) com o conceito de normas, o foco vira-se para a cultura de chegada, privilegiando não mais o estudo de desvios em traduções individuais mas de padrões que regem o sistema da tradução literária em interação com os demais sistemas de produção textual de uma dada cultura. Para TOURY (2000:204), o conceito de equivalência só cabe ser entendido num contexto em que se acredite que são as normas a determinar o tipo e a medida da equivalência encontrada em traduções reais.

Parece ser TOURY um dos primeiros teóricos a lançar a semente para as pesquisas em tradução baseadas em *corpora*, tais como propostas por BAKER (1993), às quais voltarei na próxima seção. O autor prevê que, ao final de um estudo detalhado, as normas tradutórias e a conseqüente realização do postulado de equivalência serão definidas em função da posição da atividade ou dos produtos tradutórios na cultura de chegada. Para atingir tal resultado, TOURY antevê a importância de um estudo comparativo da natureza das normas que regem os textos traduzidos e daquelas que regem os textos não traduzidos.

Também integrante dessa crônica de uma metodologia anunciada, William FRAWLEY (1984) define a tradução como processo semiótico de recodificação, realizado a partir da *infor-*

mação essencial contida num *código matriz* e dos *parâmetros* fornecidos pelo *código alvo* para a recodificação. A tradução assim descrita constitui um *terceiro código*, emergente da consideração bilateral dos códigos matriz e alvo como um novo código *per se*. FRAWLEY (2000:262), sugere às futuras teorias de tradução concentrarem-se na tradução como questão epistemológica, focalizando na informação nova que emerge da recodificação, já que o foco semântico da preservação do sentido mostrou-se tão pouco elucidativo. Caminhando também na direção de dar à tradução o status de objeto de estudo independente, de um terceiro código, por assim dizer, Shoshana BLUM-KULKA (1986) lança a “hipótese da explicitação”, que postula que o aumento do nível de explicitação observado em textos traduzidos e em textos escritos de aprendizes de uma segunda língua pode ser uma estratégia universal inerente a qualquer processo de mediação da linguagem.

Fechando o círculo de lançamento da semente da questão conceitual da tradução enquanto evento comunicativo único, Anthony PYM (1993), a partir de um espaço de abordagem crítica entre o desconstrucionismo e a pragmática, imagina um modelo em que a tradução precede qualquer cultura. O teórico acredita que é possível estudar uma “cultura A” examinando-se as traduções que nela circulam; as culturas, embora com sua especificidade e originalidade, seriam, assim, pontos de cruzamento de traduções metodologicamente subordinados aos processos de tradução (PYM, 1993:82).

É a partir do reconhecimento da tradução enquanto espaço diferencial que deve ser privilegiado na cultura de chegada que BAKER (1993), de uma tradição de estudos descritivos da tradução principalmente baseada em TOURY, constitui a tradução como objeto de pesquisa *per se*, avançando em direção à consolidação da disciplina Estudos da Tradução. A autora irá eleger como quadro metodológico para sua pesquisa a abordagem da lingüística de *corpora*, objeto da seção seguinte deste capítulo.

Os estudos da tradução baseados em *corpora*: cena em dois atos

A lingüística de corpora e a constituição da tradução enquanto objeto de pesquisa

Mona BAKER (1993) parte do reconhecimento da tradução como atividade essencial na formação da nossa experiência de vida e nossa visão do mundo, e de um conseqüente estranhamento de uma tradição lingüística teórica, a qual exclui tanto a atividade quanto os textos traduzidos de uma investigação acadêmica séria, para constatar a inexistência desses textos no campo de estudos da lingüística de *corpora*. A pesquisadora defende, ao contrário, os textos traduzidos como registros de eventos comunicativos genuínos que, como tais, devem ser considerados em pé de igualdade com os outros eventos comunicativos de qualquer língua. Conseqüentemente, defende a existência de uma disciplina que tenha o fenômeno da tradução como principal objeto de pesquisa.

Citando Umberto Eco (1976, apud BAKER 1993:234), Baker lembra a distinção que faz o autor entre disciplina e campo de estudo. A primeira tem “(...) método próprio e *objeto preciso* (...)”; a segunda tem “(...) um repertório de interesses que não está ainda completamente unificado”. Refletindo sobre a distinção de ECO, a autora acredita que, enquanto a pesquisa sobre a tradução estiver se ocupando prioritariamente das relações entre textos de partida e de chegada específicos e não da natureza do texto traduzido como tal, os estudos da tradução podem ser considerados, em sua maioria, um campo de estudos. Para BAKER, urge que o ramo teórico da disciplina deixe um pouco de lado os antigos conceitos de equivalência, correspondência e mudanças – direcionados para as preocupações práticas de ensino da tradução – para definir seu objeto de estudo e buscar instrumentos para descrevê-lo. A verdadeira virada nos Estudos da Tradução, afirma ela, acontecerá “(...) como conseqüência direta do acesso de grandes *corpora* de textos originais e traduzidos e

do desenvolvimento de métodos específicos e ferramentas para investigação desses *corpora* de formas adequadas para os pesquisadores da área” (1993:235).

Partindo das conquistas de EVEN-ZOHAR e TOURY na área, relativas ao enfoque do sistema da literatura traduzida e das normas que governam esses sistemas, bem como da semente lançada por TOURY para a investigação comparativa de textos originais e traduzidos, BAKER (1993) também se vale de uma nova virada dentro dos estudos lingüísticos para elaborar o argumento de constituição da disciplina Estudos da Tradução através da investigação da natureza do texto traduzido. Observa a autora uma mudança de orientação nos estudos lingüísticos que, de uma perspectiva conceitual e semântica da linguagem passa para uma perspectiva situacional e de uso da linguagem. Essa virada traz como consequência direta uma mudança nos métodos de investigação lingüística: os estudos conceituais e semânticos podem basear-se na introspecção, os estudos que levam o contexto em consideração só são possíveis com o acesso a dados reais, devendo haver, no caso da investigação do uso da linguagem, um grande número desses dados.

BAKER (1993) lança então a sua proposta de estudos da tradução baseados em *corpora*, a partir de duas principais correntes de pensamento nas áreas de investigação da tradução e da lingüística. A primeira, do teórico da Universidade de Tel-Aviv, Gideon Toury, que, segundo ela, melhor elaborou o conceito de estudos descritivos da tradução como “(...) o ramo da disciplina que deve fornecer uma metodologia coerente e procedimentos explícitos de pesquisa de forma a permitir que os resultados de estudos descritivos individuais sejam expressos em termos de generalizações sobre o comportamento tradutório” (BAKER, 1993:241). A segunda, do lingüista John SINCLAIR (1991), que conseguiu, através da coleção de *corpora* computadorizados e do desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa relevante, superar as limitações humanas do pesquisador e minimizar sua dependência da intuição. A inserção e o tratamento de um número substancial de textos traduzidos num banco de dados computado-

rizado permite a BAKER consolidar sua proposta de estabelecimento da tradução como objeto de pesquisa da disciplina estudos da tradução, cujo objetivo principal passa a ser a identificação de traços do texto traduzido que levarão ao entendimento do que é e de como funciona a tradução.

O papel dos *corpora* nos estudos da tradução

Uma das preocupações de BAKER (1995, 1996) é estabelecer as bases do novo ramo da disciplina, definindo conceitos e propondo perguntas para investigação do objeto de estudo desse ramo. O conceito de *corpus* será usado pela pesquisadora como “(...) qualquer coleção de textos inteiros (...) em formato eletrônico, analisáveis automaticamente ou semi automaticamente (...)” (BAKER, 1995:226). Os *softwares* disponíveis no mercado para processamento dos *corpora* são o Microconcord e WordSmith Tools, ambos comercializados pela Oxford University Press, e o Multiconcord, comercializado por David Wools. A ferramenta básica de análise nesses *softwares* é o *KWIC concordance* (**KWIC** é a sigla para **Key Word In Context**), uma lista de todas as ocorrências de uma palavra chave ou expressão especificada no *corpus*, cada uma no meio de uma linha num determinado contexto. As concordâncias de palavras chave podem ser feitas de modos variados, à esquerda ou direita da palavra chave, podendo também ser ampliadas em rede (no nível da frase ou do parágrafo) para revelar mais do contexto, ou dar um perfil da palavra chave listando as combinações mais frequentes dentro de um espaço determinado. Além das concordâncias, há outras ferramentas como a listagem de todas as palavras do *corpus*, ou de um texto ou grupo de textos específicos do *corpus*, por ordem de frequência ou alfabética.

Os *corpora* são criados a partir de critérios de seleção, dentre os quais BAKER (1995:229) aponta como mais importantes seis: domínio geral versus restrito da linguagem; língua escrita versus falada; sincronia versus diacronia; tipicidade em termos de uma gama de fontes (escritores/falantes) e gêneros; limi-

tes geográficos; monolíngües versus bilíngües ou multilíngües. Esses critérios, definidos pelos lingüistas, devem ser refinados para abranger, por exemplo, os tradutores e as considerações de mudanças de gênero na tradução. Isso sem falar no último critério da lista dos seis que, por não incluir tradicionalmente os textos traduzidos, deve ser alterado para tanto.

BAKER (1995:230) observa que os *corpora* usados para pesquisa são usualmente conhecidos de forma geral como “paralelos” e que, tradicionalmente, quando se pensa em *corpus* em tradução, descarta-se a possibilidade até de pensar em *corpora* monolíngües, focalizando-se nos contrastes dos *corpora* em duas ou mais línguas. A autora propõe designar três tipos principais de *corpora* usados em estudos da tradução, antecipando-se a possíveis confusões de terminologia quando o número de atividades na área for muito grande. O primeiro, os *corpora* paralelos, consistem de textos originais, numa língua de partida A e suas versões traduzidas numa língua B. Eles permitem estabelecer, objetivamente, como os tradutores superam as dificuldades de tradução na prática, e usar essa evidência para fornecer modelos realistas para o treinamento de tradutores; além disso, têm um papel crucial na exploração de normas de tradução em contextos sócio-culturais e históricos (BAKER, 1995:231). O segundo, os *corpora* multilíngües, são conjuntos de dois ou mais *corpora* monolíngües em línguas diferentes, criados na mesma instituição ou em instituições diferentes com base nos mesmos critérios. Permitem-nos estudar os itens e traços lingüísticos no ambiente da língua tal como produzida originalmente. Sua utilidade está em dar acesso aos padrões naturais da língua objeto de estudo; portanto, têm papel crucial na preparação de material didático, no treinamento do tradutor e na melhoria do desempenho dos sistemas de tradução automática.

Apesar da importância destacada, nenhum dos dois *corpora* permitirá a mudança proposta por Baker, de foco teórico nas pesquisas da disciplina, isto é, ao invés de se comparar o texto de partida com o texto de chegada ou a língua A com a língua B, comparar-se a produção textual original com a produção

do texto traduzido. Para esse propósito, faz-se necessária a criação de um terceiro tipo de *corpora*, os *corpora* comparáveis. Estes consistem de duas coleções separadas de textos na mesma língua: um *corpus* de textos originais na língua em questão e o outro de textos traduzidos para essa língua, a partir de uma ou mais línguas determinadas. Os dois *corpora* devem cobrir um domínio, uma variedade de língua e um tempo cronológico semelhantes e ser de tamanho semelhante. O *corpus* de textos traduzidos deve ser representativo em termos do número de autores originais e de tradutores. O papel desses *corpora* na disciplina de estudos da tradução é o de identificar padrões específicos dos textos traduzidos, sejam quais forem as línguas de partida ou de chegada.

A criação dos *corpora* comparáveis envolve uma série de dificuldades, algumas semelhantes àquelas encontradas por pesquisadores da área da lingüística de *corpora*, algumas bem específicas dos estudos da tradução e bastante complexas: por exemplo, a definição de quem detém o direito autoral para dar a permissão necessária para transformação de um texto em formato eletrônico e posterior publicação dos resultados das análises; além disso, BAKER (1995:234) aponta também que há susceptibilidade por parte dos tradutores para conceder tal permissão, uma vez que estes estão acostumados com uma tradição de pesquisa prescritiva que criticava suas traduções. A criação desses *corpora* envolve, ainda, a necessidade de anotação de parâmetros específicos que podem ajudar a elucidar o fenômeno da tradução. Na University of Manchester Institute of Science & Technology (UMIST), os pesquisadores registram uma série de parâmetros que podem dar suporte às análises de padrões específicos dos textos traduzidos, como a língua de partida, o sexo (e se possível, a orientação sexual) do tradutor e do autor, a direção da tradução, o local da publicação, e outros (BAKER, 1996a:178). Um problema adicional dos *corpora* comparáveis é que eles não têm aplicações diretas na sala de aula, nem fica imediatamente claro como podem contribuir para melhorar o desempenho dos sistemas de tradução automática; assim sendo, não são candidatos a obter financiamen-

tos de instituições de pesquisa. Apesar dessa dificuldade adicional, BAKER (ibid.) crê que se justificam o esforço e despesas empreendidos para criar tais *corpora*, pois esse tipo de pesquisa “básica” é essencial para que a disciplina sobreviva e cresça.

Para finalizar esta seção, restam dois esforços adicionais. O primeiro deles tem a ver com o resgate da função dos *corpora* comparáveis. Vale lembrar que o acesso a esse tipo de *corpora* permitirá captar padrões restritos aos textos traduzidos ou ocorrendo numa frequência maior ou menor nesses textos em comparação com os textos originais (BAKER, 1995:235). Os trabalhos de pesquisa com *corpora* comparáveis realizados na UMIST desenvolveram ferramentas que permitem identificar traços universais da tradução, isto é, “(...) traços que ocorrem tipicamente no texto traduzido e não no texto original e que não são resultado da interferência de sistemas lingüísticos específicos” (BAKER, 1993:243). BAKER (1996a) lista, com base em pesquisas desenvolvidas com os *corpora* comparáveis do inglês (LAVIOSA, 1997a, 1997b, 1998) e *corpora* paralelos de línguas tais como o russo, o francês e o hebraico, os seguintes traços universais: a explicitação (cf. BLUM-KULKA, 1986), a simplificação, a normalização ou conservacionismo e a tendência para localizar-se no centro de um contínuo, evitando-se os extremos.

A explicitação significa uma tendência geral para explicitar coisas na tradução. Evidências dessa tendência podem ser encontradas em vários fenômenos, dentre eles, o tamanho maior dos textos traduzidos em relação aos textos originais; ou o próprio uso ou uso exagerado de vocabulário e conjunções explicativas nas traduções em relação aos originais. A simplificação tem a ver com a tendência a simplificar a linguagem usada na tradução, manifesta através da redução do tamanho das frases nas traduções em relação aos originais, ou nas mudanças da pontuação no texto traduzido. Outras expressões da simplificação, facilmente detectáveis através da análise dos *corpora*, são a densidade lexical e a razão *type/token* (BAKER, 1996a:183). A densidade lexical tem a ver com a proporção de palavras de conteúdo em relação às palavras gramaticais em um corpus, sendo o uso de um núme-

ro maior de palavras gramaticais considerado uma maneira de tornar o texto mais redundante e mais fácil de processar. A razão *type/token* é uma medida da variedade de vocabulário usada num texto ou corpus, ou seja, trata-se de verificar se o texto traduzido usa um vocabulário mais ou menos variado que o texto original na mesma língua. O uso de vocabulário menos variado é um traço dos textos direcionados para falantes não nativos de uma língua, para torná-los mais fáceis de processar. Tanto uma densidade lexical menor quanto uma razão menor de *types* em relação aos *tokens* em um texto ou corpus podem ser considerados traços de simplificação.

A normalização ou o conservacionismo é uma tendência para exagerar os traços da língua de chegada e adequar-se aos seus padrões típicos, evidenciada através do uso de estruturas gramaticais, pontuação e padrões convencionais ou clichês típicos. Por fim, há a tendência para convergir para um centro entre dois extremos, que se manifesta, por exemplo, em exemplos de interpretação de conferência, em que o intérprete tende a usar linguagem oral quando interpreta linguagem culta ou vice versa. Tentarei exemplificar alguns desses traços através dos *corpora* do português do Brasil na próxima seção.

O segundo esforço adicional para concluir esta seção tem a ver com minha inserção no nicho teórico esboçado acima. Mona BAKER (1995:234) abre a primeira possibilidade para essa inserção ao afirmar que “(...) estudos semelhantes, feitos em outras línguas, dariam suporte ou refutariam as hipóteses sobre o processo de tradução, lançadas a partir da evidência dos resultados atingidos com os *corpora* comparáveis do inglês”. Não é do meu conhecimento que haja esse tipo de pesquisa com *corpora* de português do Brasil; uma extensiva revisão da literatura na área aponta apenas para trabalhos com *corpora* paralelos e de português de Portugal (SANTOS, 1998; MAIA, 1998). Pode-se afirmar, então, que há uma lacuna a ser preenchida no ramo da disciplina ora proposto e que uma pesquisa com *corpora* comparáveis do português do Brasil teria muito a contribuir para o estudo da tradução enquanto fenômeno genuíno de comunicação.

Além disso, minha intenção ao inserir-me no quadro teórico-metodológico de estudos da tradução baseados em *corpora* é, seguindo orientação de BAKER (1996b:16), complementar minha tradição de pesquisa em tradução a partir da abordagem de estudos culturais com a abordagem lingüística, ao invés de contribuir para um debate pouco frutífero de oposição entre as duas. Para tanto, tenciono analisar a tradução enquanto prática social, visando, além de contribuir para a descrição dessa prática, desvelar relações hegemônicas de poder no contexto discursivo sócio-histórico e cultural em que ela se insere. Essa proposta possivelmente permitirá aliar a tradição de pesquisa em estudos da tradução associada com o paradigma dos estudos culturais com a tradição de pesquisa em tradução ligada aos estudos lingüísticos na modernidade tardia, os quais também advogam uma agenda política, uma vez que, ao desvelar relações de poder calcadas em ideologias, assumem simultaneamente uma responsabilidade com a democracia social.

Os estudos da tradução baseados em corpora: a experiência da Faculdade de Letras da UFMG

Preliminares

Após a leitura aprofundada da bibliografia pertinente e com o intuito de fortalecer a linha de pesquisa em Estudos da Tradução da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, um grupo de nove pesquisadores dessa instituição reuniu-se para elaborar um projeto de pesquisa baseada em *corpora*. Logo de início, houve o entendimento do grupo de que esse projeto teria de se desmembrar em sub-projetos tal era a dimensão do trabalho a que nos propúnhamos. Para começar, era fato que esse tipo de pesquisa deve contar, no mínimo, com equipamentos avançados de computação, além de *softwares* específicos e *CD-ROMS* de *corpora* já disponíveis no mercado. Estávamos cientes de que seria necessário buscar subsídios financeiros onde houvesse; sabíamos também da dificuldade de se conseguir finan-

ciamento em nossa área a menos que o apelo fosse para a aplicação mais imediata no ensino.

Assim sendo, elaboramos um projeto de melhoria de ensino na graduação que otimizou um dos laboratórios de computação já existentes na faculdade com a aquisição de *kits* multimídia, *softwares* de análise e *CD-ROMs*, e cujo objetivo era a criação de *corpora* para pesquisa em leitura, produção e tradução de textos. Digamos que esta se constituiu na primeira etapa do nosso trabalho, subdividida em duas etapas menores: os primeiros seis meses para aquisição, instalação e exploração dos materiais, os segundos para o início da seleção de textos para os *corpora*, bem como a transformação de alguns deles em formato eletrônico¹. Vale observar que nosso objetivo era criar os três tipos de *corpora* definidos por BAKER (1995); os *corpora* paralelos e multilíngües, visando a aplicação imediata nas atividades de ensino; os *corpora* comparáveis, para os objetivos de pesquisa “pura”, também faziam parte integrante da proposta (afinal, como observa a própria BAKER (ibid.), esses *corpora* podem emergir do cruzamento dos dois primeiros).

Após os primeiros seis meses, quando o laboratório estava devidamente equipado, três dos nove professores do primeiro grupo elaboraram um novo projeto para obter subsídios financeiros que lhes permitissem agregar estudantes da graduação ao trabalho, como iniciantes à pesquisa e recebendo bolsa equivalente à de iniciação científica. Esse projeto integrou seis estudantes que exploraram um dos *softwares* de análise adquiridos, o *WordSmith Tools*, além de iniciar a montagem de pequenos *corpora* para as primeiras análises. O objeto e objetivos de pesquisa de cada pesquisadora foram delineados de modo a atender os interesses e áreas específicos de cada uma. No momento, há estudos de tradução baseados em *corpora* paralelos de romances policiais das décadas de trinta e quarenta, visando a investigação de mudanças no fazer tradutório de acordo com o eixo histórico. Há tam-

¹ Ver o relatório do *Projeto PROGRAD99: Laboratório de Leitura, Produção e Tradução de Textos em Línguas Clássicas e Modernas*.

bém a investigação de *corpora* de textos originais em português do Brasil, objetivando o ensino/aprendizagem dessa língua para falantes de outras línguas. Por fim, há o trabalho iniciado por mim, de criação de *corpora* comparáveis em português do Brasil, visando a descrição da tradução enquanto prática social².

As dificuldades para a criação desses *corpora* no Brasil parecem ser, no meu entender, bem maiores que aquelas apontadas por BAKER. Na definição de quais gêneros discursivos deveriam constar desses corpora, conclui, a princípio intuitivamente, que tanto as reportagens de notícias jornalísticas quanto os contos e romances seriam produtivos, pois se trata de gêneros bastante traduzidos no país. Constatei que na verdade são, mas sua coleta apresenta dificuldades quase insuperáveis no momento. Começo a exemplificar com o gênero discursivo reportagens de notícias jornalísticas. Seria interessante ter um corpus grande, representativo desse gênero no Brasil. A seleção então recaiu sobre a *Folha de São Paulo* e o *Jornal do Brasil* ou *O Globo*. São esses, certamente, jornais de grande circulação no país, integrando tanto textos originalmente escritos em português quanto textos traduzidos para o português. Pelo menos um deles, a *Folha*, disponibiliza já em formato eletrônico um *corpus* dos seus textos referente ao período que abrange de 1994 a 1999. Por motivos práticos, tomei a decisão de recortar então nossos *corpora* comparáveis dentro desse período. Nossa tarefa atual com os textos da *Folha* é salvá-los em formato apropriado para a análise com o *WordSmith Tools*, além de anotar as informações disponíveis no *CD-ROM* para criação de um cabeçalho de informações extra-textuais (autores, tradutores, sexo, etc.), necessárias para elucidar questões discursivas maiores.

Aí aparece a primeira grande dificuldade: a *Folha* disponibiliza pouquíssimos dados sobre o tradutor, o que nos levará a entrar em contato com a direção do jornal para verificar a

² Ver o relatório do Projeto PAD2000: *Novas Perspectivas em Estudos Lingüísticos – a Criação e o uso de Corpora em Pesquisa de Leitura, Produção e Tradução de Textos*.

possibilidade de obter os dados adicionais. Além disso, será difícil obter simultaneamente um número equivalente de autores/tradutores e um *corpus* representativo (a razão autor/tradutor aponta para uma hegemonia dos primeiros). Como se pode ver, ainda não foram feitos os contatos com os outros jornais para verificar sua disponibilização de textos. Uma segunda grande dificuldade está na ordem dos gêneros literários, contos e romances. Uma primeira pesquisa aos catálogos de editoras cujos projetos dão lugar à tradução constatou que esses catálogos contêm apenas o título da obra e o preço de mercado (não é possível saber se são traduções ou em que ano foram publicadas). Iniciamos uma pesquisa inicial na base de dados da biblioteca da Faculdade de Letras para levantar quais romances ou contos traduzidos foram publicados de 1994 a 1999. Essa pesquisa deve ser ampliada para outras bases de dados maiores como a da Biblioteca Nacional; como se pode ver ela demanda tempo e pesquisadores disponíveis para que seja agilizada. Quanto aos contos escritos originalmente em português, contamos com a publicação de uma coletânea dos melhores contos do século passado. Os textos dessa coletânea foram escaneados, corrigidos e salvos em formato adequado para análise, podendo ser utilizados depois que obtivermos a permissão para reprodução e publicação de resultados de análise. Apesar das dificuldades enumeradas, pesquisas feitas recentemente com *corpora* paralelos (traduções do inglês para o português, *corpus* em formato eletrônico analisado com ferramentas computacionais, além de *corpus* analisado manualmente) apontam para a importância da análise de *corpora* comparáveis, pois seus resultados sinalizam em direção às hipóteses levantadas pela equipe da UMIST. Tratarei especificamente dessa questão na seção seguinte.

Resultados preliminares de análises

Alguns resultados de análises feitas em pesquisa baseada em *corpora* paralelos do par lingüístico inglês/português sinalizam na direção das hipóteses relativas aos traços universais da

tradução. Começamos pela explicitação, a tendência geral para explicitar coisas na tradução, que pode ser evidenciada através do próprio uso ou uso exagerado de vocabulário ou ainda do uso de conjunções explicativas. Encontramos sinais de explicitação no corpus paralelo do romance *Frankenstein*, de Mary Shelley³, e sua tradução por Miécio Araujo Jorge Honkis, editada pela Record, s/d:

- 1) It was already one in the morning; the rain pattered dismally against the panes, and my candle was nearly burnt out, when, by the glimmer **of the half-extinguished light**, I saw the dull yellow eye of the creature open; it breathed hard, and a convulsive motion agitated its limbs.

1.1) Era já quase uma hora da madrugada; a chuva batia tristemente nas janelas, e minha vela estava quase consumida quando, ao lusco-fusco da luz bruxuleante prestes a extinguir-se, vi abrir-se o baço olho amarelo da criatura. Ela respirava com dificuldade, e um movimento convulsivo agitava seus membros.

A expansão do objeto da preposição *of* – *half-extinguished light* – em *luz bruxuleante prestes a extinguir-se*, pode ser considerada um sinal da tendência à explicitação também no texto traduzido para o português brasileiro. O exemplo acima também apresenta um traço de simplificação, manifesta na mudança da pontuação no texto traduzido, nesse caso, do ponto e vírgula para o ponto final (numa escala de gradação a última seria considerada mais forte que a primeira; portanto, trazendo maior clareza para o enunciado).

³ Os romances *Frankenstein* e *Dracula* foram escolhidos para esta análise por terem sido meu objeto de estudo, sob a perspectiva dos Estudos Culturais, na minha tese de doutoramento e em artigos publicados posteriormente (cf. referências bibliográficas).

Em um outro *corpus* paralelo constituído pelo romance *Dracula*, de Bram Stoker, e sua tradução por Theobaldo de Souza, da L&PM (1997), a simplificação por mudança na pontuação parece ser traço recorrente:

- 2) There are many trees on it, which make it in places gloomy, and there is a deep, dark-looking pond or small lake, evidently fed by some springs, as the water is clear and flows away in a fair-sized stream.

2.1) *O terreno é coberto por numerosas árvores, o que o torna bastante sombreado. Mais adiante, há uma profunda depressão pouco ensolarada formando um pequeno lago. Este é evidentemente alimentado por fontes perenes, pois suas águas são claras e fluem através de um regato de regular volume.*

O exemplo 3 (da tradução da Record, do romance *Frankenstein*, como os demais até o de número 7) traz dois traços que sinalizam em direção à explicitação: o acréscimo da palavra *trabalhado* em *escolhido e trabalhado* e a expansão de *as* em *para que fossem*:

- 3) His limbs were in proportion, and I had **selected** his features **as** beautiful. Beautiful!

3.1) *Seus membros eram bem proporcionados, e eu havia **escolhido e trabalhado** suas feições **para que fossem** belas. Belas!*

O exemplo 4 apresenta traços de explicitação e de simplificação:

- 4) His yellow skin scarcely covered the work of muscles and arteries **beneath**; his hair was of a lustrous black,

and flowing; his teeth of pearly whiteness; but these luxuriances only formed a more horrid contrast with his watery eyes, **that seemed almost** of the same colour as the dun-white sockets in which they were set, his shrivelled complexion and straight black lips.

4.1) *Sua pele amarela mal cobria o relevo dos músculos e das artérias que jaziam por baixo; seus cabelos eram corridos e de um negro lustroso; seus dentes alvos como pérolas. Todas essas exuberâncias, porém, não formavam senão um contraste horrível com seus olhos desmaiados, quase da mesma cor acinzentada das órbitas onde se cravavam, e com a pele encarquilhada e os lábios negros e retos.*

Se, por um lado, *beneath* é expandido com uma oração relativa, indicando explicitação, por outro, o ponto final depois de *pérolas*, substituindo o ponto e vírgula de frase no original e a redução da oração relativa *that seemed almost (...)* num aposto podem ser considerados traços de simplificação.

Em 5 vemos um exemplo curioso de redução que normalmente seria atribuído ao estilo do português, pouco afeito às repetições. Uma pesquisa com grandes corpora pode elucidar esse tipo de questão, usualmente considerada apenas no nível da idiossincrasia lingüística:

5) Unable to endure the aspect of the being I had created, I rushed out of the room and continued a long time traversing my bedchamber, **unable to compose my mind to sleep.**

5.1) *Incapaz de suportar o aspecto do ser que eu havia criado, saí correndo do aposento, e continuei durante muito tempo a andar pelo meu quarto, sem poder dormir.*

O exemplo 6 pode ser categorizado como exemplo de normalização ou conservacionismo, ou tendência para exagerar os traços da língua de chegada e adequar-se aos seus padrões típicos, evidenciada através do uso de estruturas gramaticais, pontuação e padrões convencionais ou clichês típicos. No caso do exemplo em 6, *to become a hell* é traduzido como *transformar-se num verdadeiro inferno*, com a opção pela expressão *verdadeiro inferno* provavelmente por constituir-se num grupo convencional do português do Brasil; exagerando-se, por assim dizer, os traços da língua de chegada.

- 6) Mingled with this horror, I felt the bitterness of disappointment; dreams that had been my food and pleasant rest for so long a space were now become a **hell** to me; and the change was so rapid, the overthrow so complete!

6.1) Misturado a esse horror, eu experimentava a amargura do desapontamento; sonhos que durante tanto tempo foram um alimento e um descanso se haviam transformado num verdadeiro inferno para mim; e a mudança fora tão rápida, a subversão tão completa!

A tendência para convergir para um centro entre dois extremos (*levelling out*), observada na interpretação de conferência, em que o intérprete tende a usar linguagem oral ao invés de linguagem culta ou vice versa, parece manifestar-se também em alguns exemplos dos dois *corpora* paralelos que tenho analisado. A escolha do predicado para narrar a ação de beijar no texto de chegada, *beijá-la nos lábios*, pode ser considerada bem mais coloquial que aquela do texto de partida, *imprinted the first kiss on her lips*:

- 7) Delighted and surprised, I embraced her, but as I **imprinted the first kiss on her lips**, they became livid

with the hue of death; her features appeared to change, and I thought that I held the corpse of my dead mother in my arms; a shroud enveloped her form, and I saw the grave-worms crawling in the folds of the flannel.

7.1) *Deliciado e surpreso, abracei-a, porém ao beijá-la nos lábios eles se tornaram lívidos com a cor da morte; suas feições mudaram, e eu tive a impressão que segurava em meus braços o cadáver de minha mãe; um sudário envolvia-lhe o corpo, e eu via os vermes rastejando pelas dobras do pano.*

Finalmente, o movimento em direção oposta, do coloquial para o mais formal ou literário, também se manifesta na tradução do romance *Dracula*, publicada pela L&PM. Abaixo, alguns dos exemplos que podem ser uma indicação da presença desse universal da tradução no português do Brasil:

8) The door **opposite** mine I tried, but found it locked. In the library I found, **to my great delight** (...)

8.1) *A porta situada vis-à-vis à minha, que também tentei abrir, estava fechada a chave. Para gáudio meu, (...)*

9) What **music** they make!

9.1) *Que monumental protofonia!*

10) They say that **people** who are near **death die** generally at the change to the dawn or at the turn of the tide; (...)

10.1) *É crença geral que todo **enfermo** grave já próximo do **desenlace** **expira** ao alvorecer ou com a mudança da maré.*

De 8 a 10 as escolhas feitas na tradução convergem para um estilo mais formal que aquele do texto de partida – *delight/gáudio, music/protofonia, people/enfermo, death/desenlace, die/expira* – além de, no caso de *opposite/vis-à-vis*, introduzir uma expressão estrangeira já emprestada à língua, mas que não deixa de tornar o estilo da frase no texto de chegada mais sofisticado que aquele do texto de partida.

Se, por um lado, os exemplos acima apontam para a confirmação da hipótese de que há traços universais da tradução, por outro, os dados obtidos com a ajuda do *software WordSmith Tools*, com referência à relação *type/token* e trecho de um dos romances analisados, demonstram que há mais *types* que *tokens* nas traduções em relação aos originais, conforme quadro estatístico abaixo:

<i>ESTADÍSTICA</i>	ORIGINAL Frankenstein	TRADUÇÃO Ed. Record
Tokens	2.360	2.194
Types	843	924

Quadro 1 – Número de *types* e *tokens* de trecho do romance *Frankenstein*

Além disso, no trecho analisado do romance *Frankenstein*, a densidade lexical do texto traduzido é maior que a do texto original. Ambos os resultados parecem estar em contradição com a hipótese da simplificação, levantada para os textos traduzidos; entretanto, cabe fazer a ressalva de que, em primeiro lugar, trata-se de pequena amostra de análise e, em segundo lugar, trata-se de análise feita com corpora paralelos e não comparáveis, os quais podem trazer resultados diferentes.

Conclusão

Os traços encontrados na análise comparativa de corpora paralelos no par lingüístico inglês/português do Brasil parecem indicar que a hipótese, de presença de universais de tradução, na tradução como evento comunicativo genuíno, pode ou não ser confirmada quando tivermos grandes corpora comparáveis de textos originalmente escritos em português, de um lado, e textos traduzidos para o português de outras línguas. Na medida em que for possível vencer as dificuldades apontadas anteriormente para a criação desses corpora e que essa vertente de pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG se expanda de modo a acolher um número maior de alunos pesquisadores, no nível da graduação e da pós, além de interagir com outros grupos acadêmicos, nacionais ou internacionais, com interesses de pesquisa similares, o trabalho já iniciado poderá se concretizar. A etapa posterior a essa concretização é a análise de elementos extra-textuais no contexto da tradução brasileira, ou a análise da tradução brasileira enquanto prática discursiva e social, de modo a tornar viável a desejável junção de duas tradições de pesquisa antes opostas, a primeira baseada nos estudos lingüísticos e a segunda nos estudos culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, Mona. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, Mona, FRANCIS, Gill e TOGNINI-BONELLI, Elena. *Text and Technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1993, p. 233-250.
- BAKER, Mona. Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Vol. 7, No. 2, 1995, p. 223-243.
- BAKER, Mona. Corpus-based translation studies: The challenges that lie ahead. In: SOMERS, Harold (Ed.). *Terminology, LSP and*

Translation Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1996a, p. 177-186.

BAKER, Mona. Linguistics & cultural studies: complementary or competing paradigms in translation studies? In: LAUER, Angelika; GERZYMISCH-ARBOGAST, Heidrun; HALLER, Johann e STEINER, Erich. *Übersetzungswissenschaft im Umbruch: Festschrift für Wolfram Wilss zum 70. Geburtstag*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1996, p. 9-19.

BLUM-KULKA, Soshana. Shifts of cohesion and coherence in translation. In: HOUSE, J. & BLUM-KULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1986, p. 17-35. [Versão revisada em VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies reader*. London e New York: Routledge, 2000, p. 298-313].

CATFORD, J.C. *A Linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: HOLMES, J.S., LAMBERT, J. & van den BROECK, R. *Literature and Translation*. Leuven: ACCO, 1978, p. 117-27. [Versão revisada em VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies reader*. London e New York: Routledge, 2000, p. 192-197].

FRAWLEY, William. Prolegomenon to a theory of translation. In: FRAWLEY, W. (Ed.). *Translation: literary, linguistic, and philosophical perspectives*. London & Toronto: Associated University Presses, 1984, p. 159-175. [Versão revisada em VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies reader*. London e New York: Routledge, 2000, p. 250-263].

LAVIOSA, Sara. How comparable can 'comparable corpora' be?. *Target*, Vol. 9, No. 2, 1997a, p. 289-319.

LAVIOSA, Sara. Investigating simplification in an English comparable corpus of newspaper articles. In: KLAUDY, King e KOHN, János (Ed.). *Transfere Necesse Est: Proceedings of the 2nd International Conference on Current Trends in Studies of*

Translation and Interpreting, 5-7 September, 1996, Budapest. Hungary: Scholastica, 1997b, p. 531-540.

LAVIOSA, Sara. Core patterns of lexical use in a comparable corpus of English narrative prose. *Target*, Vol. 43, no. 4, 1998, p. 557-570.

MAGALHÃES, Célia M. *Os Monstros e a questão racial na literatura pós-colonial brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Tese de doutoramento. (inédita)

MAGALHÃES, Célia M. Haroldo de Campos e o sujeito da tradução monstruosa. *TradTerm*, 5 (2), jul./dez. 1998, p. 11-22.

MAGALHÃES, Célia M. Tradução e transculturação: a teoria monstruosa de Haroldo de Campos. *Cadernos de Tradução*, nº 3, 1998, p. 139-156.

MAGALHÃES, Célia M. (Coord.) *Relatório final do Projeto PROGRAD: Laboratório de leitura, produção e tradução de textos em línguas clássicas e modernas*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (inédito)

MAGALHÃES, Célia M. (Coord.) *Relatório final do Projeto PAD2000: Novas perspectivas em estudos lingüísticos – a criação e o uso de corpora em pesquisa de leitura, produção e tradução de textos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (inédito)

MAGALHÃES, Célia M. (Coord.) Novas perspectivas em estudos lingüísticos: a criação e o uso dos corpora para pesquisa em leitura, produção e tradução de textos. *Anais da Semana do Conhecimento UFMG*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000, p. 18.

MAIA, Belinda. Word order and the first person singular in Portuguese and English. *Target*, Vol. 43, no. 4, 1998, p. 589-601.

PYM, Anthony. *Epistemological problems in translation and its teaching*. Calaceit (Teruel): Edicions Caminade, 1993.

SANTOS, Diana. Perception verbs in English and Portuguese. In: JOHANSSON, S. e OKSEFJELL, S. (Ed.). *Corpora and cross-linguistic research: theory, method, and case studies*. Amsterdam/Atlant, GA: Rodopi, 1998, p. 319-342.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein or, The Modern Prometheus*. London: Penguin Books, 1994. [First published in 1818].

- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Trad. de Miécio Araujo Jorge Honkis. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, s/d.
- SINCLAIR, John McHardy. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991a.
- SINCLAIR, John McHardy. *Council of Europe Multilingual Lexicography Project* [Report submitted to the Council of Europe under contract no. 57/89], 1991b.
- STOKER, Bram. *Dracula*. London: Penguin Books, 1979. [First published in 1897].
- STOKER, Bram. *Dracula*. Trad. de David Jardim Junior. Tecnoprint Gráfica S.A., s/d.
- STOKER, Bram. *Dracula*. Trad. de Theobaldo de Souza. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- TOURY, Gideon. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J.S., LAMBERT, J. & van den BROECK, R. *Literature and Translation*. Leuven: ACCO, 1978, p. 83-100. [Versão revisada em VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies reader*. London e New York: Routledge, 2000, p. 198-211].

Capítulo 5

AS PESQUISAS HISTORIOGRÁFICAS EM TRADUÇÃO

Adriana Silvina Pagano

Tradução e história

O campo da historiografia da tradução constitui uma área incipiente e pouco explorada dentro de uma disciplina igualmente incipiente e em vias de consolidação como é os Estudos da Tradução¹. O contexto no qual ambos esses domínios emergem e se situam e as relações interdisciplinares que estabelecem com outras áreas do conhecimento são, como busco mostrar neste capítulo, de suma relevância para um entendimento adequado de alguns dos questionamentos que integram as discussões de pesquisadores e teóricos que atuam nessa área. No caso específico das pesquisas historiográficas no Brasil, como também pretendo mostrar ao longo desta discussão, à incipiência do campo de estudo escolhido — a historiografia da tradução — soma-se o caráter emergente desse tipo de estudo no âmbito latino-americano, principalmente quando se utiliza uma perspectiva comparativista como a adotada em minha pesquisa sobre tradução em dois países da América Latina: Brasil e Argentina.

¹ Um dos elementos que nos permitem afirmar que os Estudos da Tradução vêm se consolidando a partir dos anos oitenta é a publicação, no ano 2000, do *The Translation Studies reader*, organizado por Lawrence Venuti e Mona Baker.

Para efeitos de situar esta discussão, podemos dizer que os Estudos da Tradução configuram-se como disciplina autônoma, com propostas teóricas, discussão de problemáticas e metodologia específicas, na década de 1980², sobretudo com a proposta de pesquisadores cuja abordagem da tradução se diferencia daquela adotada por outras áreas, seja tangencialmente como no caso da Lingüística e da Crítica Literária, seja como foco das atenções como na proposta da Tradutologia³. Os Estudos da Tradução emergem em resposta à necessidade de se contextualizar o exame dos processos tradutórios, considerando-os, não apenas como fenômenos lingüísticos ou estilísticos, mas também como processos de transferência de significado entre culturas. A definição hoje consagrada, elaborada por André Lefevere, aponta para a abrangência a que aspiram os Estudos da Tradução, visando dedicar-se aos “problemas relativos à produção e descrição de traduções” (LEFEVERE, 1978:234). Está contemplado nessa definição o estudo do produto e do processo tradutório bem com sua contextualização histórica e cultural, examinando-se *o que, como e por que* se traduz em determinados momentos e em determinadas culturas, que processos cognitivos estão envolvidos no ato tradutório, que relações são estabelecidas entre o original e sua tradução, como o tradutor descreve sua tarefa a partir do seu lugar ambivalente entre duas ou mais línguas, histórias e culturas. A natureza dessas e de outras problemáticas focalizadas pelos Estudos da Tradução aponta para o caráter interdisciplinar desse campo, que dialoga com os estudos lingüísticos e literários, a Psicologia, a História, a Antropologia e a Filosofia. Essa interdisciplinarietà vincula, ainda, os Estudos da Tradução a abordagens que também se consolidam na década de 1980, dentre elas, os Estudos Críticos, os Estudos Pós-Coloniais, os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais.

² Cf. BASSNETT, 1980.

³ Para uma discussão dos nomes “estudos da tradução” e “tradutologia” ver esses verbetes in SHUTTLEWORTH & COWIE, 1997.

Pelo contexto histórico no qual se consolidam e pela afinidade de interesses e perspectivas, os Estudos da Tradução afixam-se, sem lugar a dúvidas, às abordagens pós-estruturalistas da história e do discurso, sobretudo em sua problematização de categorias tradicionalmente abordadas enquanto conceitos monolíticos, tais como os conceitos de origem, nação, identidade e alteridade. Como Lawrence VENUTI (1992) afirma, o pós-estruturalismo estabelece as bases para uma forma “incisiva” de se ler a tradução, que envolve, para o crítico, a “reconstituição do texto estrangeiro mediada pelas irredutíveis diferenças lingüísticas, discursivas e ideológicas da cultura receptora desse texto original” (p.10). À luz do pensamento pós-estruturalista, a tradução enquanto prática cultural torna-se, como VENUTI aponta, uma tarefa “visível”, que precisa ser investigada a partir de um discurso teórico que indague “as condições de trabalho do tradutor, as práticas discursivas e estruturas institucionais que determinam a produção, circulação e recepção dos textos traduzidos” (p.6).

A crescente visibilidade da tarefa tradutória no âmbito acadêmico e a reformulação de seu estudo abrem diversos focos de atenção, os quais se constituem em sub-áreas de pesquisa. Susan BASSNETT (1980) identifica, por exemplo, quatro áreas de interesse dentro do escopo dos Estudos da Tradução: tradução e lingüística, tradução e poética, tradução e recepção e história da tradução. De especial relevância para meus argumentos, essa última sub-área – a história da tradução – é assinalada por BASSNETT (1998) como força motriz de mudanças acontecidas e por acontecer no âmbito dos Estudos da Tradução. Ela abrange diversas operações que visam a investigar diferentes teorias de tradução em diferentes épocas, o papel da tradução em determinados períodos históricos, os aspectos institucionais e mercadológicos envolvidos na produção e recepção de traduções e a tarefa dos tradutores ao longo dos séculos. Essa área abrange, também, a operação de escrita da história ou historiografia da tradução, desvendada a partir da consideração dessa prática, não mais como atividade secundária, menos significativa que a produção

de textos originais, mas como operação cultural visível e relevante, presente desde tempos imemoriais nas relações entre povos e civilizações.

Histórias de tradução

Por historiografia da tradução, entende-se o estudo histórico e crítico da tradução sob a perspectiva de sua historicidade, isto é, de sua inserção num contexto histórico. Longe de ser uma simples tarefa de registro e catalogação de dados, a escrita da história da tradução requer do pesquisador uma reflexão sobre a própria tarefa historiográfica — a operação de escrita da história —, e, em última instância, sobre o próprio conceito de história. Como Márcia MARTINS (1996) explica em seu artigo “As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução”, após a consolidação da perspectiva teórica da chamada “Nova História”, houve uma “desmistificação da idéia de um tempo único, homogêneo e linear”, passando-se a interpretar o registro da história como percepção de uma multiplicidade em tempos históricos descontínuos. Para atender a essa perspectiva múltipla e descontínua, o *corpus* do historiador amplia-se e passa a incorporar diversas fontes de pesquisa ou documentos, dentre os quais, os relatos orais, as memórias, as cartas e o próprio texto ficcional, como, por exemplo, o romance. Essa perspectiva construtivista da história mostra a elaboração do registro histórico como sendo moldado com base num modelo narrativo, no qual o historiador desempenha o papel de filtro e agente de produção de um relato determinado. Assim sendo, o historiador passa a ser pensado, não como mero sujeito observador e compilador, mas como partícipe na construção da narrativa que está sendo gerada.

As implicações dessa abordagem histórica para os estudos de historiografia da tradução são claramente significativas. Apesar de se contar com ensaios de histórias da tradução há vários séculos, podemos dizer, reiterando nosso argumento inicial, que a historiografia da tradução é uma área ainda incipiente dentro dos Estudos da Tradução que não tem se preocupado

prioritariamente com um questionamento dos modelos historiográficos que utiliza, alguns dos quais são interrogados hoje em dia pelas concepções da Nova História.

De fato, o caráter emergente da historiografia da tradução nos coloca diante de uma tarefa paradoxal. Por um lado, torna-se preciso *construir* uma história da tradução, haja vista sua inexistência ou existência fragmentada, motivada, em grande parte, pelo entendimento, prevaiente até há poucas décadas atrás, de se tratar de uma tarefa prescindível, especialmente sob a ótica de uma consideração da tradução como processo secundário ou menor. Por outro lado, torna-se necessário *des-construir* a história e o tecido de relações no qual se visava à supressão do exercício da diferença e a tradução era concebida apenas como prática da equivalência e da identidade. Temos, assim, uma atividade dupla de construção e desconstrução, que requer que se trabalhe com os dados que a história nos fornece, submetendo-os, todavia, a uma indagação que possa ampliar o material existente e apontar para novos caminhos a serem percorridos. A metodologia de investigação requer, portanto, um exame cuidadoso. A procura de uma continuidade na história da tradução pode levar a reduções e à desconsideração daqueles cuja teoria e/ou prática constituem nós descontínuos fora do fio condutor que se está seguindo. É nesse sentido que a necessidade de pluralizar os caminhos percorridos se torna mais premente, vasculhando-se aqueles tradutores e aquelas obras esquecidas, desprezadas pelos relatos sucintos sobre tradução nas historiografias literárias existentes. Para o historiógrafo da tradução, não há *uma* história, mas *histórias*, várias e diversas, da tradução.

A constituição do *corpus* de estudo também apresenta problemas ao historiador da tradução, especialmente quando este adota histórias convencionais e limita seu recorte a um único tipo de documentação, desconhecendo outros elementos que operaram juntamente com a tradução no contexto estudado. Nesse sentido, o estudo historiográfico da tradução precisa adotar uma perspectiva interdisciplinar, incorporando abordagens advindas dos Estudos Culturais, dos Estudos Pós-Coloniais e dos Estudos sobre

a Imprensa e a História do Livro, área esta última que em algumas instituições acadêmicas já constitui uma disciplina autônoma.

Os Estudos Culturais, associados a uma proposta de sociologia da cultura conforme elaborada por Raymond Williams e reelaborada por Stuart Hall e outros⁴ propõem inter-relacionar os diversos sistemas de significações que compõem o sistema social e analisar as “instituições e formações culturais”, os meios de produção e os processos de reprodução da cultura, assim como sua organização. Subjacente a essa proposta, há uma definição de cultura como “modo de vida global”, que abrange não só as “atividades artísticas e intelectuais” relacionadas com “as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ — desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade” (WILLIAMS, 1992:13). Assim, a tradução poderia ser abordada enquanto prática significativa e enquanto processo de produção e reprodução de outras práticas. Nesse sentido, a proposta de “convergência de interesses e métodos diversos” dos Estudos Culturais favorece uma investigação mais apropriada da contextualização da tradução.

Os Estudos sobre a Imprensa e a História do Livro também contribuem, através de suas metodologias e formulações teóricas, para uma melhor compreensão da inserção do texto traduzido no circuito de produção e reprodução de textos através dos diversos gêneros da imprensa. São objetos de estudo “a relação entre a história material de um texto e a história de sua recepção” (MOYLAN & STILES, 1996:7); “a indagação das fronteiras do objeto textual, explorando o literário e o extra-literário”, “a relação entre texto e livro”, este último entendido em sua materialidade, enquanto objeto de reprodução, circulação e consumo.

⁴ Para uma declaração dos objetivos da disciplina Estudos Culturais, vide GROSSBERG & RADWAY, 1994.

Nesse ponto, a historiografia conta, também, com as contribuições de um setor emergente nos Estudos da Tradução — os estudos de tradução e mídia — , que busca teorizar a tradução enquanto processo e produto vinculados às transferências que operam na transposição de textos para diversos sistemas semióticos. A atualidade desse enfoque justifica-se, como Dirk DELABASTITA (1990) assinala, pelo significativo papel que a tradução desempenha na mídia, desenhando as diversas culturas e as relações entre elas. Também, DELABASTITA aponta, no mundo globalizado atual, “a maior parte das mensagens da mídia em circulação em algum momento passaram ou passam por algum processo de tradução” (p.97).

Essa abertura para o reconhecimento das múltiplas relações da tradução com outros fenômenos culturais tornou-se possível graças às contribuições trazidas pelas disciplinas acima apontadas e também pelos Estudos Pós-Coloniais. Contestando abordagens reducionistas que enfocavam os processos de colonização e subordinação a partir de matrizes binárias, baseadas em categorias excludentes como “colonizador” e “colonizado”, os Estudos Pós-Coloniais examinam as relações de desigualdade e sujeição, observando o caráter ambíguo, as tensões tanto nos espaços *inter* como *intra*-nacionais, nos múltiplos entrecruzamentos de categorias como raça, gênero, classe e nação⁵. A indagação dos espaços híbridos e dos *entre-lugares* entre dicotomias até então estanques, como “colonizador-colonizado”, “centro-periferia”, leva à problematização de origens e originais e, portanto, ao exame do estatuto da tradução enquanto operação produtora de um novo original.

Um pouco de história

O final da década de 1970, como Else Vieira assinala, representa um momento em que formulações advindas da teoria literária, da semiótica e das teorias críticas começam a subsidiar

⁵ Cf. BHABHA, 1994; LOOMBA, 1998.

o pensamento sobre os processos tradutórios, contribuindo para que se ampliassem as unidades operacionais “para a macro-estrutura da História e da Cultura, incorporando, ainda, o papel do leitor no processo” (VIEIRA, 1996:105). Três teorias em particular, como Vieira também aponta, são fecundas nos Estudos da Tradução: a Teoria dos Poli-Sistemas (EVEN-ZOHAR, 1979), a Teoria da Recepção (Jauss e Iser em JAUSS, 1979) e a Teoria das Reescritas (LEFEVERE 1992). Suas contribuições são assim sintetizadas:

A potencialidade de se contemplar a historicidade da tradução a partir de Jauss, a equilibrada consideração do texto, produtor e leitor em Iser, uma base teórica para se trabalhar as relações entre o sistema da literatura traduzida com a literatura receptora em Even-Zohar e Toury, a interação da tradução com a cultura e suas estruturas de poder em Lefevere revelaram ser as contribuições desses teóricos válidas e necessárias para os Estudos da Tradução. (VIEIRA, 1996:108)

A consideração da História e do circuito de produção e recepção do texto traduzido representou uma abertura para a contextualização da tradução, isto é, para se considerar a que expectativas responde o texto traduzido e que respostas, por sua vez, ele gera nos receptores que irão incorporá-lo no novo sistema literário em que ele se inserirá. Nesse sentido, o conceito de literatura como sistema que interage com outros sistemas (social, político, econômico) é um conceito chave dessas abordagens. Dentre elas, a teoria dos Poli-Sistemas representou um marco de grande relevância nas abordagens da tradução enquanto processo de transferência cultural. Todavia, sua aplicação conduziu, por momentos, a análises excessivamente focalizadas no literário, na introdução de gêneros e poéticas literárias, sem se observar, contudo, o circuito global de reescritas para outros sistemas semióticos além do campo da literatura. Também foram pouco observados aspectos sociais, econômicos e políticos em curso nos momentos de intensa atividade tradutória⁶. É a partir dessa con-

⁶ Para uma leitura crítica da Teoria dos Poli-Sistemas, ver GENTZLER, 1993.

sideração que as contribuições dos Estudos Culturais para os estudos historiográficos da tradução se revelam promissoras.

Dentre as abordagens contextuais da tradução, destaca-se, em particular, a teoria das reescritas de LEFEVERE (1992), que representou uma mudança significativa nas abordagens de tradução, ao passar a contemplar aspectos adicionais da contextualização da tradução e considerá-la como um dos tantos processos de reescrita existentes. Ao lado da tradução estão, assim, a revisão, a crítica, a historiografia, a antologia, a compilação e as diversas possibilidades de transposição para outros sistemas semióticos, tais como textos reescritos para o cinema, a televisão, o teatro, e outros. A teoria de Lefevere focaliza, ainda, os sujeitos que estão envolvidos nos processos de reescrita, isto é, tradutores, adaptadores, revisores, historiógrafos, compiladores, e o marco poético-ideológico em que estão inseridos os textos reescritos.

Já nos anos noventa, apoiando-se em alguns dos princípios da teoria dos Poli-Sistemas e das reescritas, embora expandindo seus pressupostos para uma consideração maior do *locus* de enunciação do tradutor, a crítica canadense Annie Brisset tem elaborado uma abordagem interessante para se trabalhar a contextualização da tradução. Em seu trabalho *A sociocritique of translation: theatre and alterity in Quebec, 1968-1988*, BRISSET (1996) propõe um trabalho de “socio-crítica” ou “crítica sociológica” da tradução, baseado no conceito de formação discursiva. Em sua análise da tradução, Brisset busca contemplar as relações da literatura com outras formações discursivas, tais como os discursos jornalístico, médico, jurídico, científico, e observar como a tradução opera numa sociedade regulada por configurações ideológicas específicas, as quais intervêm na enunciação do tradutor. Utilizando como referencial teórico as teorias de FOUCAULT (1972), ANGENOT (1977) e, no caso específico da questão Québécois, de BELLEAU (1981), Brisset mostra, em seu trabalho, como a tradução de textos no Québec no período de 1968 a 1988 está configurada pelo discurso sobre a identidade Québécois que busca uma inserção cultural e política no âmbito da nação

canadense. O estudo filia-se ao trabalho do tradutor e crítico André BERMAN (1992; 1995), prefaciador do texto de Brisset, numa linha de reflexões sobre tradução, formação da nação e identidade que responde às novas orientações nos Estudos da Tradução. Segundo VENUTI (1992:11), as investigações nessa área precisam

examinar o lugar e a prática da tradução em culturas específicas, abordando-se questões tais como quais textos estrangeiros são escolhidos para serem traduzidos e que estratégias discursivas são empregadas em sua transposição; quais textos, estratégias e traduções são canonizadas ou marginalizadas e que grupos sociais se servem delas.⁷

A abordagem de Brisset também sinaliza a crescente participação das teorias da Análise do Discurso nos Estudos da Tradução, tanto em sua vertente francesa, bastante contemplada por Brisset na análise dos textos traduzidos, como em sua vertente anglo-americana, empregada por diversos teóricos da tradução, destacando-se as aplicações feitas por SNELL-HORNBY, (1998), HATIM & MASON (1991), BAKER (1992) e MASON (1992).

Um outro aspecto explorado por Brisset e por outros teóricos e críticos canadenses, dentre eles Jean DELISLE (1990; 1998), Judith WOODSWORTH (1998), Barbara GODARD (1990) e Sherry SIMON (1994; 1995), é o levantamento historiográfico da tradução no Canadá e em outros contextos nacionais, por ser esta sub-área uma fonte para a elaboração de novas teorias e percepções do ato tradutório. Como já foi assinalado, longe de representar uma mera compilação de obras e datas, a perspectiva historiográfica envolve uma revisão crítica do passado, visando, como assinala VENUTI (1992:10), “traçar a genealogia do

⁷ Minha tradução de: “... examining the place and practice of translation in specific cultures, addressing such questions as which foreign texts are selected for translation and which discursive strategies are used to translate them, which texts, strategies, and translations are canonized or marginalized, and which social groups are served by them”.

momento presente, enquanto se vasculha esse passado à procura de pontos de fuga, teorias e práticas alternativas da tradução” Nesse sentido, a proposta de Venuti vem ao encontro da proposta dos Estudos Culturais, segundo a qual

a cultura é vista como a esfera na qual **classe, gênero, raça** e outras desigualdades são **naturalizadas e representadas** em formas que dissociam sua conexão com desigualdades econômicas e políticas. Por outro lado, a cultura também é o meio pelo qual e através do qual diversos grupos subordinados vivem e resistem a essa subordinação. A cultura é, assim, o terreno no qual se luta pela **hegemonia** [...] é o espaço dos ‘confrontos culturais’. (O’SULLIVAN et al., 1996:71)⁸

A proposta historiográfica atual busca aliar o registro de fatos e nomes a uma análise mais aprofundada da tradução em seu contexto social e histórico, vinculando seu estudo a fatores culturais que operam na produção e reescrita de textos.

A documentação historiográfica, geralmente consistindo de material paratextual das obras traduzidas (capas, orelhas, contracapas, prefácios e notas), levantamento de dados históricos em fontes diversas, depoimentos, crítica, resenhas e comentários, precisa, sempre que possível, ter como eixo principal a palavra e comportamento do tradutor e de todos aqueles que participam do processo de reescrita de um texto. A esse respeito assinala Anthony PYM (1998:ix):

O foco principal deveria ser o próprio tradutor... É somente através do tradutor e de seu entorno social (clientes, editores, leitores) que podemos tentar compreender por que determinadas traduções foram realizadas num determinado período e lugar. Para entender por que

⁸ Minha tradução de: “Cultural studies has focused on the relations between social relations and meanings [...] culture is seen as the sphere in which class, gender, race and other inequalities are naturalized and represented in forms which sever the connection between these and economic and political inequalities. Conversely, culture is also the means by and through which various subordinate groups live and resist their subordination. Culture is, then, the terrain on which hegemony is struggled for and established, and hence it is the site of ‘cultural struggles’ ”.

foi feita uma tradução, é preciso examinar as pessoas envolvidas no processo.⁹

Essa ênfase na figura do tradutor vem ao encontro de propostas dentro dos Estudos da Tradução de se estudar o discurso do tradutor, não apenas em elementos do paratexto das traduções, como também em outras instâncias discursivas, como são depoimentos, ensaios, memórias, diários e correspondência epistolar. Uma outra fonte textual, ainda, é a ficção, na qual escritores e tradutores refletem sobre o processo tradutório. É precisamente esta última instância discursiva que tem se revelado como fonte inestimável de teorização sobre a tradução por parte de escritores e tradutores, em sua grande maioria vinculados a contextos pós-coloniais, tais como o Canadá, a Índia, a Argélia e a América Latina, incluindo-se neste último, evidentemente, o Brasil.¹⁰

A metalinguagem tradutória certamente aponta para uma percepção individual do processo tradutório, às vezes questionada quanto à sua representatividade. No entanto, sob a perspectiva de uma história plural da tradução, o registro das percepções individuais possibilita a inclusão de vozes destoantes, isto é, daqueles cuja práxis escapa à visão dominante num determinado período histórico. Por outro lado, disciplinas como a Análise do Discurso e os Estudos Culturais vêm assinalando a relevância de se contextualizar a produção discursiva, uma vez que para se compreender um projeto intelectual ou artístico é necessário compreender a formação discursiva na qual está inserido. Nesse sentido, a contribuição dessas duas disciplinas para os estudos historiográficos da tradução tem sido fundamental, ao permitir que se examine a tarefa do tradutor como uma forma complexa que merece ser estudada como um objeto em si próprio e, também, ao apontar para lugares nos quais a tradução opera de maneira

⁹ Minha tradução de: “The central object should be the human translator... Only through translators and their social entourage (clients, patrons, readers) can we try to understand why translations were produced in a particular time and place. To understand why translation happened, we have to look at the people involved”.

¹⁰ Cf. PAGANO, 1999b, 2000d.

até então despercebida ou ignorada, como é o caso da tradução nos produtos de literatura de massa e na mídia. A escolha de romances populares e de outros produtos da cultura de massa como objeto de pesquisa nos estudos historiográficos da tradução¹¹ atesta essa abertura de horizontes para além das traduções da literatura canônica.

Pesquisas historiográficas no Brasil

O campo de pesquisas historiográficas da tradução no Brasil reveste-se de um caráter dinâmico e demanda um mapeamento extensivo, observando-se o trabalho historiográfico desenvolvido, também, em áreas que dialogam com os Estudos da Tradução, como é o caso de pesquisas realizadas no âmbito da Educação e da Comunicação Social¹².

No âmbito específico dos estudos literários e da literatura comparada, contamos com a pesquisa seminal de Else VIERA (1992) sobre a metalinguagem e a praxis de tradutores brasileiros nas décadas de 1970 e 1980, que aborda a tradução como operação de leitura crítica da tradição literária universal a partir do lugar da história e cultura brasileira. Sob uma perspectiva mais sociológica, temos o trabalho de Heloisa BARBOSA (1994) sobre a recepção no exterior de literatura brasileira traduzida para a língua inglesa. Lia WYLER (1995) se debruça sobre o papel do tradutor brasileiro ao longo de diferentes períodos históricos. Já John MILTON e Irene HIRSCH (1998) recortam períodos históricos e objetos de foco mais específicos, como é o caso, respectivamente, do *Clube do Livro* e as traduções de *Moby Dick* para o português feitas no Brasil. Mais recentemente, Márcia MARTINS (1999) e Maria Teresa MACHADO (2000) abordam questões de descrição e recepção a partir da análise da tradução para o inglês de *Minha vida de menina*, de Helena Morley, no

¹¹ Cf. ROBYNS, 1991; SOHÁR, 1999.

¹² Ver, por exemplo, AMORIN, 1991; LAJOLO & ZILBERMAN, 1996.

caso da primeira, e das diversas traduções de *Hamlet* realizadas no Brasil, na pesquisa desenvolvida por Maria Teresa Machado.

Uma pesquisa historiográfica comparada

Um exemplo de abordagem historiográfica que tem como objeto de estudo a tradução no Brasil, sob uma perspectiva comparada com a tradução num outro país latino-americano, nos permite tecer algumas reflexões sobre os componentes desse tipo de pesquisa e seu arcabouço teórico. A pesquisa em questão vem sendo desenvolvida, desde 1993, por nossa equipe na Faculdade de Letras da UFMG e tem contado com o apoio de diversas agências de fomento através de auxílios individuais e bolsas de iniciação científica,¹³ do projeto PAD e de mestrado para membros da equipe que colaboraram neste projeto.

Inicialmente, a pesquisa traçou um panorama da atividade tradutória e editorial no Brasil e na Argentina no período compreendido entre a independência política dessas duas nações (no início do século XIX) e a década de 1960 (PAGANO, 1996; 1997). O estudo articulou, numa perspectiva comparativista, o discurso de tradutores e críticos literários à luz do conceito de nação nesses dois espaços latino-americanos, a Argentina e o Brasil. Tomando como base as reflexões de Antoine BERMAN (1992) sobre o papel da tradução na construção da nação alemã e as percepções de teóricos dos Estudos da Tradução que apontam para o papel da contextualização histórica dos processos tradutórios (BASSNETT, 1980; BASSNETT & LEFEVERE, 1990; VENUTI, 1992), foram abordados aspectos do entrelaçamento do discurso crítico com o discurso tradutório e o discurso de construção de uma identidade nacional. Tendo, também, como

¹³ Esta pesquisa recebeu o auxílio do CNPq através de bolsa individual no exterior, da FAPEMIG, através de apoio individual à pesquisa e dessas duas agências através de bolsas de iniciação científica e mestrado. Também obtivemos apoio da Pro-Reitoria de Graduação da UFMG, através do Programa PAD, para o projeto *Novas perspectivas em estudos linguísticos – a criação e o uso de corpora em pesquisa de leitura, produção e tradução de textos*, coordenado pela Dra. Célia Maria Magalhães.

suporte as reflexões de teóricos que trabalham com fontes ficcionais para o estudo da tradução (GONZÁLEZ, 1987; LEVINE, 1991; APARICIO, 1991; VIEIRA, 1992; ARROJO, 1993), o trabalho investigou o discurso de tradutores em romances e outros textos de ficção. O *corpus* da pesquisa consistiu no discurso de tradutores sobre sua práxis, isto é, depoimentos de tradutores em prefácios, notas de rodapé, ensaios, memórias e correspondência epistolar. O exame da metalinguagem dos tradutores argentinos e brasileiros revelou a recorrência de determinadas representações da nação, como o deserto e a disjuntiva civilização-barbárie no discurso argentino e as idéias de recriação e de fusão no discurso brasileiro. A presença dessas mesmas representações no discurso desenvolvido pelos críticos literários e pensadores em cada nação mostrou o papel significativo desempenhado pelo discurso tradutório e crítico na construção do discurso do nacional. A perspectiva comparada apontou para a especificidade do discurso da nação nos dois espaços abordados, observando-se, todavia, a existência de áreas compartilhadas. Movimentos análogos de tradução dos clássicos e dos românticos, no período de desenvolvimento de um discurso sobre a nação no século XIX, juntamente com uma expansão da atividade tradutória nas décadas de 40 e 50 do século XX, constituem exemplos de trajetórias paralelas percorridas pelas duas nações estudadas.

Uma etapa subsequente da investigação introduziu uma delimitação e uma nova variável a ser pesquisada, desta vez observando-se o fluxo de textos traduzidos, não apenas em relação a obras da literatura mundial, como também a obras traduzidas por essas duas nações latino-americanas entre si, isto é, as obras de autores argentinos traduzidas no Brasil e de autores brasileiros traduzidas na Argentina. O *corpus* da pesquisa foi formado pelo elenco de títulos traduzidos e por elementos paratextuais das obras traduzidas, tais como prefácios e ensaios introdutórios (PAGANO, 1998a, 1999a). O estudo permitiu verificar quais obras foram selecionadas para serem traduzidas no movimento de interação entre as duas nações latino-americanas e em que períodos o diálogo desses dois países através da tradução foi mais intenso.

Dentre os momentos de intensificação da atividade tradutória nas duas nações, tanto em relação a obras da literatura mundial como dos dois países entre si, aquele compreendido entre 1930 e 1950 foi objeto de um novo projeto de pesquisa, visando, agora, observar aspectos do contexto social, político e econômico no qual acontece o que se deu em chamar o *boom* da tradução na Argentina e no Brasil. Para levar a cabo essa pesquisa, o arcabouço teórico incorporou subsídios dos Estudos Culturais e dos Estudos sobre a Imprensa e a História do Livro, juntamente com elementos teóricos fornecidos pelas análises de Lefevere e Brisset, que, como vimos, concebem a tradução enquanto processo de reescrita que opera no âmbito de uma formação discursiva específica — a literatura — por sua vez inter-relacionada com outras formações discursivas sociais. O *corpus* consistiu de traduções de textos literários realizadas nas décadas de 1930 a 1950 no Brasil e na Argentina, focalizando-se alguns textos e gêneros textuais específicos que foram alvo de inúmeras transposições para diversos outros gêneros e sistemas semióticos. Foram objeto de análise a escolha de títulos feita pelas editoras, o contexto de lançamento das traduções e os elementos paratextuais das mesmas (capa, orelha, prefácios e notas do tradutor).

Dentre os aspectos contextuais estudados, análogos aos dois países e de extrema relevância para o estudo da tradução, a pesquisa revelou, em primeiro lugar, a emergência, após a Primeira Guerra Mundial, dos primeiros movimentos de circulação de bens e objetos de consumo, dentre eles, o livro, numa perspectiva de comunicação de massa. A expansão da mídia naquele período é propiciada pela crescente industrialização, o consequente aumento da produção e do consumo, especialmente por faixas da população até então excluídas do circuito comercial, um aumento do número de alfabetizados, graças a políticas de fomento à escolaridade, e um aumento no número de leitores de livros, revistas, gibis e outros produtos ditos “populares” de circulação massiva.¹⁴

¹⁴ Cf. RIVERA, 1980/86; LAFFORGUE & RIVERA, 1996; HALLEWELL, 1985; BORELLI, 1996.

À diferença dos leitores eruditos ou pertencentes a uma classe social mais afluyente, que tinham acesso a volumes adquiridos ou a bibliotecas herdadas, o novo público leitor estava perfilando-se de maneira diferente, especialmente devido a um poder aquisitivo que, embora tivesse aumentado, não poderia nunca comparar-se ao daqueles setores mais abastados. Se a “ascendente” classe media começava a consumir livros e revistas, como consequência de uma necessidade escolar ou profissional, esse consumo era possibilitado pelas facilidades de preço e localização desses produtos. Além disso, esse novo público leitor também estava aproximando-se da leitura como forma de lazer, lazer que também estava conectado às novas formas de comunicação massiva, tais como a radiofonia e o cinema.

A demanda por artigos de consumo vinculados ao âmbito escolar/profissional e ao lazer levou à necessidade de se traduzir romances, folhetins, tratados, textos acadêmicos, roteiros de radionovela, roteiros de cinema, revistas em quadrinhos, todos eles destinados a um público que começava a vivenciar uma de suas primeiras experiências de recepção massiva de informação.

O fato de se considerar a tradução nesse contexto de diversos produtos de comunicação de massas permite observar um *boom* tradutório nas décadas de 1930 a 1950, tanto na Argentina como no Brasil, países nos quais esse período é denominado “Idade de Ouro” da tradução. Além da intensidade tradutória registrada nesses dois países, observamos inter-relações importantes entre eles, que vão dos níveis comercial até o cultural e, especificamente, o literário. O contexto anterior e aquele coetâneo à Segunda Guerra Mundial mostram um redirecionamento das relações entre a América do Norte e a América do Sul, que aumentam diante do isolamento do continente americano em relação à Europa. Crescem, por exemplo, as relações comerciais entre América Latina e o Canadá, modificam-se os termos de interação entre os Estados Unidos e a América Latina e, o que é ainda mais relevante no âmbito cultural, expandem-se os novos produtos da mídia americana (cinema, romances e revistas) tanto no Brasil como na Argentina.

De especial interesse para nosso projeto, são as identificações que são construídas nesses países em torno de determinados gêneros de literatura de massa, como são os romances de aventuras, os romances detetivescos, e os romances policiais. Estes últimos, em particular, mais do que meros produtos de consumo e lazer, tornam-se representantes de formações discursivas em diálogo com reflexões sobre identidade nacional. A escrita de romances policiais publicados na Argentina e no Brasil revela uma reescrita de modelos e tramas tomados em empréstimo aos originais ingleses e norte-americanos que eram traduzidos naquela época.

Nesse sentido, o conceito de reescrita elaborado por Lefevere mostra-se de grande potencial para a compreensão das transformações paratextuais e textuais registradas nas traduções daquelas décadas, qualquer que seja o código semiótico utilizado: recriações de romances em radionovelas, de roteiros de cinema em romances, de romances em gibis, etc. As reescritas, nos diz Lefevere, operam no âmbito de condicionamentos lingüísticos, poetológicos, ideológicos e de patronagem. *O que se reescreve/ traduz num determinado período deve ser analisado juntamente com outras perguntas tais como quando, por que e como um texto é reescrito e reapresentado para um novo contexto cultural.*

Justifica-se, nesse sentido, o objeto, a metodologia e os objetivos da pesquisa desenvolvida. Estudar a tradução no contexto de outras formações discursivas, como os discursos da educação, da mídia, da política, possibilita uma abordagem interdisciplinar daquilo que até poucas décadas atrás se considerava um fenômeno meramente lingüístico. Estudar as traduções na Argentina e no Brasil, correlacionadas com o contexto no qual foram realizadas, num período histórico de trocas e mudanças, permite também uma nova compreensão das relações interculturais, através de uma perspectiva comparativista que enriquece visões restritas a uma só cultura. Estudar os elementos paratextuais e a forma como as reescritas se inserem em novos contextos de recepção de produção de significado possibilita, ainda, refletir so-

bre as inter-relações do textual e o extra-textual, do literário e do extra-literário, e sobre os diversos sistemas de significações que compõem o sistema social.

Dentre os aspectos observados nas décadas de 1930 a 1950 no Brasil e na Argentina, os quais foram estudados em sua inserção nos contextos sociais, políticos e econômicos daquelas décadas e em sua articulação com processos observados nos Estados Unidos e na Europa, podemos salientar:

- (a) a consideração da tradução como atividade inserida no circuito de trocas comerciais e culturais entre os países latino-americanos e os países da América do Norte e da Europa. Esses países aparecem como interlocutores numa comunicação propiciada, em grande medida, pela interrupção das relações com uma Europa centrada em seus conflitos bélicos antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial;
- (b) a necessidade de se explorar a tradução, sobretudo a tradução literária, em sua articulação com os diversos meios de comunicação de massa — revistas, jornais, rádio, cinema e televisão —, tendo em vista a indissociabilidade entre a prática tradutória e os processos de mídia que emergem e se consolidam nas décadas de 1930 a 1950;
- (c) a potencialidade de que se reveste o estudo da tradução de determinados gêneros textuais de marcada presença nas décadas estudadas, tanto na América Latina como na América do Norte. É este o caso dos romances policial, detetivesco, e de aventuras, cujas redes de significação estão profundamente relacionadas com os discursos sociais e políticos que caracterizam o período histórico analisado.

A consideração da tradução a partir dos subsídios dos Estudos Culturais, como já afirmamos anteriormente, tem possibilitado transcender algumas das limitações impostas por outras

abordagens do contexto tradutório, dentre elas, a teoria dos Poli-Sistemas. Nesse sentido, a avaliação realizada recentemente por BASSNETT e LEFEVERE (1998) a respeito das transformações ocorridas no campo dos Estudos da Tradução nestas últimas décadas, aponta para os frutos promissores da aproximação dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais e reivindica uma maior inserção da tradução nos Estudos Culturais.

No caso da América Latina, uma abordagem da tradução a partir de subsídios do pensamento latino-americano sobre cultura e sociedade em muito contribui para uma melhor compreensão de períodos de intensificação da atividade tradutória e de mudanças sociais. Nesse sentido, a especificidade dos fenômenos de recriação cultural na América Latina tem sido abordada, dentre outros, pelo crítico Nestor García CANCLINI (1992), que propõe uma consideração dinâmica dos processos culturais no âmbito latino-americano, transcendendo-se categorias estanques, tais como as de “alta cultura”, “cultura de massa” e “cultura popular” ou ainda de “formas artísticas autóctones” e “importadas”. Canclini sugere uma leitura da América Latina sob a perspectiva do fenômeno de *reconversão cultural*, uma noção que visa capturar a complexidade no circuito de intercâmbio e movimentos, através dos quais a alta cultura, a cultura de massa e a popular “se alimentam reciprocamente” (1992:32). Essa reciprocidade está relacionada com a existência de diferentes tradições e variados graus de modernidade na América Latina, que demandam uma contínua negociação de posições e visões no dia-a-dia da vida em comunidade.

As percepções de CANCLINI são de fundamental relevância para a pesquisa por nós desenvolvida sobre a tradução no período de 1930 a 1950. De fato, um dos grandes desafios ao se abordar esse período histórico é precisamente o alto grau de interseções entre produtos de alta cultura e cultura de massa que dialogam mutuamente via tradução através de códigos semióticos os mais diversos: o rádio, o cinema, o gibi, a revista, a fotonovela, as coleções de clássicos e consagrados, as edições de capa dura, as edições populares das bancas de jornais, o folhetim, o jornal.

Em meio a profundas mudanças econômicas e sociais, agentes culturais, tais como editores e donos de imprensas modelam a recepção das obras traduzidas através de séries e coleções que se articulam num catálogo virtual de uma biblioteca universal passível de ser adquirida pela classe média em ascensão (PAGANO, 2000b). Mas quem são os leitores dessa biblioteca virtual? Quem constitui essa classe em ascensão? Até que ponto pode-se afirmar a existência de um *boom* quando o número de excluídos é tão significativo quanto o número de contemplados? Essas são algumas das perguntas que desafiam abordagens historiográficas da tradução na América Latina sob a perspectiva dos Estudos Culturais.

Para onde vamos?

Quais são então as perspectivas de desenvolvimento de abordagens historiográficas para o novo milênio? Além do rumo já apontado por LEFEVERE e BASSNETT (1998), contamos com a proposta de complementaridade formulada por Mona Baker em sua avaliação do papel desempenhado, nos Estudos da Tradução, pelas abordagens lingüísticas e aquelas baseadas nos Estudos Culturais (BAKER, 1996). Nesse sentido, podemos considerar uma das atuais etapas de execução do projeto em andamento na Faculdade de Letras da UFMG. A proposta em curso envolve incorporar subsídios da abordagem de Estudos de *Corpora* aos estudos historiográficos da tradução, dado o enorme potencial desse tipo de análise, conforme explicitado por MAGALHÃES no capítulo 4 deste volume.

Trata-se de um estudo contextualizado e comparado, através de softwares de análise de *corpora*, de um *corpus* paralelo composto por uma seleção de contos e romances de detetive norte-americanos e suas traduções para o português e o espanhol realizadas no Brasil e na Argentina no período compreendido entre 1930 e 1950, visando à observação de decisões do tradutor na transposição dos textos. A investigação do processo subjacente ao produto tradutório busca identificar decisões que, cumulativa-

mente, revelem um comportamento ou práxis tradutória. Isso possibilita a correlação das decisões tradutórias com outras fontes de dados relativos às traduções, já analisadas em etapas anteriores, tais como o discurso do tradutor em depoimentos, notas, cartas, memórias, e a caracterização socio-político-econômica do contexto histórico no qual se inscreve a tarefa tradutória.

Em outras palavras, se o trabalho desenvolvido até agora se concentrou, principalmente, nos aspectos macro-discursivos ou contextuais da atividade tradutória no período estudado, impõe-se, neste momento, uma abordagem mais focalizada nas práticas tradutórias no nível micro-discursivo, isto é, nas estratégias de tradução utilizadas por aqueles que tiveram um papel relevante nos intercâmbios culturais à época. A relevância dos tradutores e editores nas décadas de 1930 a 1950 reside no fato de eles terem desempenhado um papel de “agentes culturais” ou mediadores na incorporação da literatura estrangeira na produção nacional. Figuras chaves como Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Mário Pedrosa no Brasil, e Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares, J. R. Wilcock e Rodolfo Walsh na Argentina, revelam uma praxis tradutória que transcende a mera transposição de um texto numa outra língua. Por eles terem sido, além de tradutores, editores, diretores de séries e coleções e proprietários de editoras e imprensas, seu desempenho enquanto tradutores se reveste de uma significação maior (Cf. HALLEWELL, 1985; MICELI, 1979; LAJOLO & ZILBERMAN, 1996; LAFFORGUE & RIVERA, 1996; RIVERA, 1980/86; SAGASTIZABAL, 1995; ULANOVSKY, 1997). Conforme atestam seus depoimentos e reflexões sobre sua prática tradutória (VERÍSSIMO, 1967, 1972, 1973; BERTASO, 1993; LOBATO, 1944, 1969; AZEVEDO et al., 1997; RIVERA, 1986), essa tarefa representa para eles uma forma de negociar a inserção de novos gêneros literários tendo como referência uma audiência que está sendo iniciada à leitura enquanto atividade de lazer e de consumo de massa (ALBUQUERQUE, 1979; YATES, 1961; SIMPSON, 1990).

Na pesquisa ora em andamento, a metalinguagem desses tradutores e editores em ensaios, memórias, notas, correspondên-

cia e em sua própria obra ficcional é assim correlacionada com as estratégias tradutórias utilizadas na transposição dos textos por eles traduzidos. Nesse sentido, a utilização de ferramentas computacionais para o estudo dos *corpora* permite a obtenção de dados quantitativos confiáveis que podem ser analisados do ponto de vista qualitativo tendo como referência as análises macro-discursivas já efetuadas.

Dentre os primeiros resultados obtidos, a partir do entrecruzamento das abordagens da historiografia e dos Estudos de *Corpora*, podemos mencionar aspectos da práxis dos tradutores que chamam a atenção quando comparados com algumas das hipóteses levantadas por pesquisadores de *corpora* paralelos e comparáveis, mais especificamente no que diz respeito a processos de transferência da língua estrangeira para a língua receptora e a estratégias de explicitação e simplificação.

Nas traduções de romances policiais, por exemplo, observamos a intervenção do tradutor no sentido de evitar transferências desnecessárias de alguns elementos coesivos, como é o caso de pronomes e recursos de repetição lexical (PAGANO, 2000e). A pesquisa também vem apontando para decisões tradutórias envolvendo reformulação de frases e períodos, com o intuito, ao que parece, de sanar possíveis problemas de compreensão por parte do leitor nas culturas receptoras. Essas decisões podem ser correlacionadas com alguns dos depoimentos disponíveis dos tradutores estudados. Por outro lado, as traduções revelam a utilização de referências culturais estrangeiras, mantidas propositamente na tradução. Esse último comportamento pareceria indicar descaso com a recepção do leitor, se não fosse pelo fato de que ele pode ser analisado como uma estratégia de manutenção do clima cultural do texto original, o que revela uma decisão de contextualizar a ação narrativa fora do ambiente espacial e temporal do leitor em potencial. A estratégia pode ser analisada a partir do marco cultural em que acontece a tradução, que, como já vimos, se caracteriza por uma proposta de introdução da leitura como lazer para uma nova classe social com acesso a alfabetização e meios de aquisição de materiais de leitura.

“A história”, afirma BASSNETT (1998:1), “é uma das coisas que aconteceu aos Estudos da Tradução” nestas últimas três décadas e as questões que agora nos preocupam surgiram a partir do momento em que a investigação tomou um rumo “cultural”. Dai o crescente número de trabalhos que abordam períodos históricos específicos e intercâmbios entre duas ou mais nações. Se as relações entre os Estudos da Tradução e os Estudos Culturais eram ainda tênues quando da avaliação de Bassnett em 1998, alguns anos depois esse diálogo revela-se um pouco mais fluido, sobretudo em matéria de metodologia de pesquisa e arcabouço teórico. À virada cultural celebrada por Bassnett nos anos 90 (“the cultural turn”), segue agora o que podemos anunciar como uma “virada histórica” nos Estudos da Tradução, desdobramento natural no percurso de todo campo disciplinar à medida que confirma sua expansão e consolidação. A história, ou melhor, as histórias da tradução serão, em última instância, o resultado dessa nova operação tradutória, dessa reescrita do tempo que dá lugar ao texto, ao texto da história, à tradução da história da tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. *O Mundo Emocionante Do Romance Policial*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- AMORIN, Sônia Maria de. “De Agatha Christie a Marcel Proust: A Edição de Literatura Traduzida Pela Editora Globo (1930-1950). Uma Odisséia Editorial.” Diss. Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1991. 205.
- ANGENOT, M. Présupposé, topos, idéoloème. *Études françaises*, 13/1-2, 11-34, 1977.
- APARICIO, F. *Versiones, interpretaciones y creaciones; instancias de la traducción literaria en hispanoamérica en el siglo veinte*. Gaithersburg: Hispamérica, 1991.
- ARROJO, R. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AZEVEDO, C.; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

BAKER, M. Linguistics and cultural studies; complementary or competing paradigms in translation studies? In: LAUER, A. et al. *Übersetzungswissenschaft im Umbruch: Festschrift für Wolfram Wilss zum 70. Geburtstag*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1996. p.9-19.

BARBOSA, H. G. *The virtual image: Brazilian literature in English translation*. Warwick: University of Warwick, 1994. (Tese de doutoramento).

BASSNETT, S; LEFEVERE, A. (Ed.). *Translation, history and culture*. London: Pinter, 1990.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. London & New York: Routledge, 1980.

BASSNETT, S., LEFEVERE, A. *Constructing cultures; essays on literary translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BELLEAU, A. Le conflit des codes dans l'institution littéraire québécoise. *Liberté*, 23/2, March-April, p.15-19, 1981.

BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BERMAN, A. *The experience of the foreign; culture and translation in romantic Germany*. Trad. S. Heyvaert. New York: State University of New York Press, 1992.

BERTASO, José Otavio. *A Globo Da Rua Da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.

BHABHA, H. *The location of culture*. London & New York: Routledge, 1994. p.171-197: The postcolonial and the postmodern.

BORELLI, S. H. S. *Ação, suspense, emoção; literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC; Estação Liberdade, 1996.

BRISSET, A. *A sociocritique of translation: theatre and alterity in Quebec, 1968-1988*. Trad. R. Gill & R. Gannon. Toronto: University of Toronto Press, 1996.

GARCÍA CANCLINI, N. Cultural reconversion. In: YÚDICE, G. et al. (Ed.). *On edge: the crisis of contemporary Latin American*

- culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. p.29-44.
- DELABASTITA, D. Translation and the mass media. In: BASSNETT, S; LEFEVERE, A. (Ed.). *Translation, history and culture*. London: Pinter, 1990. p.97-109.
- DELISLE, J. *The language alchemists*; Société des Traducteurs du Québec (1940-1990). Ottawa: University of Ottawa Press, 1990.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.
- EVEN-ZOHAR, I. Polysystem theory. *Poetics Today*, v.1, n.1-2, p.287-310, 1979.
- FOUCAULT, M. *The archeology of knowledge*. Trad. A. M. Sheridan Smith. London: Tavistock, 1972.
- GODARD, B. Theorizing feminist theory/translation. In: BASSNETT, S; LEFEVERE, A. (Ed.). *Translation, history and culture*. London: Pinter, 1990. p.87-96.
- GENTZLER, E. *Contemporary translation theories*. London & New York: Routledge, 1993.
- GONZÁLEZ, A. Translation and genealogy: *One hundred years of solitude*. In: MCGUIRK, B, CARDWELL, R. (Ed.) *Gabriel García Márquez: new readings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p.65-79.
- GROSSBERG, L., RADWAY, J. Editorial statement. *Cultural Studies*, v.8, n.3, October 1994.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil; sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985.
- HATIM, B & MASON, I. *Discourse and the translator*. London: Longman, 1991.
- HIRSCH, I. *A Baleia Multiplicada: Traduções, Adaptações e Ilustrações de Moby-Dick* USP, 1998.
- HIRSCH, Irene. "A Baleia Multiplicada." Diss. Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1998.
- JAUSS, H et al. *A literatura e o leitor; textos da estética da recepção*. Sel., trad. L. Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- LAFFORGUE, J.; RIVERA, J. *Asesinos de papel*; ensayos sobre narrativa policial. Buenos Aires: Colihue, 1996.
- LAJOLO, M & ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LEFEVERE, A. *Translation, rewriting, & the manipulation of literary fame*. London & New York: Routledge, 1992.
- LEVINE, S. J. *The subversive scribe: translating Latin American fiction*. Minnesota, Graywolf Press, 1991.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A Barca de Gleyre: 40 Anos de Correspondência Literária Entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- LOBATO, Jose Bento Monteiro. *Críticas e Outras Notas*. 3. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- LOOMBA, A. *Colonialism/postcolonialism*. London & New York: Routledge, 1998.
- MACHADO, M. T. *Para inglês ler — O diário de Helena Morley traduzido por Elizabeth Bishop*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, USP, 2000. (Tese, Doutorado).
- MARTINS, M. As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.1, p.37-51, 1996.
- MARTINS, MARCIA A. P. *A INSTRUMENTALIDADE DO MODELO DESCRITIVO PARA A ANÁLISE DE TRADUÇÕES: O CASO DOS HAMLETS BRASILEIROS*. São Paulo: Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 1999. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).
- MASON, Ian. "Discourse, Ideology and Translation". In: de BEAUGRANDE, Robert et alli. (eds.) *Language, Discourse and Translation in the West and Middle East*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992, p. 23-34.
- MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- MILTON, J. *The Clube do Livro and Questions of Translation*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, 1999.

MOYLAN, M.; STILES, L. (Ed.). *Reading books; essays on the material text and literature in America*. Amherst: University of Massachussetts Press, 1996.

O'SULLIVAN, T. et alli. *Key concepts in communication and cultural studies*. London & New York: Routledge, 1996.

PAGANO, A. *Percursos críticos e tradutórios da nação: Brasil e Argentina*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1996. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).

PAGANO, A. Percursos críticos e tradutórios da nação: Argentina e Brasil. *Em Tese*, Belo Horizonte, Pós-Graduação em Estudos Literários, FALE/UFMG, p.65-76, 1997.

PAGANO, A. Tear de tradições: o papel da tradução no desenho de projetos trans-nacionais. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, João Pessoa, 1996 ...*Anais*. ANPOLL, 1998a. p.569-574.

PAGANO, A. Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina. In: MACIEL, M. E.; ÁVILA, M. OLIVEIRA, P. (Ed.). *América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX*. Rio de Janeiro: Sette Letras/São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/Belo Horizonte: NELAM, 1999a. p.15-32.

PAGANO, A. Ficções, traduções e deslocamentos culturais: a metalinguagem de tradutores latino-americanos contemporâneos. In: OTTE, G; PESSOA, S. (Ed.). *Mosaico crítico: ensaios sobre literatura contemporânea*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b. p. 65-74.

PAGANO, A. Políticas tradutórias e editoriais na América Latina: Brasil e Argentina. In: I CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO, São Paulo, 1998... *Anais*. São Paulo: Centro Universitário Ibero-Americano, 2000a. p. 117-121.

PAGANO, A. "Uma coisa chamada *livros*": traduções e coleções bibliográficas na Argentina e no Brasil de 1930 a 1950. In: SANTOS, L. A. B.; PEREIRA, M. A. (Org.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: NELAM - Pós-Lit/FALE/UFMG, 2000b. p.19-32.

- PAGANO, A. “ ‘Tudo nos une, nada nos separa’: a institucionalização da tradução nas relações interculturais Brasil–Argentina”. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1998... *Anais*. Niterói: ANPOLL, 2000c. (cd-rom).
- PAGANO, A. Sources for translation theory: fiction in Latin America. *ATA Chronicle*, Alexandria, VA, v.29, n.4, p.38-44, April 2000d.
- PAGANO, A. Estudo das traduções de Érico Veríssimo e Mário Pedrosa a partir dos subsídios da Análise do Discurso e dos Estudos de *Corpora*. In: MAGALHÃES, C. *Relatório Final do Projeto PAD2000 - Novas perspectivas em estudos lingüísticos – a criação e o uso de corpora em pesquisa de leitura, produção e tradução de textos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000e. (inédito)
- PYM, A. *Method in translation history*. Manchester: St Jerome, 1998.
- RIVERA, J. B. El auge de la industria cultural (1930-1955). In: *Historia de la literatura Argentina*. Tomo 4. Los proyectos de las vanguardias. Bs. As.: CEAL, 1980/86. p. 577-600.
- RIVERA, J. *El Relato Policial en la Argentina: Antología Crítica*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986.
- ROBYNS, C. A ortodoxia do romance policial; apropriação ideológica e de gênero através da tradução. *Vértice*, n. 42, p.59-67, set. 1991.
- SAGASTIZÁBAL, L. de. *La edición de libros en la Argentina; una empresa de cultura*. Buenos Aires: EUDEBA, 1995.
- SHUTTLEWORTH, M., COWIE, M. *Dictionary of Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 1997.
- SIMON, S. (Ed.). *Culture in transit; translating the literature of Quebec*. Montréal: Véhicule Press, 1995.
- SIMON, S. *Le trafic des langues; traduction et culture dans la littérature québécoise*. Québec: Boréal, 1994.
- SIMPSON, Amelia. *Detective Fiction from Latin America*. London & Toronto: Associated University Presses, 1990.
- SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies: an integrated approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

- SOHÁR, A. *The cultural transfer of science fiction and fantasy in Hungary, 1989-1995*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1999.
- ULANOVSKY, C. *Paren las rotativas; historia de los grandes diarios, revistas y periodistas argentinos*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1997.
- VENUTI, L. (Ed.). *Rethinking translation; discourse, subjectivity, ideology*. London & New York: Routledge, 1992.
- VENUTI, L., BAKER, M. (Ed.). *The translation studies reader*. London & New York: Routledge, 2000.
- VERÍSSIMO, E. *Um certo Henrique Bertaso; pequeno retrato em que o pintor também aparece*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- VERÍSSIMO, Érico. "Breve Crônica Duma Editora de Província." *O Estado de São Paulo* [São Paulo] 2/4 1972: Suplemento literário: 3.
- VERÍSSIMO, Érico. *Ficção completa*. V. 3. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. Um escritor diante do espelho; uma biografia compacta.
- VIEIRA, E. R. P. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1992. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada). (Inédito).
- VIEIRA, E. R. P. *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras da FALE/UFMG, 1996.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. Trad. L. L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WYLER, L. *A tradução no Brasil: o ofício de incorporar o Outro*. Rio de Janeiro: Comunicação e Cultura – UFRJ, 1995.
- YATES, Donald. "The Argentine Detective Story." Diss. University of Michigan, 1961.

Capítulo 6

PESQUISAS EM TORNO DE TEXTOS SENSÍVEIS: OS LIVROS SAGRADOS

Carlos Alberto Gohn

As pesquisas sobre a tradução de textos sensíveis, em sua modalidade de textos sagrados, constituem uma área de renovado potencial para os Estudos da Tradução. A matéria prima para esse tipo de pesquisas vêm de textos que têm, há séculos, condicionado em muitos aspectos a vida dos seres humanos. Do grupo dos textos sagrados fazem parte, por exemplo, a *Bíblia Hebraica*, o *Novo Testamento*, o *Alcorão*, o *Bhagavad Gita* e, uma adição mais recente, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Esses textos, com exceção do último, têm suas raízes em culturas não ocidentais, tendo sido escritos em línguas como o hebraico, grego koiné, árabe e sânscrito.

Pode haver uma preocupação, por parte dos que se dispõem a pesquisar sobre tradução de textos sagrados, quanto à necessidade de se ter um profundo conhecimento de línguas clássicas. Essa preocupação é, de certa forma, desnecessária, uma vez que entre os recursos disponíveis para os que trabalham com a tradução desses textos já há glossários e outros materiais de apoio que facilitam bastante o trabalho do pesquisador. O que se pode dizer, a partir de relatos de pesquisadores que trabalham na área, é que o investimento é regiadamente retribuído em termos de prazer intelectual e, porque não, em termos de modificações na per-

cepção, por parte do pesquisador, de sua própria cultura e da cultura do outro. Veja-se, por exemplo, um trabalho meu a partir da percepção, no oriente e no ocidente, de diferentes metáforas para a expressão do conceito de “deus” (GOHN, 1998). Por funcionarem como pano-de-fundo para muito do que ocorre no campo sócio-cultural-político de um mundo globalizado, os textos sagrados mencionados acima têm inspirado pesquisas que podem proporcionar uma abertura de horizontes, levando, numa perspectiva otimista, à possibilidade de uma “fusão de horizontes”, no sentido dado a essa expressão por GADAMER (1975:273). Esse autor usou a categoria de “horizonte” para indicar aquele limite de visão a que somos submetidos por nossa própria cultura. A capacidade de transcender a viseira que nossa própria cultura nos impõe está subjacente a todo trabalho de tradução (Veja-se GOHN, 1994), para um exemplo de tentativa de alargamento de horizontes via tradução).

Deve-se, ainda, reconhecer que os textos sagrados têm como matéria prima materiais lingüísticos que podem mostrar-se voláteis e explosivos, o que funciona, às vezes, como um atrativo extra para os que amam uma certa dose de adrenalina em sua pesquisa.

Farei a seguir alguns comentários sobre a especificidade dos textos sensíveis. Mais particularmente, volto-me para a especificidade dos textos sagrados. Após esses comentários iniciais, apresentarei alguns tipos de pesquisa sobre a tradução de textos sagrados.

O que é um texto sensível?

Comecei este capítulo falando sobre textos sensíveis e remetendo imediatamente a textos sagrados. Vou agora tecer algumas considerações sobre os textos sensíveis. De certa forma, **qualquer texto pode ser visto como sensível**. Karl SIMMS (1997), no livro editado por ele com o título de *Translating sensitive texts: linguistic aspects*, dá o exemplo de uma sentença como “A introdução no ânus é muito facilitada pela aplicação de

gelatina lubrificante” (p. 4). Segundo SIMMS, essa sentença é, em si mesma, inocente e inofensiva. Ao ser encontrada em um texto de medicina, ela não levaria ninguém a ter uma reação negativa ou de surpresa. O mesmo não pode ser dito, entretanto, quando a sentença aparece, por exemplo, em um texto pornográfico. Mesmo aqui, diz SIMMS, não é o leitor de revistas eróticas que se sentiria ofendido pela sentença, mas uma outra pessoa que, por acaso, abrisse a revista erótica.

Um texto poderia ser “sensível” de quatro formas (SIMMS, 1997:5), dependendo do tipo de objeções que ele pode criar junto aos que o lêem: através de objeções por motivos ligados 1) ao estado, 2) à religião, 3) ao pudor ou 4) a determinadas pessoas em particular (não estando excluída uma superposição desses motivos em um único caso).

Se colocados diante da questão sobre o que é, afinal, um texto sensível, poderíamos responder, como já foi dito, que a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto. A sensibilidade não é, portanto, uma propriedade imanente ao texto.

A especificidade dos livros sagrados enquanto textos sensíveis

Aplicando-se os critérios de SIMMS, diremos que os textos sagrados são sensíveis porque eles são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião. Há de se reconhecer, assim, que alguma coisa de peculiar existe em relação a sua tradução. O que se observa com esse tipo de textos é que, diferentemente do que pode ocorrer com a maioria de outros tipos de texto, há um grande envolvimento emocional por parte dos usuários e reações extremadas dos ouvintes/leitores podem ser esperadas e têm acontecido na história da tradução, se pensarmos, por exemplo, nos tradutores da Bíblia que perderam a vida por terem vertido dessa ou daquela forma o texto sagrado. Coisas do passado? Nem tanto assim, se olharmos para o caso de Salman Rushdie (o autor indiano-inglês que fez uma “tradução criativa” de partes do

Alcorão, tendo sido, em decorrência disso, condenado a morte por um tribunal islâmico) e as conseqüências de sua reescrita do texto sagrado do Islamismo. O desdobramento trágico dessa história já custou a vida ao tradutor de Rushdie para o idioma japonês. Para ficarmos mais perto de nossa própria cultura, basta lembrar que membros do comitê tradutor do Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos receberam cartas ameaçadoras por terem adotado o uso de linguagem inclusiva em novas versões do texto bíblico. Como se sabe, o uso de linguagem inclusiva substitui referências exclusivas ao gênero masculino por referências genéricas que possam contemplar ambos os gêneros. Um exemplo pode ser visto com a tradução do salmo 1,1 (mostrada aqui na tradução em português da Sociedade Bíblica Trinitariana, a assim chamada *Almeida Corrigida e Fiel*):

Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios...

Uma versão inclusiva teria, para o mesmo texto do salmo algo como: “Ó, a alegria dos que não seguem o conselho dos maus”, excluindo a referência específica a “homem”. A mudança parece fácil de ser feita, mas prevalece na mente de muitos a idéia de que o texto bíblico foi transmitido, palavra por palavra, pela divindade e de que, portanto, a redação (a que já estão acostumados e que, por isso, adquire um caráter de “original”) é intocável. Essa idéia “contamina” o modo como as traduções do texto são vistas. Explica-se assim a dificuldade em se aceitar mudanças, o que provoca resistências muito fortes, às vezes, entre os próprios pesquisadores.

Neste capítulo veremos, de modo mais especial, pesquisas em torno de textos que são sensíveis por tratarem de religião. A tradução de textos sagrados para línguas diferentes daquelas em que eles foram primeiro escritos apresenta desafios que têm, por séculos, exigido criatividade e habilidade por parte dos tradutores. Antes de passarmos aos exemplos de pesquisa propriamente ditos, é necessário, contudo,

olhar mais de perto algumas questões ligadas à tradução desses textos sagrados.

Questões ligadas à funcionalidade, intencionalidade e conceitualização na tradução de textos sagrados

Para Karl SIMMS, os textos sagrados “apresentam grandes problemas de sensibilidade” (p. 21). SIMMS relembra o trabalho do pesquisador Eugene Nida, um dos pioneiros no campo de Estudo de Tradução em textos bíblicos, ligado ao centro de pesquisas do Summer Institute of Linguistics (SIL), nos Estados Unidos. NIDA enfatiza a questão da funcionalidade do texto bíblico, isto é, a preocupação em procurar resguardar, na língua de chegada, a mesma função que o texto de partida tem na língua de origem. Por exemplo, na tradução da oração do Pai Nosso para uma comunidade de índios cuja cultura não conhecesse o pão como alimento, há o desafio de como traduzir o verso “o pão nosso de cada dia nos dai hoje” de modo a tornar o texto compreensível sem, contudo, levar a uma excessiva interferência subjetiva do tradutor. A solução proposta por Nida será a de procurar algo que funcionasse para a cultura alimentar dos índios como o pão funciona para a nossa cultura, procurando, portanto, uma equivalência funcional (ou dinâmica). Evidentemente as críticas a esse tipo de abordagem vão no sentido de que é extremamente difícil entrar em um outro sistema de cultura e dizer que o termo escolhido para a tradução traz para os leitores do texto traduzido as mesmas conotações que tem o termo do texto de partida para os leitores a que ele se destinava. A questão da funcionalidade do texto traduzido tem merecido destaque na literatura especializada sobre tradução, embora o estudo da equivalência entre texto traduzido e o texto que lhe deu origem não tenha tido ultimamente muita expressividade, dada a dificuldade teórica em definir o que é equivalência. Em uma perspectiva mais atual sobre a funcionalidade da tradução, podemos propor uma alternativa de se repensar os “usos” da tradução enquanto estratégia de resistência (GOHN, 1995:7-11).

Há outras questões igualmente relevantes, como a da intencionalidade presente no texto. A intencionalidade e o objetivo comunicativo do “autor” sagrado (se é que se pode falar de um “autor” para os textos sagrados), quando reconhecíveis, oferecem outros desafios à tradução. É o caso, diz SIMMS (p. 23), de passagens de cunho patriarcal no *Alcorão*, o livro sagrado do Islã. Algumas passagens, em que a mulher parece relegada a um papel inferior, ofendem à sensibilidade atual, por termos, agora, uma atitude crítica diante de atitudes patriarcais que revelam tratamento desigual para as mulheres, como apontado pelos estudos feministas. Não há, contudo, como escapar ao reconhecimento do fato de que alguns desses textos foram criados em um caldo cultural rico em elementos patriarcais. Como se verá mais ao final deste capítulo, por exemplo, no caso de passagens que se referem ao castigo físico contra as mulheres no *Alcorão*, seria difícil retirar o componente “patriarcal” das passagens em questão, devido a leituras consagradas pela tradição

Diz-se, às vezes, que essas questões delicadas poderiam ser resolvidas através de notas de pé de página. Essas notas seriam de pouca utilidade, contudo, para a maior parte dos usuários dos textos sagrados, que os recebem muito mais pelo meio auditivo do que pelo meio escrito-visual. Essa predominância do meio auditivo na recepção da Bíblia é destacada, por exemplo, por ANTONIAZZI (1982) em seu artigo “O povo e as traduções da Bíblia: primeiro resultado de uma pesquisa”.

Um último tipo de questão levantada por SIMMS com relação aos textos sagrados e sua sensibilidade diz respeito a dificuldades de **conceitualização** (p. 23-24), exemplificadas com o desafio de traduzir a noção de “pecado” para a língua chinesa, que não tem esse termo em seu léxico. Na verdade, não seria necessário ir tão longe para encontrar um exemplo desse tipo. A própria tradução da noção bíblica de falta, de anomia (isto é, ausência de leis), como “pecado” em língua portuguesa, já dá o que pensar.

Na exemplificação dos tipos de pesquisa a seguir, as questões de funcionalidade, intencionalidade e conceitualização na tradução de textos sagrados estão claramente presentes.

Exemplificação de tipos de pesquisa possíveis com os textos sagrados

Vejamos agora com que opções metodológicas conta o pesquisador de textos sagrados, sem ter a pretensão de sermos exaustivos. É preciso ressaltar que algumas das pesquisas apresentadas já estão sendo efetivamente executadas nos locais aqui mencionados. Outras pesquisas são, contudo, programáticas, apresentando-se aqui justificativas para sua futura efetivação. Ressalve-se também que as pesquisas sobre tradução de textos religiosos no Brasil são incipientes, motivo pelo qual a exemplificação apoia-se muito mais em trabalhos que estão sendo feitos em outros centros no exterior.

A) Pesquisas sobre o índice de facilidade de compreensão que uma tradução oferece a seus usuários

Esse tipo de pesquisa tem com objetivo medir como uma determinada passagem de texto traduzido é compreendida por seus usuários quando esses são instados a responder sobre seu significado, através de técnica de entrevista ou de “protocolos verbais”, uma técnica na qual, como vimos no capítulo 1, se pede que, durante a execução de uma tarefa, o sujeito pense em voz alta sobre aquilo que está fazendo e o verbalize. O pressuposto é que existe uma correlação entre o nível de acerto às perguntas feitas pelo pesquisador e o grau de “naturalidade de expressão” (*naturalness*) da tradução. No Brasil, Alberto ANTONIAZZI (1982), professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, relata duas pesquisas-piloto desse tipo que usam o texto da Bíblia traduzida em português, feitas com habitantes das cidades de Ribeirão Preto e de Belo Horizonte. Dados colhidos pelo pesquisador destinam-se a analisar a recepção do texto bíblico por parte das camadas mais simples da população. Os resultados preliminares sugerem que as traduções da Bíblia em português podem ser aperfeiçoadas no sentido de atender melhor as necessidades de compreensão dos usuários (na medida em que eles se-

jam capazes, por exemplo, de relatarem o que compreenderam do texto de modo a fazer coincidir o seu relato com aquilo que é, de forma consensual, compreendido como a intenção comunicativa do texto). Esses usuários do texto bíblico em sua maioria têm contato com o texto ao ouvi-lo na missa ou culto bíblico. Esse fato parece ser válido para a maioria dos católicos, mas não se descarta sua relevância também para outros segmentos da população, entre eles os “crentes” e os seguidores do protestantismo tradicional. Nesse sentido, é desejável que a tradução ofereça uma facilidade de compreensão para os que escutam o texto bíblico, sem o suporte do texto escrito. Ressalte-se que o cuidado dos pesquisadores não é só o de atender aos que já têm uma exposição anterior à Bíblia, mas também aos jovens que têm contato com o texto pela primeira vez.

Justifica-se, portanto, um tipo de pesquisa como esse para se observar a recepção do texto sagrado por parte de seus usuários. Além disso, justifica-se também socialmente a pesquisa no contexto brasileiro de proliferação de seitas fundamentalistas, cujos líderes têm freqüentemente conseguido manipular parcelas menos letradas da população através da interpretação tendenciosa que dão aos textos bíblicos, a qual difere, muitas vezes, da interpretação consagrada por autoridades religiosas reconhecidamente mais responsáveis. Torna-se relevante, nesse contexto, que haja traduções “adequadas” da Bíblia, no sentido de que sejam inteligíveis àqueles que têm contato com o texto ao ouvi-lo nas igrejas que freqüentam. Não nos referimos aqui ao caráter de “adequado” no sentido de que se procure uma almejada e supostamente inalcançável equivalência entre tradução e texto original. Trata-se de uma pesquisa cujos resultados podem servir de subsídio para os que se dedicam a promover o *empoderamento* do indivíduo, dentro da área de educação para a cidadania. A noção de *empoderamento* (do inglês, *empowerment*) tem aparecido em fóruns internacionais quando estão em pauta questões ligadas aos grupos mais desfavorecidos da sociedade. Segundo PIRES (2000), “trata-se de uma perspectiva que busca contemplar quatro aspectos complementares: cognitivo, psicológico, econômico e políti-

co”. No caso da recepção da Bíblia, a libertação do povo de Israel do jugo do Egito tem sido vista como uma experiência arquetípica que seria desejável resgatar, entendendo-se por “experiência arquetípica” aquilo que é inerente a todos nós em dimensões mais amplas de nossa vivência em coletividade e também enquanto indivíduos.

Wayne Leman, da American Bible Society, tem feito pesquisas desse tipo junto aos usuários da Bíblia nos Estados Unidos (LEMAN, 2000: 1). Segundo ele,

o grau de “naturalidade” de expressão é determinado pelo estudo empírico de grandes *corpora* de texto através de testes de compreensão bem elaborados, administrados a um número significativo de sujeitos de todas as idades e níveis educacionais.

Em termos concretos, o pesquisador toma traduções diferentes da Bíblia, escolhe trechos do texto, fazendo perguntas a um grupo de sujeitos sobre a compreensão de um pequeno trecho ou de uma palavra. Os resultados são tabulados e um índice de “grau de naturalidade de expressão” é obtido.

Um exemplo da aplicação da pesquisa pode ser visto em LEMAN (2000a). O enfoque foi o de examinar as passagens que têm o Dativo grego no Novo Testamento. O Dativo é uma das declinações que possuem certas línguas que usam essa flexão nominal para indicar várias relações, entre elas a de “lugar onde”. LEMAN considerou 14 diferentes traduções da Bíblia para o inglês. No trabalho de campo procurou observar se a tradução das estruturas do Dativo grego, quando feitas muito literalmente, impediam a compreensão adequada do texto traduzido. Tome-se Mateus 5:3, por exemplo, mostrada aqui com sua tradução em inglês na *Tradução Literal de Young* e em português na versão *Almeida Corrigida e Fiel* para facilidade do leitor:

Happy the poor in spirit, because theirs is the reign of heavens
Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

A tradução da expressão “ptwcoi tw pneumati “ (aqui na transliteração do texto grego) obteve, para 9 Bíblias consultadas, a tradução literal “poor in spirit”(pobres em espírito). Essa tradução foi entendida por muitos usuários da língua inglesa como conotando algum tipo de deficiência mental. Traduções que facilitavam uma compreensão adequada traduziam como “those who know they are spiritually poor” (*Today’s English Version*) ou “aqueles que sabem que são espiritualmente pobres”. Ou ainda, “these people who know they have great spiritual needs” (*New Contemporary Version*), “aqueles que sabem que têm grandes necessidades espirituais”. O problema também aparece na tradução para a língua portuguesa. “Pobres de espírito” é comumente entendido hoje como “pessoas mesquinhas”. Estamos, evidentemente, longe aqui do entendimento consagrado nas leituras da Bíblia, isto é, “daqueles que reconhecem suas necessidades espirituais”.

Um outro exemplo (LEMAN, 2000a), também oriundo de pesquisas com textos nos quais há o uso do Dativo grego, pode ser visto em traduções de João 11:4, na passagem sobre a ressurreição de Lázaro, mostrada aqui na *Tradução Literal de Young* e na tradução em português da versão *Almeida Corrigida e Fiel*:

and Jesus having heard, said, ‘This ailment is not unto death, but for the glory of God, that the Son of God may be glorified through it.’

E Jesus ouvindo isto, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.

na qual “uper thV doxhV” (aqui na transliteração do texto grego) recebe a tradução literal “for the glory of God”, em português, “para a glória de Deus”. Segundo LEMAN. das 14 Bíblias consultadas, 10 traduziam o verso literalmente, o que pode tornar o sentido obscuro: “this sickness is not to end in death, but for the glory of God (*New American Standard Bible*), em português “essa doença não é para terminar em morte, mas para glória de Deus”. Doença para a glória de Deus? Parece contraditório. Traduções com um índice maior de grau de naturalidade de

expressão trazem uma construção como “His sickness won’t end in death. It will bring glory to God” (*Contemporary English Version*), em português, “sua doença não terminará em morte. Ela trará glória para Deus”.

Pesquisa semelhante é feita por LEMAN com expressões do Novo Testamento que trazem o Genitivo grego (LEMAN, 2000b), uma declinação que algumas línguas usam para indicar a idéia de ligação, de posse. Tome-se João 5:29, por exemplo, mostrada aqui com a *Tradução Literal de Young* e com a tradução em português na versão *Almeida Corrigida e Fiel*:

those who did the good things [shall come forth] to a rising again of life

E os que fizerem o bem sairão para a ressurreição da vida

De 13 traduções consultadas por LEMAN, 8 usam a forma literal “of” que cria uma dúvida sobre o que foi ressuscitado (teoricamente, a própria vida poderia ser ressuscitada): anastasin zwhV (aqui na transliteração do texto grego), “the resurrection of life”, em português, “a ressurreição da vida”, que pode levar à idéia de ter a própria vida ressuscitado e não, conforme o entendimento consagrado do verso, a ressurreição para a vida. Outras traduções trazem, de forma mais natural: “they will rise to eternal life” (*New Language Translation*), em português, “eles ressuscitarão para a vida eterna”.

Para a tradução da Bíblia em português, pesquisas nesses moldes fazem-se necessárias, examinando-se como sujeitos respondem a questões que medem a compreensão de trechos bíblicos, visando determinar o grau de naturalidade de expressão da tradução, para diferentes segmentos da população, divididos em faixa etária, nível econômico e sócio-cultural. Não sabemos ainda como se sairiam as traduções da Bíblia em uso no Brasil, se examinadas segundo esses critérios (ressalvando-se o estudo piloto de ANTONIAZZI, já mencionado). Para futuras pesquisas, as traduções mais utilizadas que deverão ser analisadas são a *Bíblia de Jerusalém*, a *Bíblia na Linguagem de Hoje*, a *Bíblia*

Sagrada Vozes, a Tradução Ecumênica, a Versão Pastoral, a Bíblia Viva, a Versão Revisada, a Versão Revista e Atualizada, a Versão Revista e Corrigida, a Versão Almeida Corrigida Fiel e, ainda, a versão Mundo Novo. Neste campo de investigações, faz-se premente, um maior aprofundamento das pesquisas historiográficas, tendo em vista como foi esclarecido no capítulo 5 deste livro, mapear a produção de traduções do texto bíblico para a língua portuguesa. Também se torna necessária uma contextualização dos processos de produção, distribuição e circulação dessas traduções, focalizando-se as instituições e projetos editoriais e religiosos nelas envolvidos.

B) Pesquisa sobre a utilização de recursos multimídia e a tradução da Bíblia

O ponto de vista aqui incide sobre o estudo de como o uso das novas tecnologias irá alterar a percepção que os usuários têm de um texto sagrado. No dizer de Phil MULLINS (1996:268), “a retórica eletrônica ou digital terá sem dúvida uma grande repercussão na forma como os usuários de um texto sagrado como a Bíblia respondem a ele”. Estamos entrando em uma época na qual a digitalização da informação (isto é, sua codificação em termos binários, o que permite sua transmissão eletrônica) será cada vez mais acelerada: “a tradução (de algo) em códigos de outras mídia torna-se possível com a digitalização” (MULLINS, *idem*). Isso quer dizer que entramos em um tempo de mídia integrada (*integrated media*), no qual o texto veiculado somente sob forma escrita terá de concorrer com versões dele enriquecidas em termos de outros tipos de informação (auditiva, visual, até mesmo informações tácteis e olfativas). Focalizando-se mais especificamente a presença dos textos sagrados no cyberspaço, segundo Bob HODGSON (2000), “mais cedo ou mais tarde teremos de pensar sobre o que a tecnologia moderna do computador está fazendo com nossa definição de Bíblia e de tradução da Bíblia”.

Não sabemos ainda como os usuários irão reagir diante de versões multimídia dos textos sagrados na WWW. Para Ronald

ROSCHKE (2000), “se quisermos criar traduções eletrônicas da Bíblia, precisamos também descobrir como fazer pesquisa eletrônica”.

Podemos começar com a menção de uma pesquisa, feita no Brasil, que não está diretamente ligada à tradução do texto bíblico, embora tenha a ver com a tradução de literatura norueguesa para o português. Sob o título de “A tradução cultural e os recursos multimídia: um esboço e um experimento”, Francis Aubert, professor da Universidade de São Paulo, indaga “se o ambiente proporcionado pelos recursos de hipertexto e multimídia não conteria em si a solução do problema das barreiras culturais e referenciais e da execução do ato tradutório em si” (AUBERT, 1999:34-35). Para ilustrar a questão, o autor relata um experimento de tradução para o português de texto literário (trata-se de um conto folclórico norueguês), sob a forma de um ambiente multimídia, com a inserção de elementos visuais, sonoros e intertextuais que não constavam do texto original. Um projeto piloto (AUBERT, 1993) disponibiliza na WWW a tradução de um conto folclórico para o português, com fotos e arquivos sonoros. Há ainda, o que caracteriza um recurso de interatividade e de busca de caminhos para a pesquisa eletrônica (cuja necessidade foi mencionada acima), um link para o endereço eletrônico do tradutor, de forma que os comentários dos usuários possam ser contabilizados e analisados.

No contexto da tradução da Bíblia, J. RITTER WERNER (2000) relata como a American Bible Society estabeleceu em 1989 um projeto em seu departamento de traduções voltado para a produção experimental de traduções multimídia de textos bíblicos. No site do The Research Center for Scripture and Media (Centro de Pesquisa de Escritura e Mídia), um ramo da American Bible Society, (www.americanbible.org), projetos específicos para a tradução de trechos da Bíblia em versão multimídia já estão disponibilizados.

Como outro exemplo de tradução de texto bíblico para as novas mídias, pode-se citar o trabalho de Tim Bulkeley, de Auckland, Nova Zelândia (BULKELEY, 2000). Ainda em cons-

trução na WWW, o projeto prevê o oferecimento de uma tradução do Livro Bíblico do Profeta Amós, numa experiência multimídia com texto, fotos, sons, vídeo clips e possibilidade de interação com o usuário. O autor do projeto disponibiliza ainda a fundamentação teórica que está subjacente a seu trabalho (BULKELEY, 2000a). Vê-se assim que a intenção premeditada de BULKELEY é promover o “empoderamento” (*empowerment*) do leitor, proporcionando a ele uma possibilidade, à sua escolha, de apreensão multi-sensorial do texto bíblico. Quem acessar o texto do Profeta Amós disponível na WWW (BULKELEY, 2000b) poderá ouvir o texto em hebraico e na tradução em inglês, chamada por seu autor de “versão temporária em inglês”, de modo a chamar a atenção para seu caráter propedêutico. Essa tradução facilitadora visa chamar à atenção características do texto hebraico que geralmente passam despercebidas em outras traduções. Os comentários anexos ao texto (BULKELEY, 2000c) exploram os desafios para a tradução em termos de forma, função e contextualização. Há links para mapas das regiões mencionadas no texto bíblico e para outras fontes de informações acessórias.

Para o caso específico do Brasil e de outros países da lusofonia, não há ainda, tanto quanto se saiba, pesquisas no sentido de se criar e de se testar traduções de textos sagrados em ambiente multimídia da WWW. O trabalho de pesquisa está na criação experimental e na testagem dos materiais assim criados, junto a seus usuários. As exigências para o pesquisador, além daquelas normalmente associadas ao trabalho com textos sagrados, são que ele - ou alguém de sua equipe, caso trabalhe em grupo - domine o processo de construção de sites na WWW, com inserção de recursos multimídia.

C) Pesquisas sobre o uso de corpora como forma de evidenciar a existência de representações negativas sobre o judaísmo em traduções de textos religiosos

Retomando as considerações feitas no capítulo 4 deste volume e com base em MCARTHUR & MCARTHUR (1992)

apud BALL (2000), podemos definir corpus (para estudos lingüísticos e lexicográficos) como “conjunto de textos, enunciados ou outros espécimes considerados mais ou menos representativos de uma linguagem, e geralmente compilados sob forma de banco de dados eletrônico”. Ainda segundo essa autora, os dados assim reunidos podem ser analisados através de *tagging* (o acréscimo de etiquetas de identificação e classificação às palavras e outros termos) e através do uso de programas de concordância. O exemplo de pesquisa aqui apresentado usa uma metodologia baseada em programa de concordância. Para BALL (2000), “uma concordância, em sua forma mais simples, é simplesmente uma listagem alfabética de palavras em um texto, trazendo o contexto no qual as palavras ocorrem”.

Como já foi afirmado no capítulo 4, justifica-se uma pesquisa desse tipo pelo potencial oferecido pelos Estudos de Corpora de se analisar grandes quantidades de texto e de se obterem de forma rápida e confiável dados quantitativos que podem ser analisados do ponto de vista qualitativo. Justifica-se também a pesquisa dentro de um contexto de ensino de valores éticos e de justiça social. Com efeito, embora o anti-semitismo não seja uma característica marcante de nossa cultura brasileira, grupos localizados de *skinheads* têm atuado nos grandes centros urbanos do Brasil e na WWW, fazendo propaganda de conteúdo anti-semita. Em um contexto de globalização, tensões desse tipo vêm à tona em todos os lugares. Em decorrência, Sinagogas e Centros de Cultura Israelitas tiveram, no Brasil e em outros países da América Latina e do mundo, de tomar medidas de segurança que incluem, muitas vezes, a conferência de identidade dos que querem entrar no prédio da sinagoga. Sabe-se do papel relevante da tradição religiosa na formação de atitudes, estereótipos, preconceitos e discriminação contra os judeus e o judaísmo. Torna-se, portanto, relevante verificar como os judeus e o judaísmo estão representados nos textos sagrados disponíveis em língua portuguesa, em um primeiro momento, para depois passar-se à comparação com o que ocorre em traduções para outras línguas.

No mundo anglo-saxônico, já há pesquisadores que trabalham nessa perspectiva. Paul Skaife pesquisou o uso do termo “jew” (judeu) no Novo Testamento, mostrando como traduções tendenciosas “resultaram em que os escritos do apóstolo João sejam usados, por ignorância ou por falta de escrúpulos, para que algumas pessoas expressem seu preconceito contra a raça dos judeus” (SKAIFE, 2000). David G. Burke observa que muitas traduções trazem o correspondente literal da expressão grega *hoi Ioudaioi* (literalmente, “os judeus”), quando o sentido indica claramente que só parte dos judeus estavam implicados no ponto em questão. A tradução abrangente “os judeus” tem estado na base do preconceito milenar de deicídio (assassinos de deus) feita por muitos aos judeus. Algumas traduções da Bíblia em inglês trazem, nesse contexto, “some Jews” (alguns judeus), “a Jewish group” (um grupo judeu), “some leaders” (alguns líderes) e “some of the leaders” (alguns dos líderes), o que deixa explícito que nem todos os judeus estavam envolvidos na morte de Jesus (BURKE, 2000)

A pesquisa, por mim desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, busca verificar a existência de elementos para representações negativas do judaísmo no *Novo Testamento* (tradução evangélica e tradução católica), no *Alcorão* e no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, a partir de um corpus eletrônico das obras em questão, em tradução para a língua portuguesa. Os textos em versão eletrônica podem ser encontrados, por exemplo, em um CD-Rom que acompanha a revista *CD-Rom* (Europananet, 2000). Para fazer a pesquisa, submete-se, a um instrumento de busca do texto eletrônico, os termos “judeu”, “israelita”, “hebreu” e “hebraico”. O programa de concordância fornecerá o número de vezes em que os termos ocorrem nos textos sagrados, apresentando cada uma dessas ocorrências com o contexto lingüístico exatamente anterior e posterior ao termo procurado. Tendo obtido essa lista de ocorrências, o pesquisador analisa cada uma delas, procurando observar como o judeu, individualmente ou como povo, é representado na tradução em questão. Trata-se, portanto, de uma metodologia com-

parativa, identificando-se os mini-contextos lingüísticos nos quais as expressões buscadas ocorrem, comparando-os entre si e com outros textos paralelos (no caso, outras versões publicadas do mesmo texto, em diferentes traduções).

D) Pesquisa em textos sensíveis baseada em abordagem de estudos textuais-discursivos: a perspectiva dos estudos da mulher

Em uma coletânea de artigos que tem o título de *A Bíblia Pós-Moderna* (AICHELE et al, 2000), um dos capítulos é dedicado à crítica feminista e “mulherista” (sob a perspectiva da mulher pertencente às chamadas “minorias culturais”) da Bíblia. São descritas ali algumas estratégias de leitura do texto bíblico a partir de perspectivas problematizadoras da desigualdade de gênero e com vistas a resistir a uma situação que vai contra os direitos conquistados pelas mulheres em nossa época. As estratégias são (AICHELE, 2000:246-255): a hermenêutica da recuperação, a hermenêutica da suspeita e a hermenêutica da sobrevivência. Cumpre lembrar que hermenêutica, a arte da interpretação, vem miticamente do deus Hermes, ou Mercúrio, que é o mensageiro, o encarregado de levar e trazer o significado das mensagens. Portanto, trata-se de estratégias que visam a resgatar do texto um conteúdo para subverter as práticas de caráter patriarcal fundadas nele mesmo, enquanto texto sagrado, seja recuperando personagens femininas da história, seja problematizando leituras tradicionais do texto, seja fazendo uma crítica completa das instituições sociais (igreja, escola, estado) a partir da leitura (e da tradução) do texto bíblico. Vejamos um exemplo de aplicação da hermenêutica da suspeita, através de um exame da tradução de um trecho das cartas de Paulo, que é geralmente tido como o lugar clássico para determinar que as mulheres tenham um papel de subordinação dentro da igreja. A tradução é mostrada na versão *Literal de Young* e na tradução em português da *Bíblia Ecumênica*:

Let a woman in quietness learn in all subjection, and a woman I do not suffer to teach, nor to rule a husband, but to be in quietness, for Adam was first formed, then Eve, (1 Timóteo 2:11-13)

Não permito a mulher que ensine, nem que domine o homem. Mantenham-se, portanto, em silêncio. Com efeito, Adão é que foi formado primeiro. Depois Eva. “(1 Timóteo 2:11-13)

Segundo PETERSON (1997), as palavras-chave são, em inglês, “and a woman I do not suffer to teach, nor to rule a husband”, em português, “e à mulher não permito ensinar nem governar o marido”. A *Tradução Ecumênica*, por exemplo, traz “não permito a MULHER que...domine o HOMEM”. Em grego, as palavras são “gune-”(mulher/esposa) e “aner -”(homem/marido). As traduções geralmente tomam a opção de tradução do par “mulher... homem”, o que remete o sentido da passagem às relações de liderança dentro da igreja, com exclusão das mulheres nas posições de mando. Para a crítica feminista, a tradução pela segunda opção (“Não permito à esposa que domine o marido”) é mais lógica, pelo que se segue no próximo versículo (1 Timóteo, 2: 13): “Todavia ela será salva por sua maternidade, contanto que persevere na fé, no amor e santidade, com modéstia”. Essa opção de tradução remeteria o sentido da passagem às relações intradomésticas, com a intenção de desencorajar as megeras, mulheres intratáveis dentro do lar. A hermenêutica da suspeita, portanto, leva a desconfiar de traduções que reforçam tendências da sociedade patriarcal, propondo traduções alternativas.

O livro sagrado do Islamismo, o *Alcorão*, também é examinado sob uma perspectiva feminista. Como argumentado a seguir, para o mundo do Islamismo, as questões de tradução têm, igualmente, uma grande relevância. Uma diferença fundamental no que diz respeito ao status do *Alcorão* deve ser aqui mencionada, comparando-se esse status ao da *Bíblia*. A *Bíblia*, como a temos hoje, é uma coleção de escritos de diversas origens. A *Bíblia* apresenta-se, de mais a mais, como um segundo elemento em importância frente a um primeiro, que é a divindade ela mes-

ma. Não ocorre o mesmo no mundo islâmico, que tem o *Alcorão* como a revelação feita pelo anjo Gabriel, em sua totalidade, ao profeta Maomé. Como tal, o Alcorão goza de uma veneração que, no mundo judaico ou cristão, é mais atribuída à figura de Deus Pai ou de Cristo. Segundo o *Dictionary of Islam* (1999), “em termos do cristianismo, o que chega mais perto do papel do Alcorão na fé do Islão não é a *Bíblia*, mas o próprio Cristo”. Uma das decorrências desse papel predominante do texto sagrado é que a utilização litúrgica, em público, do Alcorão é feita totalmente em língua árabe. MURAD (s/d) afirma explicitamente que “nenhuma tradução pode talvez ser satisfatória, nem é possível haver uma versão autorizada ou standard” (p.141).

Dada a importância do texto para o dia-a-dia das mulheres no mundo islâmico, um olhar “feminista” sobre o texto é mais do que necessária. Como um exemplo ilustrativo, tomemos a Surata (Capítulo) 4 que tem por título “As Mulheres”. São 176 versículos que tratam, entre outras coisas, do status da mulher no mundo islâmico

Farei um comentário sobre duas traduções do *Alcorão* para o português, de modo a introduzir a questão da metodologia de pesquisa, como ela é feita no mundo islâmico, apresentada mais abaixo. O versículo 34, tomado isoladamente, causa um certo impacto por seu teor patriarcal:

Aos homens é o domínio facultado
Sobre as mulheres! Deus assim traçou!
E eles são os que gastam o ganhado,
Co’as mesmas, como Deus determinou
Isso é sempre que o lar é digno e honrado.
Mas, se dúvida ao lar avassalou,
Deixai-as dentro do lar, isoladas!
E, em se corrigindo, serão perdoadas.(Corão, 4:34)

Essa tradução feita por Nagib Modad é sobremaneira interessante por ter sido feita em versos e por fazer uma leitura que difere da maioria das outras traduções em português (e em outras línguas). Para se ter uma percepção das diferenças envolvi-

das, basta comparar o texto com uma outra tradução, de Mansour Challita, que é representativa de como essa passagem é geralmente traduzida:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e porque gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes (ao marido) e guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aquelas de quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas. Se vos obedecerem, não mais as molesteis. (Corão, 4:34)

Tendo observado, a partir da exemplificação das duas traduções em português acima, como se coloca a questão de passagens de forte teor patriarcal no texto do *Alcorão* que parte da sensibilidade contemporânea, de certa forma, rejeita, vejamos como algumas pesquisadoras dentro do Islamismo têm procurado abordar o texto do *Alcorão* (e sua tradução) com uma estratégia que é, essencialmente, a da hermenêutica da suspeita. Faremos isso através do exame de como alguns pesquisadores na Índia, homens e mulheres, têm tratado a questão.

A Índia tem aparecido como um dos locais nos quais a pesquisa sobre a hermenêutica do *Alcorão* tem tido espaço, talvez por se tratar de uma sociedade multicultural e de pluralidade de religiões, na qual o islamismo é um dos componentes, e não o único. Na perspectiva de uma abordagem feminista do *Alcorão*, com repercussões na forma em que o texto é traduzido, pode-se tomar Asghar Ali ENGINEER, no livro *The rights of women in Islam* (1996:49-59). A autora tece alguns comentários, trazendo exemplos de *Al-Qur-an – a contemporary translation* por Ahmed Ali. Esse tradutor assemelha-se a Nagib Modad por divergir de traduções de cunho mais patriarcal. Ahmed Ali traduz: “...mulheres que são virtuosas são obedientes a Deus”(4:34), fazendo observar em nota de pé-de-página que a palavra árabe qanitat significa “obediência a Deus”, e não “obediência ao marido”, como consta em muitas traduções, inclusive em uma das mencionadas acima, em português. Como seria de se esperar, há controvérsia sobre a tradução do termo, mas poucos são os tra-

dutores que, como Nagib Modad e Ahmed Ali, propõem uma leitura menos patriarcal, retirando a alusão à obediência ao marido, tradução permitida por uma leitura não patriarcal do texto árabe. Fato semelhante ocorre com a tradução do termo árabe **wadrebuhunna**, que a maior parte dos tradutores traz como “e batei nelas”(4:34). Nagib Modad (na primeira das traduções acima, em português) evita o problema, mas Ahmed Ali (apud ENGINEER, 1966:58) traduz o termo, surpreendentemente, como “ide para a cama com elas”: “deixai-as sozinhas na cama (sem molestá-las) e ide para a cama com elas (quando desejarem)”. Essa seria uma tradução alternativa, apresentada após a leitura do texto sob a ótica da hermenêutica da suspeita. Um trabalho de minha autoria, mais abrangente, sobre a tradução de textos religiosos e transformações feministas na cultura contemporânea (GOHN, 2000), pode ser visto no CD-Rom dos *Anais do XIII Congresso Nacional da ANPOLL*.

Considerações Finais

No presente trabalho partiu-se do exame do que é um texto sensível, tendo-se chegado à conclusão de que a sensibilidade do texto está no olhar de quem o vê e não no texto propriamente dito. Especificidades próprias do texto sagrado enquanto “texto sensível” podem ser observadas quando se pesquisa a tradução em questões ligadas à funcionalidade, intencionalidade e conceitualização do texto. No que diz respeito à pesquisa em tradução de textos sagrados, estamos diante de um objeto de pesquisa que comporta várias abordagens metodológicas. Algumas dessas possíveis abordagens foram exemplificadas.

O trabalho terá atingido seu objetivo se tiver despertado o interesse por maiores informações sobre a pesquisa em tradução de textos sagrados que, com os recursos de busca da Internet, são hoje mais acessíveis.

Como mencionado ao início, o **prazer intelectual** que pode ser extraído desse tipo de pesquisa não deve ser menosprezado. A ser mais destacado, contudo, é sua **relevância de cunho**

acadêmico, ligada a questões teóricas de recepção do texto traduzido, novas tecnologias em tradução, estudos textuais-discursivos e estudos de corpora. Pode-se também mencionar, “last but not least”, a **relevância social** da pesquisa, conforme apontado no decorrer do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AICHELE, George et al. *A Bíblia pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 2000.

ANTONIAZZI, A. O povo e as traduções da Bíblia - primeiro resultado de uma pesquisa, *Vida Pastoral* 104, São Paulo, Paulus, p. 15-23, maio/junho de 1982.

AUBERT, Francis. A tradução cultural e os recursos multimídia: um esboço e um experimento. *ESP*, São Paulo, vol 20, p. 31-41, 1999.

AUBERT, Francis. *A tradução de Veslefrikk og Fela*. 1993. Disponível na Internet. <http://www.intervista.com.br/2/fredinho> em 21/03/2001.

BALL, Cathy. *Concordances and corpora*. 2000. Disponível na Internet. <http://www.georgetown.edu/cball/corpora/tutorial2.html> em 12/02/2001.

BURKE, David G. *The history and practice of Bible translation: a brief survey*. 2000. Disponível na Internet.

<http://www.researchcenter.org/Library/Publicationsarchives/keyarticlespapers/davidburke/DavidBurkeArticle.htm> em 14/03/2001.

BULKELEY, Tim. Hypertext Bible commentary. 2000a. Disponível na Internet. <http://www.bible.gen.nz/> em 02/02/2001.

BULKELEY, Tim. *PostModern Bible- Amos*. 2000b. Disponível na Internet. <http://www.auckland.ac.nz/acte/pmb/startnf.htm> em 21/02/2001.

BULKELEY, Tim. *PostModern Bible- Amos*. 2000c. Text and commentary. Disponível na Internet. <http://www.auckland.ac.nz/acte/pmb/theory.htm> em 21/02/2001.

- ENGINEER, Asghar Ali. *The rights of women in Islam*. Delhi: Sterling, 1996.
- GADAMER, Hans Georg. *Truth and method*. New York, Seabury Press 1975.
- GOHN, Carlos Alberto. *Sabor e Som: Sri Aurobindo: Tradutor Indiano*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1994. (tese de doutorado inédita)
- GOHN, Carlos Alberto. Repensando o uso da tradução no contexto da literatura pós-colonial. *Ensaio de Semiótica*. Cadernos de Teoria de Literatura, v. 28-30, 1994-1995.
- GOHN, Carlos Alberto. Kali: representações metafóricas e não-metafóricas da deusa mãe. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira e. *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998.
- GOHN, Carlos Alberto. A tradução de textos religiosos e transformações feministas na cultura contemporânea. *Anais do XIII Congresso Nacional da ANPOLL*. 2000. 1 CD-ROM.
- HODGSON, Bob. From preaching to printing. 2000. Disponível na Internet. <http://www.newmediabible.org/1goodsam/travel/gstravelmainframe.htm> em 15/12/2000.
- HUGHES, Thomas. *Dictionary of Islam*. Delhi: Rupa, 1999.
- LEMAN, Wayne. 2000a. Disponível na Internet. <http://www.egroups.com/group/bible-translations.htm> em 13/01/2001.
- LEMAN, Wayne. The New Testament - Greek. 2000b. Disponível na Internet. http://www.gwocities.com/bible_translations/natural.htm em 15/02/2001.
- MCARTHUR & MCARTHUR (Ed), *The Oxford companion to the English language*. Oxford: OUP, 1992.
- MULLINS, Phil. Sacred text in the sea of texts: the Bible in North American electronic culture. In: ESS, Charles. (Ed.) *Philosophical perspectives on computer-mediated communication*. Albany: Suny Press, 1996.
- MURAD, Khurram. *Way to the Qur'na*. The Islamic Foundation, Madras, [s/d].
- PETERSON, Jefferis Kent. *Addendum*. 1997. Disponível na Internet. <http://www.scholarscorner.com/Critical/Feminist.html> em 14/02/2001.

PIRES, Cintia. *Empoderamento: uma questão no projeto de equidade de gênero no Brasil*. 2000. Disponível na Internet. <http://www.generation99.org/journal/winter99abstracts.htm> em 11/01/2001.

ROSCHKE, Ronald. *Scholarship and decision-making in an electronic world*. 2000. Disponível na Internet. <http://www.newmediabible.org/1goodsam/travel/gstravelmainframe.htm> em 11/02/2001.

SIMMS, Karl. (Ed.). *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 1997.

SKAIFE, Paul. *The use of the word 'jew' in the New Testament*. 2000. Disponível na Internet. <http://www.cfi.org.uk/jew1.htm> em 20/03/2001.

WERNER, J. Ritter. *Sacred scripture, ritual, and cyberspace*. 2000. Disponível na Internet. <http://www.researchcenter.org/homeframe.htm> em 14/01/2001.

EUROPANET, 2000. *Revista informática e internet para a família*, Ano 6, no. 63, São Paulo: Europa. 1 CD-ROM.

Sobre os autores

Adriana Silvina Pagano é professora adjunta de língua inglesa e tradução na Faculdade de Letras da UFMG. É mestre em Letras: Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Realizou parte dos seus estudos de doutoramento na University of Nottingham, Inglaterra, e seu pós-doutoramento na University of Massachusetts at Amherst, nos Estados Unidos. Atualmente desenvolve pesquisa em tradução sob as perspectivas discursiva e historiográfica. É co-autora do livro *Traduzir com autonomia* (São Paulo: Contexto) e tem publicado diversos artigos em livros e periódicos nacionais e estrangeiros.

Carlos Gohn é professor adjunto de língua inglesa e tradução na FALE-UFMG. É Mestre em Letras: Inglês pela UFMG, Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Fez pós-doutorado no Departamento de Indologia da École Française de l'Extrême Orient em Pondicherry, Índia. Desenvolve seus trabalhos de pesquisa em tradução de textos sagrados, a partir de textos do Bhagavad Gita, da Bíblia Hebraica, do Novo Testamento e do Alcorão, objetivando estudar inter-relações entre linguagem, religião e cultura. Publicou capítulos de livro no Brasil e artigos em periódicos no Brasil e no exterior.

Célia Magalhães é professora adjunta de língua inglesa e tradução na Faculdade de Letras da UFMG. É Mestre em Letras:Linguística e Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, com pesquisas realizadas na Universidade de Nottingham. Seu principal interesse de pesquisa é a interface dos estudos da tradução com os estudos culturais e de discurso. É co-autora do livro *Traduzir com autonomia* (São Paulo: Contexto). Tem artigos publicados nas revistas da *Abralic*, *Tradterm* e *Cadernos de Tradução* e livro e capítulos traduzidos de livros publicados no Brasil.

José Luiz Vila Real Gonçalves é professor assistente de língua inglesa e tradução do ICHS-UFOP. É Mestre em Letras: Estudos Lingüísticos pela UFMG e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG. Vem desenvolvendo sua pesquisa de doutorado na área dos Estudos da Tradução, utilizando uma abordagem empírico-experimental e tendo como principal objetivo ampliar a compreensão dos processos subjacentes à competência tradutória.

Fábio Alves é professor adjunto de língua alemã e tradução na Faculdade de Letras da UFMG. É Mestre em Letras: Inglês pela UFMG e Doutor em Lingüística Aplicada pela Ruhr-Universität Bochum, Alemanha. Desenvolve seus trabalhos de pesquisa em tradução de forma empírico-experimental e seu principal objetivo são os estudos das inter-relações entre linguagem, cognição e cultura. Tem artigos publicados nas revistas *Meta*, *Intercâmbio*, *Tradterm* e *Estudos da Linguagem* e livro e capítulos de livro publicados na Alemanha e no Brasil. É co-autor do livro *Traduzir com autonomia* (São Paulo: Contexto).

Rui Rothe-Neves é professor assistente no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. É Mestre e Doutorando em Letras: Estudos Lingüísticos pela UFMG. Sua tese de doutoramento, em curso, abordará de forma empírica as inter-relações entre características cognitivas (conhecimento de L2, experiência prévia com micro-computadores e memória operante) e o desempenho do tradutor.

Estudos Lingüísticos é uma série que tem por objetivo divulgar trabalhos de pesquisa científica na área dos estudos da linguagem. Editada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, esta série publica trabalhos sobre a linguagem humana e suas inúmeras interfaces, tanto sob uma perspectiva teórica quanto aplicada.

ISBN 85-87470-20-5



9 788587 470201



PosLin